

P. 226

REVISTA

DO

Instituto Archeologico Historico e Geographico PERNAMBUCANO

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Drs. Pereira da Costa, Oliveira Lima e Mario Melo

heroicos feitos dos antigos.
vivos e impressos na memoria
reis esforços nos perigos,
lem na paz digna de gloria
Concê Bente Teixeira Pinto



PERNAMBUCO—BRASIL

Imprensa Industrial

78 e 82—Rua Visconde de Itaparica—78 e 82

RECIFE—1921

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



REVISTA

—~~~~~ DG ~~~~~—

Instituto Archeologico Historico e Geographico PERNAMBUCANO

——————
COMISSÃO DE REDACÇÃO

Drs. Pereira da Costa, Oliveira Lima e Marlo Mélo



Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria
Alli vereis esforços nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria.

Prosopopéa Bento Teixeira Pinto.



PERNAMBUCO—BRASIL

Imprensa Industrial

78 e 82—Rua Visconde de Itaparica—78 e 82

RECIFE—1921



DIRECTORIA

DO

Inst. Arch. Hist. e Geog. Pernambucano

De Janeiro de 1920 a Janeiro de 1921

Presidente

*Desembargador Primitivo de Miranda Souza Gomes
falecido, substituído pelo Dr. Pedro Celso Uchôa
Cavalcanti.*

1.º Vice-presidente

*Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, substituído pelo
Desembargador Arthur da Silva Rego.*

2.º Vice-presidente

*Desembargador Arthur da Silva Rego, substituído pelo
prof. dr. Manoel Netto Carneiro Campello.*

3.º Vice-presidente

Dr. Zeferino Gonçalves Agra.

1.º Secretario (perpetuo)

Dr. Mario Carneiro do Rego Melo.

2.º Secretario

Conego Henrique Xavier de Faria.

Oradores

*Deão Mons. José Pereira Alves,
Dr. Samuel Rodrigues Campello.*

Thesoureiro

Antonio da Cruz Ribeiro.



REVISTA

DO

Instituto Archeologico Historico e Geographico
PERNAMBUCANO

VOL. XXII

Janeiro a Dezembro de 1920

N.ºs 107 a 110

624.131.551 (813.4)

JN-00014483-8

5-11

Terremotos em Pernambuco

Ao que se sabe, até hoje tem havido em Pernambuco dois tremores de terra — um no Recife, a 28 de outubro de 1811 e outro em Caruarú a 30 de agosto de 1918, ambos felizmente, sem graves consequências.

Sobre o primeiro ha, na **Revista do Instituto historico brasileiro** (vol. XXIII, anno de 1860) ligeiros informes, depoimentos que, em 1860, obteve o imperador d. Pedro II.

Resumimo-los:

O sr. Maouel de Figuerôa Faria, proprietario do **Diario de Pernambuco**, diz que "ao toque da Ave-Maria se sentio na cidade do Recife um grande tremor subterraneo que aterrou a população." Era um rumor semelhante ao andar de uma sege. Um candieiro que estava sobre uma mesa proxima estremeceu.

O sr. Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, senador do imperio, conta que a 28 de outubro de 1811, pelas oito horas da noite, pouco mais

ou menos, foram ouvidos "tres estrondos grandes prolongados na cidade do Recife e bem parecidos a uns fortes trovões ao longe, com intervallo de uns cinco minutos de um a outro, sendo que o segundo foi mais forte que o primeiro e ultimo." O tremor foi mais pronunciado no pateo do Livramento. Objectos que se achavam sobre as mesas ameaçaram precipitar-se ao chão. Na frente da igreja do Livramento, onde haveria uma festa, fôra construida uma armação de chafariz com luzes. O estremecimento da terra abateu-a, apagando tudo. Não houve mais festa, pelo terror da população. A testemunha estava em Olinda, onde ouviu os mesmos estrondos. Tambem em Camaragibe, Suassuna e Catende e outros pontos do interior de Pernambuco foram ouvidos os estrondos.

O coronel José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa relata que estava em Olinda e observou o tremor, das 7 para as 8 horas da noite. Foi passageiro. Junta ao seu, o testemunho dos srs. Coronel reformado Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, João Gonçalves da Silva, commendador Antonio Joaquim de Mello e seu cunhado José Pires.

Sobre o segundo, publicou o dr. Mario Melo, 1.º secretario perpetuo do Instituto archeologico, no **Diario de Pernambuco** daquella epoca, o artigo que, a seguir, reproduzimos:

"O TERREMOTO DE CARUARU" — Conforme noticiou o "Diario de Pernambuco" baseado em informação fidedigna do districto telegraphico do Estado, houve, a 30 de agosto findo, um phenomeno seismico percebido pela população de Caruaru'. Por minucias que conseguimos obter, trata-se de um terremoto, sem que deva ser afastada por completo a idéa de prenuncio de um vulcão a irromper.

Terremotos — define J. C. Branner, professor de geologia e director da universidade de Stanford da California, sabio a quem devemos os mais seguros conhecimentos da estrutura do Brasil — são

choques, concussões ou abalos prolongados como ondas através das rochas da crosta da terra — ou pela fractura de rochas sob esforço, ou pelo escorregamento das rochas umas sobre as outras, ou por explosões dentro da crosta da terra nas visinhanças de vulcões, provavelmente por formação e colapso de vapor.

Caruaru' é uma região montanhosa, a mais de 500 metros de altitude, razão principal de seu excellente clima. Cercam a cidade, as serras do Jacaré, Emburanas, Torres, Malhada, S. Francisco, Terra vermelha, Cavallos, Pellada, Onça Tacaité e Raposa. A sua formação geologica é quasi toda de granito, com affloramentos tambem de gneiss e de schistos.

Num terreno dessa natureza, nem é difficil haver um terremoto — pela fractura, escorregamento ou reajustamento das rochas — nem impossivel que surjam erupções temporarias para sahida de vapores.

Se bem que a America do Sul seja a região mais propensa a terremotos, e onde grandes estragos tem elles causado, e o Brasil, excepcionalmente, com o seu vasto territorio, a mais privilegiada, até 1912 houve em nosso paiz, nada menos de 60 movimentos seismicos, inclusive um no Recife, todos felizmente sem graves consequencias.

Referem moradores de Caruaru' que ás 17 h. 25 — hora legal — do dia 30 de agosto do anno corrente, foi ouvido um estrondo longinque, semelhante ao rumor de forte trovão. Segundos depois, a terra tremeu, abalando os moveis, percebendo-se o trepidar das portas e armarios envidraçados. O phenomeno foi observado por muitos, num raio de quatro leguas do epicentro. Aliás, conforme noticiou o periodico local "Cinco de Novembro", acontecimento igual occorreu em 1908, sendo que objectos portateis, como garrafas, se deslocaram de seus logares cahindo ao solo.

A intensidade dos terremotos, segundo Rossi-Forel, é calculada por uma escala de dez graus: tremor microsismico, tremor extremamente fraco, tremor muito fraco, tremor fraco, tremor de intensidade moderada, tremor algum tanto forte, tremor meio forte, tremor extremamente forte, tremor de intensidade extrema.

O movimento seismico de Caruaru' pode ser classificado no quarto grau, como tremor fraco, pelos caracteristicos de Rossi-Forel: sentido por pessoas em movimento; deslocação de objectos moveiços, portas, janellas; estalo das vigas das casas.

O de que não ha duvida, é que houve um terremoto em Caruaru'. Que significa, porém, o estrondo que o precedeu e o originou, se nem todos os terremotos se annunciam por explosões, mormente quando resultam da irregular superposição das camadas? Deverá ser despresada por completo a possibilidade de uma erupção vulcanica geralmente annunciada por estrondos subterraneos, trepidações do solo nas proximidades da cratera por onde se projecta o vapor depois de formidavel explosão?

E' certo que Caruaru' dista muito do oceano e a maioria dos vulcões activos está proxima dos litoraes, donde a adopção geral de attribuir-se o vulcanismo á acção das aguas do mar, infiltradas e vaporizadas em alta pressão, impellindo a massa subterranea para as crateras. Mas Itatiaya e Caldas tambem estão longe do mar, e pela geologia historica se tem provado, com a presença de tufos e basaltos, que ali houve erupções vulcanicas.

E será de todo inadmissivel a idéa de vulcões em Pernambuco? Como se formou o archipelago de Fernando de Noronha, em cuja ilha principal ainda se notam vestigios de crateras? Como se formou a ilha de Santo Aleixo, em frente á barra do Serinhãem? Que significa a lava trachytica conhecida por Pedras Pretas, ao longo da costa norte do cabo de S. Agostinho? Mesmo em Caruaru': pois o dr.

Branner não encontrou ali rochas metamorphicas, semelhantes a tufos parecendo demonstrar que a série esteve originariamente depositada em agua onde as argilas alternavam com as eiecções vulcanicas que formam as jazidas de feldspatho?

Oxalá a possibilidade a que nos temos referido, como simples idéa que não deve ser desprezada, do apparecimento ou reapparecimento de um vulcão em nossa terra, de accordo com as licções dos scientistas, não passe de méra conjectura."

O assumpto provocou a opinião de duas grandes autoridades: a do prof. John Casper Branner, presidente de honra e professor de geologia da Universidade de Stanford, California, e a do dr. H. Morize, director do Observatorio nacional do Rio de Janeiro.

Eil-as:

"Stanford University, California, Novembro 20, 1918. Illmo. sr. Mario Melo. — Recebi e agradeço o excerpto do "Diario de Pernambuco" dando noticia de um tremor de terra em Caruaru'. Como já sabe, é um phenomeno muito raro no Estado de Pernambuco. O unico outro registado foi o de 28 de outubro de 1811, que se deu na cidade do Recife, conforme um escripto do imperador d. Pedro II, sahido na "Revista do Instituto historico e geographico do Brasil," vol. XXIII, 401-406, do anno de 1860.

Embora os terremotos sejam muito raros no Brasil, a verdade é que não ha lugar no mundo inteiro que seja completamente livre de taes tremores. Não se pode dizer com certeza, porem, que os terremotos tenham relações directas com as rochas eruptivas. Parece mais provavel que sejam produzidos pelo reajustamento das camadas de rochas que se desequilibram por pressão. Nessas condições, qualquer escorregamento ou fractura das rochas produz um abalo ou tremor que, partindo deste centro ou foco, se estende em todas as direcções, mas sempre diminuindo de força.

Examinando o mappa scismologico do Brasil, a

pagina 155 de nossa "Geologia elementar", deve-se notar que existe no Brazil uma zona scismologica que, partindo da serra do Mar, na visinhança de Santos, segue a divisa das aguas a leste do rio S. Francisco, passando pela chapada diamantina da Bahia, e vae sahir na costa do Estado do Rio Grande do Norte, entre Aracaty e o cabo S. Roque. Esta linha ou zona é parallela á estructura geologica de grande parte do paiz. Na visinhança da Bahia de Todos os Santos existe uma area scismica subordinada á primeira, e parece provavel que Caruaru' seja a continuação para o norte desta zona scismica da Bahia. Uma nota sobre um tremor sentido na cidade de Vigosa, Estado de Alagoas, apoia esta hypothese.

Os estrondos que muitas vezes acompanham os terremotos ainda não são bem comprehendidos.

E' boa idéa registrar e publicar notas desses phenomenos da natureza. Com tempo devem contribuir para o conhecimento do paiz.

Queira apresentar os meus cumprimentos mais cordeaes aos membros do Instituto archeologico e geographico pernambucano. Amo. crd. obrg. —
J. C. Branner."

"Exmo. sr. dr. Mario Melo — Tenho a honra de responder a vossa carta de 23 de setembro ultimo e de vos pedir desculpas pela demora havida, a qual em grande parte resultou da desorganização causada em todos os serviços pela epidemia que está felizmente desaparecendo.

Na data assignalada para o movimento sismico occorrido em Caruaru' (30 de agosto), nada foi aqui registrado, o que resulta da fraqueza da perturbação no seu foco, a qual é perfeitamente compativel com effeitos consideraveis no epicentro, sem que esses effeitos sejam sentidos a distancias relativamente curtas. Entretanto, um abalo muito forte produzido em grande profundidade poderá se manifestar com fraca intensidade no epicentro e ser registrado a consideraveis distancias.

O facto é que choques analogos tem sido notados em varios pontos do Brasil e, ultimamente, na redondeza da capital da Bahia.

E' difficil, sem cuidadoso estudo geologico da zona epicentral, emittir opinião relativa á causa desses pequenos seismos. Tendo consultado acatada **autoridade em relação aos terremotos bahianos**, eis o ~~que~~ me respondeu o meu illustrado amigo dr. Luiz Gonzaga de Campos, chefe do serviço geologico e meteorologico.

Na zona apontada existe uma bacia fechada para **formações** antiquissimas e perfeitamente consolidada.

Dentro desta bacia, formaram-se pelo desaparecimento das aguas, depositos de argilla que constituiram camadas de shistos, primitivamente horizontaes, as quaes, com o tempo, vão abatendo e "murchando", conforme a palavra exacta do dr. Luiz Gonzaga. Nesse movimento, as camadas vão escorregando de encontro ás paredes de rochas primitivas, produzindo dessa maneira os abalos observados.

Quer me parecer ser applicavel a Caruaru' a mesma explicação, pois, o autor da memoria sobre o movimento sismico em questão diz, na sua concisa descripção geologica do terreno: "A sua formação geologica é quasi toda de granito com afloramento tambem de gneiss e de shistos."

Em todo o caso, o facto merece ser estudado, e logo que me seja possivel, mandarei, juntamente com um geologo destacado pelo dr. Luiz Gonzaga, um especialista em terremotos para syndicar da maneira mais completa do que houve e do que é licito esperar.

Aproveito o ensejo para apresentar-vos a expressão de meus sentimentos de elevada consideração. — H. Morize."

H2.25 (813.41)

12-37

Origens de algumas praças e ruas do Recife

PRAÇA DA INDEPENDENCIA

1756

MARÇO 18 — Por deliberação do governador Luiz Diogo Lobo da Silva em junta convocada e reunida neste dia, foi a praça da Polé destinada ao mercado de farinha, cereaes e legumes, até o meio dia, podendo então os vendedores sahirem com as suas mercadorias a vendel-as pelas ruas da villa, impondo-se aos contraventores a pena de vinte dias de prisão e perda dos generos.

A praça da Polé, a futura praça da Independencia, vinha do traçado da cidade Mauricia, grande, de quatro faces, e com seis largas passagens para as ruas, que em rumos diversos, constituíam aquelle burgo hollandez. Era a sua praça do mercado.

Depois da evacuação dos hollandezes em 1654, permaneceu a praça ainda por muito tempo, guardando os seus primitivos moldes de extensão e largura, uniformemente iguaes, até que teve de ceder alguma cousa a novas construcções, que d'est'arte reduziram-na exactamente ao espaço com que ficou depois da demolição dos predios, que uniformemen-

te se construíram avançando um pouco ás antigas construcções e ainda mais reduzindo a sua area.

Nessa segundo phase recebeu a denominação de **Praça da Polé**, pelo facto de se erguer ahí o poste de supplicio da polé, transferido do bairro do Recife em principios do seculo XVIII.

Por esse tempo havia no centro da praça um poço ou cacimba, que a municipalidade mandára abrir para servidão publica, e junto a qual se levantava o alto poste da polé, que assim servia de nóra para a extracção d'agua.

Por muitos annos permaneceu a polé nesta praça, até que foi removida para outro local, em epocha porem desconhecida. Entretanto já não estava alli em 1763, como se vê de um documento da epocha, um recibo do pagamento de fóros do terreno de um predio situado no **Largo da Polé velha, que vai para o Rosario**. Naquelle anno, um dos predios da praça, pertencente aos padres jesuitas, rendia o aluguel de **quatro patacas por mez**.

Resolvendo o laborioso governador d. Thomaz José de Mello, entre os varios melhoramentos que apprehendeu e executou, dotar a praça do Recife com um mercado publico, insinuou á Camara municipal que providenciasse sobre o assumpto, indicando este como local mais apropriado á semelhante fim a praça da Polé; e como a municipalidade não dispunha dos meios necessarios á realização do projecto, baixou uma portaria em 18 de Janeiro de 1788 ordenando ao thesoureiro das multas impostas em beneficio do hospital dos Lazaros, que emprestasse á camara a quantia de 804\$426 que tinha em seu poder, ao premio de quatro por cento ao anno e mediante escriptura de obrigação firmada pela mesma camara.

Com semelhante recurso começaram logo os trabalhos, sob a direcção do ouvidor geral dr. Antonio Xavier de Moraes Teixeira Homem, findos os quaes

teve logar a inauguração da praça no dia 21 de setembro do mesmo anno, e festivamente celebrada, com assistencia da camara, do governador d. Thomaz José de Mello, do bispo diocesano d. frei Diogo de Jesus Jardim, do dr. juiz corregedor e de outras pessoas gradas, como tudo consta do respectivo termo.

A nova praça, formando um trapesio irregular, cuja maior largura ficava para o lado occidental, era formada por sessenta e duas casinhas, uniformemente construidas, com um alpendre corrido, que descancava sobre uma arcaria, correspondendo cada arco a uma casinha.

Assim regularmente construida a praça, ficou mesmo com certa elegancia, para o tempo. desapareceu a cacimba que ficava ao centro, porém perdeu muito da sua primitiva area, não somente pela construcção dos seus edificios, como porque deixaram aos lados duas travessas: uma ao sul, a que o vulgo deu o nome de **becco do Peixe Frito**, e outra ao norte, que ficou conhecida por **becco da Polé**, e depois por **travessa das Cruzes** por partir da rua deste nome, e que encorporada com a do Queimado, em 1870, constituem uma só rua com a extranha denominação de **Duque de Caxias**.

As casinhas da praça foram todas alugadas para estabelecimentos commerciaes e quitandas, assegurando desde logo uma renda annual da 900\$000, de modo que, a municipalidade não sómente desempenhou-se logo do seu compromisso, como ficou dahi por diante com uma nova fonte de renda para fazer face aos seus encargos.

No dia 3 de janeiro de 1789 teve logar a primeira feira da nova praça, como consta de um Bando do governador d. Thomaz, no qual ordenava que, daquelle dia por diante, tivesse logar na praça a venda dos generos de primeira necessidade então mui escassos e de subido preço pelo flagello de uma grande secca que desde annos assolava em Pernam-

buco, impondo elle no referido Bando, entre outras penas, a de 10\$000 pagos na cadeia, a todo aquelle que fosse descoberto vendendo ou comprando fóra da praça.

A braços com essa calamidade publica, tomou ainda d. Thomaz outras medidas, como refere um nosso chronista, no sentido de obstar o monopolio que faziam da farinha de mandioca, desalmados especuladores, que, dominados pela ganancia do lucro, não se davam de traficar com a miseria publica. A estes mandou d. Thomaz recolher á cadeia e carregal-os de ferros, sendo-lhes tomada e vendida a farinha que tinham em deposito, cujo producto ordenou que fosse applicado ao hospital dos Lazaros.

Com semelhantes medidas, não só a farinha apprehendida, como a pouca que concorria ao mercado, era vendida na praça da Polé, e a ninguem era dado vender mais de um selamim, despachando-se, porém, de preferencia os pobres.

Quando havia farinha a vender-se no mercado da praça, soltava-se um foguete do ar, que servia como que de annuncio de começo da sua venda; e por esse facto, denominou o povo a farinha, que se vendia assim annunciada, por **farinha de foguete**.

Desabando em 1815 a ponte do Recife, sobre a qual existiam duas ordens lateraes de casinhas occupadas por mercadores de quinquilharias e outros objectos, alem dos prejuizos causados por semelhante catastrophe, viam-se elles privados de continuar com o seu negocio á falta de alojamento para a installação de novos estabelecimentos.

A camara municipal, porém, tendo em vista remediar essa difficuldade, resolveu dar uma nova forma á praça da Polé, proporcionando-lhe maiores accomodações para estabelecimentos commerciaes, e mesmo com um certo cunho de elegancia, mediante um emprestimo da quantia necessaria proporcionada pelos prejudicados lojistas da ponte, com a garantia de conceder-lhes não somente as novas ca-

sas, como ainda as que ficariam desoccupadas pelas remoção das quitandas para a ribeira do peixe, em S. José, convertida hoje no bello edificio do mercado publico.

Com esse emprestimo, que attingiu á quantia de 4:300\$ deram-se começo ás obras da nova construcção da praça, segundo o plano organizado pelo brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro, commandante do segundo regimento de artilharia da praça do Recife.

Coincidindo a conclusão das novas obras da praça com a recente elevação do Brasil á categoria de reino, unido ao de Portugal e Algarves, desapparecendo dest'arte a sua secundaria posição de uma simples colonia ou possessão portugueza, o que tanto concorreu para accelerar a nossa emancipação politica, e chegando assim a sua noticia ao tempo dos planos de reconstrucção da Praça da Polé e começo das suas obras de execução, resolveu o governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro substituir aquella denominação, que recordava a existencia no local, em outros tempos, de um barbaro e aviltante instrumento de supplicio, por uma outra que commemorasse aquelle grandioso factó, impondo-lhe com tal intuito o expressivo nome de **Praça da União**, ao que annuo a Camara em sessão de 27 de julho de 1816.

Para exprimir essa denominação, symbolicamente, como diz o governador Caetano Pinto em officio dirigido á Camara em 24 daquelle mez e anno, mandou collocar — duas figuras da **Luzitanea** e **Brazil**, dando-se as mãos e apertando os laços indissolúveis, com que a benevola e alta sabedoria de Sua Magestade uniu os seus reinos do antigo e novo mundo.

As obras de construcção da nova praça, conservando-se porem, as duas travessas lateraes, terminaram em Março de 1818, quando os commerciantes tomaram conta das suas lojas da **Praça Nova da União**, sem preferencias odiosas, quanto ás vantagens locais

de umas tantas, uma vez que o governador Caetano Pinto prevenira a sua distribuição determinando no officio que dirigira á Camara em 24 de julho de 1816, que, para evitar outra origem de duvidas na distribuição das lojas, — fossem todas numeradas, lançando-se os quarenta numeros em uma urna, pertencente a cada um o que lhe focasse por sorte.

Ao que parece, a antiga denominação da **Praça da Polé**, não teve muita voga, uma vez, que em um documento de 1797 a encontramos com o nome de **Praça Grande**, e em outro de 1801, com o de **Praça dos Canineiros**, apesar de, em outros de datas posteriores, se encontrar ainda a sua commum denominação de **Praça da Polé**.

As duas figuras symbolicas que se viam á entrada da praça, eram esculpturadas em pedra, de proporcionado tamanho e estavam collocadas sobre os capiteis das columnas de corinthias que ornamentavam os angulos dos predios que ficavam á entrada, pelo lado oriental, erguendo-se a que representava o Brasil, no lado do Norte, e a que symbolisava Portugal no do Sul.

Estas figuras symbolisando a união dos dois reinos desapareceram desde muitos annos, acaso na epocha reaccionaria das nossas luctas emancipacionistas, ou em 1824, quando o presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade mandou destruir os braços d'armas portuguezas que existiam na fachada de varios edificios publicos.

Veio depois a reacção contra o proprio nome da praça; appareceram demonstrações contrarias á sua permanencia, como entre outras, um artigo publicado no **Diario de Pernambuco** em 1831, epocha de grande agitação politica, lembrando á Camara a mudança — “desse nome odioso de praça da União, que se referia á da antiga metropole do Brasil, por um outro que nos fosse caro.”

Effectivamente, a idéa vingou, e em sessão de

5 de novembro de 1833 a Camara substituiu o nome de União pelo de Independencia, e com o que perfeitamente se harmonisava a uniforme pintura dos seus predios com as cores nacionaes, predios esses, que por varias vezes tentada a sua demolição para o alargamento da area da praça, como cogitava a municipalidade, somente em 1905 foi que teve logar a sua realização, ficando assim como ora se vê a nossa **Praça da Independencia**, com o seu particular cunho de belleza pela sua disposição, elegancia dos seus novos edificios e vistoso ajardinamento.

A PRAÇA DA BOA VISTA

1825

Setembro 28 — Aviso do ministerio do imperio mandando construir uma fonte publica no centro da praça da Boa Vista, segundo ordens anteriores já a respeito expedidas, o que então não teve effeito, e somente foi attendido annos depois.

Effectivamente, incorporada a Companhia do Beberibe incumbida do abastecimento d'agua á cidade do Recife, mandou construir em 1846 no centro da praça um elegante e alteroso chafariz, tendo em vista mais um monumento de luxo do que de utilidade e com o qual dispendeu cerca de 7:000\$000.

O chafariz da praça da Boa Vista, lê-se no relatório da Companhia de 22 de dezembro de 1847, é talvez pela sua elegancia e moderna construcção, um dos melhores monumentos que neste genero temos no imperio. Nelle se acham algumas legendas que a administração mandou inscrever: indicam ellas um signal de respeito, um voto de amor, e a historia abreviada

do encanamento: assim pois, lê-se em letras douradas: **Chafariz imperial**, entre a primeira e a segunda bacia, **A' prosperidade do paiz pela Companhia do Beberibe**, e logo acima da base estes versos do conselheiro João Capistrano Bandeira de Mello, allusivo ao riacho da Prata, o manancial que abastece a cidade:

O Prata, longe, entre bosques,
A luz do sol se encobria,
E nas sombras serpiando
Selvagem, dubio, corria.

Civico esforço o destorce,
E eil-lo loção se deslisa,
Sauda o Prata a cidade,
Grato á mão que o civilisa.

Perenne, igual, copioso,
Derramando a lympha pura,
Prestante a todos reparte
Salubridade e duçura.

Ei-lo aqui na voz dos echos
Patrios brios celebrando;
Ei-lo aqui na lage em fios,
Os cristaes despedaçando.

Esse bellissimo chafariz foi demolido quando se procedeu ao ajardinamento da praça, aproveitando-se com tudo, a sua base circular para a construcção de um elegante pavilhão para musica, mas retirando-se as quatro placas de marmore em que se viam gravadas aquellas primoras quadrinhas, as quaes bem podiam ter ficado onde estavam assentadas como uma recordação historica ou simples curiosidade. Da velha fonte da praça da Boa Vista résta uma estampa lithographada na revista illustrada. **O Monitor Familiar**, de 1859.

Resolvendo os moradores do bairro fazer alguma cousa que perpetuasse a victoria do Brasil na campanha do Paraguay, foi assentado o ajardinamento da praça, levantando-se no centro uma fonte monumental, de marmore, coroando-a um emblema allegorico da nossa nacionalidade. Organizando-se assim uma commissão para promover os meios necessarios á realisacão da idéa, a 12 de Abril de 1872 tinha lugar a solennidade do lançamento da sua pedra fundamental, até que em 7 de Setembro de 1876, terminadas as obras, foi o jardim festivamente franqueado ao publico.

A fonte mede da base, disposta em forma de cruz latina, e de granito, até ao cimo de uma estatua allegorica do Brasil—uma india, de vulto natural, e com os seus adornos festivos—quasi oito metros. Sobre cada uma das extremidades da cruz basica vê-se um leão curvado sobre as patas, e sustentando a primeira bacia da fonte com um diametro de mais de tres metros, e na qual figuram quatro nymphas, de pé, com mais de metro e meio de altura, equidistantemente dispostas, e em attitude de se banharem recebendo as aguas que transbordam da segunda bacia, e jorram das fontes que ficam sobre a terceira. Essas tres bacias vão gradualmente diminuindo de circumferencia. Estão artistica e convenientemente dispostas.

A fonte, que avança muito á primitiva, cuja base ainda se vê, servindo á do pavilhão da musica, é de marmore de Lisboa, de primoroso trabalho artistico, e andou nuns 10:000\$000.

1831

Julho, 9 — Sessão solenne da Camara municipal do Recife, na qual foi apresentado o projecto de um monumento, que se pretendia erigir em memoria dos martyres da patria de 1817 e 1824, offerecido pelos cidadãos José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pes-

soa e Mello, José Tavares Gomes da Fonseca, Antonio Carneiro Machado Rios e Francisco Antonio Pereira dos Santos, os quaes, no requerimento que dirigiram sobre o assumpto, solicitavam não só a necessaria licença para a erecção do monumento, como tambem a concessão do local escolhido, a praça da Boa Vista.

Recebendo a camara o requerimento delegou uma commissão composta de tres de seus membros ao presidente da provincia, para o consultar sobre tão importante e momentoso assumpto como era a erecção de um — **patriotico monumento em honra de tantos martyres sacrificados por amor da liberdade e independencia da Patria;** — e voltando a commissão com o parecer favoravel da presidencia concedeu a camara tanto uma como outra cousa.

O monumento foi projectado pelo architecto Henrique Manoel Scott, representava uma pyramide, com emblemas allegoricas e inscrições historicas, e o local escolhido para o seu levantamento, passou a ser denominado **Praça dos Martyres**, por deliberação da mesma camara.

Na sessão immediata, celebrada para se tratar de levar a effeito tão patriotica idéa, cuja reunião foi concorridissima, compareceu o cidadão José Joaquim da Fonseca Capibaribe, que recitou um patriotico e muito applaudido discurso cuja peca, logo após publicada no **Diario de Pernambuco** termina assim:

... “Conheça o mundo que os brasileiros sabem respeitar as cinzas dos primeiros propugnadores de suas liberdades; que os brazileiros, posto que, acanhados ainda em civilisação não invejam a da velha Europa, por isso que tem-n'a precisa para amar a virtude e aborrecer o crime; prégar a liberdade, e odiar ao despotismo; que se algum despota houver, tão audaz que se lembre lançar-nos de novo vergonhosos ferros, será victima de sua loucura, e sepultar-se-ha no abysmo que elle mesmo cavar: que primeiro se reduzirá Pernambuco a cinzas, que uma

só pedra desse monumento, que hoje pretendemos erigir seja por tyranno algum arrancada: que os brasileiros querem, em fim são e hão de ser livres, e que

A patria dos heróes pernambucanos,
O classico paiz da liberdade,
Erige aos martyres seus um monumento
Para exemplo da posteridade.

Como idéa de propaganda, foi então, repetidamente representado no theatro publico do Recife um drama patriotico sob o titulo: **Os Martyres da Liberdade**, ornado de musica, escripto pelo professor José de Lima.

Por circunstancias que nos são desconhecidas, fracassou tão generosa idéa, ficando de pé, porém, a patriotica consagração de **Praça dos Martyres** imposta áquella em que se tinha de erigir o monumento.

Entretanto, a propria municipalidade, que assim impunha uma nova denominação á praça da Boa Vista em 1831, ao antigo Largo do Aterro da Boa Vista, como a encontramos designada em documentos de 1767, e depois da construcção da igreja parochial, com a de largo ou praça da Matriz: impoz-lhe em 1870, num chrisma geral das ruas, a denominação de **Praça do Conde d'Eu**, "para perpetuar a lembrança do principe que tantos serviços prestou na campanha do Paraguay, e tantos louros colheu para a sua patria adoptiva."

Vem a Republica; e a mesma edilidade, esquecendo a denominação puramente republicana de **Praça dos Martyres**, que devia restaurar, como uma lição civica á memoria de tantos patriotas illustres, que subiram aos cadafalços regios em 1817 e 1824, por sonharem com uma patria livre sob um governo livre; e como um protesto de condemnação á memo-

ria daquelle mesmo principe, cujos serviços reconhe-
cera em 1870, impoz-lhe o nome de **Praça Maciel Pi-
nheiro**, em sessão de 23 de Novembro de 1889, —
“em homenagem á memoria do illustre Dr. Luiz
Ferreira Maciel Pinheiro, que tanto se nobilitou pe-
los seus serviços em prol da causa democratica e da
libertação dos escravos”.

De tudo isto, porém, o que resulta?... O povo
em sua soberania absoluta, a chama, e chamará
sempre: a **Praça da Boa Vista!**

A PRAÇA DO PARAIZO

1786

Neste anno manda o governador José Cesar de
Menezes construir um quartel no bairro de Santo
Antonio nas proximidades da igreja do Hospital do
Paraizo, para alojar o regimento de artilharia de
Olinda transferido para o Recife, cujas obras atin-
giram a cerca de 3:000\$000.

Nesse quartel permanecia ainda o regimento em
1817, commandado pelo brigadeiro Manoel Joaquim
Barbosa de Castro e onde a 6 de Março explodio o
movimento separatista, perecendo aquelle official e
ouvindo-se então o grito de independencia nacional
erguido pelo ardoroso capitão Pedro da Silva Pedroso

Foi então, por decreto do governo provisório de
26 do mesmo mez convertido o regimento em bata-
lhão, e promovido a coronel, seu commandante, o
capitão José de Barros Lima, o **Leão coroadado**, que,
como tal, recebeu o estandarte republicano, depois
da sua benção solenne, no Campo da Honra, no dia
2 de abril.

No quartel do Paraiso, como era chamado, tiveram alojamento varios corpos da guarnição, e por fim, o policial, ficando assim com a vulgar denominação de **quartel de policia**; mas ameaçando o velho edificio serios perigos pelo seu adiantado estado de ruinas, foi o batalhão transferido para o aquartelamento da Soledade, e autorisada a sua demolição pela presidencia da provincia em 13 de Abril de 1875, o que, effectivamente, teve logar immediatamente.

Concurrentemente com o quartel foi demolido um predio contiguo, e bem assim também desapareceram umas casinhas, que corriam á face do oitão daquelle predio e chegavam até junto á primitiva capella do extinto Hospital do Paraiso.

O quartel media 17 metros de frente á face da rua, com uma area central de 5 de largura, a que dava entrada um elevado arco com um singello frontão, lateralmente correndo os respectivos alojamentos, de sobrado, e que occupava em sua extensão, toda a que vai da rua, passando pelo local em que está construido o edificio da secretaria da Santa Casa de Misericordia, até chegar á travessa dos Expostos, chamada hoje **Rua de Pedro Ivo**. Originariamente porem, ia o edificio mais além, porquanto chegava até junto a um calabouço construido no mesmo tempo, para prisão dos soldados, e que achando-se arruinado, e abandonado, por não se prestar mais aos fins a que era destinado, foi convenientemente aproveitado em 1874 para escola publica, e hoje convertido em posto policial, sendo essa parte do edificio que interrompia o prolongamento da referida travessa demolida em 1839. E' desse **Calabouço**, que vem o nome da rua assim chamada, correntemente, apezar do official de **28 de Setembro**, imposto pela municipalidade em 1884, para commemorar a lei da libertação do ventre da

mulher escrava decretada naquelle dia do anno de 1871.

Esse edificio do quartel, que encontramos construido pelo governador José Cesar de Menezes, como vimos, foi sem duvida uma reconstrucção, porquanto, como consta de um documento de fé, que livemos sob as vistas, o testamento do sargento-mór Francisco Luiz da Terra, celebrado a 20 de Outubro de 1741, legava elle á Irmandade das Almas da Matriz de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife, duas moradas de casas de pedra e cal, na rua da Casa da Polvora (Cabugá), que vai para os quarteis dos soldados.

Esse trecho de rua, que se estende da praça da Independência a do Paraiso, vinha já de meiodos do seculo XVII, tinha em 1674 a denominação de **Rua do Pinho**, documentadamente constatada, o que aliás não perdurou, porque, como vimos do testamento do sargento mór, Terra, não tinha então denominação alguma, o que ainda se verifica em 1759, no inventario dos bens dos jesuitas, então celebrado, no qual tem apenas a indicação de rua que vai da Polé (Praça da Independencia) para o Hospital do Paraiso, na mensão de uma casa de sua propriedade ahi situada, que então rendia 12\$000 anuaes, até que teve a denominação vulgar de **Rua dos Quarteis**, com a construcção do aquartellamento, o que officialmente perdeu com a sua incorporação á **Rua Larga do Rosario**.

Com a demolição do quartel e predios adjacentes, resultou a communicacção do pateo da matriz de Santo Antonio, com o do Paraiso, bem como o alargamento da sua area. Antigamente não tinha o pateo denominação alguma, como se vê desta mensão da meiação de um predio que ahi possuía a Congregação da Madre de Deus, em uma relação dos seus bens patrimoniaes do anno de 1767: --- "Metade de

uma propriedade de casas defronte da igreja do hospital, da parte de Santo Antonio”.

Posteriormente, porem, é que começou a apparecer a denominação de **pateo do Hospital**, com que já era assim chamado em 1817, e depois do **Paraiso**, mas concurrentemente com aquella, vindo a primeira de um hospital de caridade que alli houve, e a segunda da invocação da sua respectiva igreja, cujo estabelecimento foi fundado em fins do seculo XVII pelo mestre de campo D. João de Souza e sua esposa D. Ignez Barreto de Albuquerque. Teve em fim, imposta pela municipalidade, o nome de **Praça 28 de Setembro** em commemoração da lei da libertação do ventre da mulher escrava, decretada naquelle dia do anno de 1877, até que, a mesma municipalidade o mudou depois pelo de **Praça Barão de Lucena**, com que é officialmente conhecida.

Das demolições feitas para o perfilamento da praça, pela face oriental de accordo com as da rua da Florentina, e como assim se vê agora, figura tambem a da velha capella do Paraiso em 1912, começando-se logo a construcção da nova, sob um plano de elegante architectura, concluida a qual teve logar a sua inauguração solenne com a benção ministrada pelo arcebispo D. Luiz Raymundo da Silva Britto, no domingo 22 de Novembro de 1914.

RUA DA AURORA

1806

Dezembro 20 — Termo de aforamento lavrado pela Camara do Senado de Olinda em favor de Casimiro Antonio de Medeiros, pelo qual lhe foram concedidos cento e quarenta palmos correntes de

um terreno alagado, no bairro da Boa Vista junto á ponte, e na direcção norte, mediante o fôro perpetuo annual de 1\$480 réis, em cujo terreno, convenientemente aterrado, construiu elle algumas casas, que foram as primeiras da rua, que teve quasi que contemporaneamente, denominação de **Aurora**.

Ficaram assim lancados os fundamentos de uma nova rua, marginando rio, e partindo de junto á ponte e do Aterro da Boa Vista, que, com uma pequena largura de vinte palmos, atravessando um grande tracto de terreno alagado, e pontilhado de ilhotas de mangues, chegava em sua extensão até á linha de terra firme, que vinha da Ponte Velha, pela Rua da Matriz, e rumava para o Hospicio de Jerusalem, abrindo assim caminho daquella ponte para o bairro continental da Boa Vista. Tanto a ponte como o aterro vinham do tempo do governo do capitão general Henrique Luiz Pereira Freire (1737-1746).

A exemplo de Casimiro de Medeiros, e mediante novas concessões de aforamento, foram caminhando os aterramentos, porquanto toda a extensão da rua até a linha paralela a do Hospicio era alagada, coberta de mangues; e proseguindo com esses aterramentos a construcção de novos predios, em 1829 chegavam até ao que fica junto á igreja dos inglezes, no qual, construido por Harrington & Starr, estabeleceram a sua **Fundição d'Aurora**, importante estabelecimento industrial e de onde sahiu em 1836 um completo machinismo a vapor para o Engenho Caruana, em Jaboatão, o primeiro que o teve entre nós.

Em seguida ao predio da fundição foi levantada em 1838 a igreja dos inglezes, ficando assim construido o primeiro trecho da rua, que vem da ponte e termina junto á referida igreja, que isoladamente fica dentro de uma grande area, que dobra em angulo recto para dar espaço á entrada da **Rua Formosa**, chamada hoje do **Conde da Boa Vista**, oficialmente, por deliberação da municipalidade tomada em 1870, mas ainda vulgarmente mantendo aquelle nome ori-

ginario de **Rua Formosa**, como assim se vê inscripto em caracteres de ferro no alto do primeiro lanco do gradil que fecha por um lado o terreno em que se vê situado aquelle templo anglicano, correndo para aquella rua.

Esse primeiro trecho da rua recebeu do vulgo, originariamente, a denominação de **Casimiro**, do nome do posseiro que levantou os seus primeiros predios, como vimos, denominação esta que ainda se extendia ás ruas adjacentes, quando foram surgindo, pelos aterros de novos terrenos conquistados ao rio.

A respeito, faz a seguinte referencia o padre Lino do Monte Carmello Luna na sua **Memoria sobre a verificação do lugar chamado Boqueirão nos montes Guararapes**:

“Ninguem dirá, senão os contemporaneos, que a bella rua da Aurora e as da Saudade, União e Formosa, na freguezia da Boa Vista, foram edificadas no lugar outr’ora conhecido pelo nome de **Casimiro**, que era justamente um lamaçal intransitavel. Nas mesmas condições, e no extremo Norte da mesma rua da Aurora, estava o lugar aonde hoje (1867) se edificam diversas casas, e que chamam **Cidade Nova de Santo Amaro**.”

O trecho da rua, em seguida ao primeiro, que fica entre as ruas Formosa e de Riachuelo começou a surgir pelos annos de 1840, com a construcção do grande predio da esquina daquella rua, de tres pavimentos, levantado pelo capitalista Francisco Antonio de Oliveira, depois Barão de Beberibe, e no qual se nota a sua larga e bella porta de entrada, de madeira entalhada, com ornamentações de ferro fundido e algumas peças vazadas. Construiu tambem elle os quatro sobrados que se seguem, bem como as casas correspondentes, da rua da União.

A larga e bella rua de Riachuelo, vem de uma cambôa, que partindo da rua da Aurora chegava até a do Hospicio, e então dobrando em angulo recto, e

correndo em rumo do norte, marginando a mesma rua, desaguava na cambôa de Santo Amaro, constituindo assim todo terreno banhado por aquellas cambôas, e na faixa oriental, pelo rio Capibaribe, um grande trecho insular, que em 1839 e annos posteriores o encontramos com a denominação de **Ilha de Thomaz Cock**, até que a perdeu pela nova de **Ilha dos Ratos**.

Para pôr em communição os trechos já construidos na rua da Aurora, com os novos que em seguida iam surgindo, havia sobre a cambôa, ao correr da rua — uma pinguella de pau, que não sustentava mais de uma pessoa — como assim escreve o periodico **Guarda Nacional** no seu numero 40 de . . 1843. Posteriormente, porem, foi construida uma bôa ponte de madeira com varanda de ferro, e em seguida, marginada a camboa por linhas correntes de caes até o Hospicio, e ficando de cada lado um leito de arruamento, veio dahi o denominado **Canal de Riachuelo**, que desapareceu em 1880 com o seu aterramento, tendo já a denominação de **Rua de Riachuelo**, imposta em 1870.

Segue-se dahi um outro trecho, que chega até a **Rua 7 de Novembro** outr'ora da **Prinzeza Izabel**, cujos primeiros predios foram construidos em 1841.

Occupa o primeiro lugar o palacete construido naquelle anno pelo corpo do commercio, e offerecido ao illustre pernambucano o Barão da Boa Vista, depois conde, pelos serviços que prestara em prol do desenvolvimento commercial da provincia, sendo a sua respectiva escriptura de doação entregue por uma commissão de commerciantes, da qual foi orador o commendador Francisco Antonio de Oliveira. No seu palacete viveu o illustre titular desde 1843 até o seu fallecimento em 4 de Outubro de 1870. Vendido o palacete ao governo pelos seus herdeiros, e convenientemente remodelado, é hoje o bello edificio do Senado do Estado, alli installado em 1909.

Junto ao referido palacete construiu um outro o commerciante Manoel Alves Guerra, em cujo predio, que tem o numero 425, e no qual funciona a Prefeitura Municipal, se vê o seu monogramma em metal, sobre a porta de entrada, bem como na saccada correspondente, e dentro do frontão da sua porta central a data de 1841, da construcção do edificio.

Ao que parece, Alves Guerra pretendia construir outros predios, fazendo acquisição do respectivo terreno; mas, como escreve o periodico **O Cometa** no seu numero 2 de 1843, em um artigo sobre o caso, — “o Casimiro jogou a ponga com o Sr. Guerra na historia do terreno de marinha da Rua d’Aurora”.

Os trechos que se seguem até o extremo da rua, á passagem do caminho de ferro de Limoeiro e Timbauba, tiveram as suas construcções disseminadamente levantadas, e em epochas differentes, sendo a mais remota a do novo edificio da Fundição d’Aurora, em 1847, occupando as suas officinas e outras dependencias, inclusive o bello predio de dois pavimentos, da gerencia do estabelecimento, todo o espaço que se estende do pontilhão á esquina da Rua do Lima, cuja fabrica assim permaneceu até a sua extincção em 1874.

O edificio do Gymnasio Pernambucano, fundado em 1855, e depois o da Camara dos Deputados, figuram assim no trecho que parte da Rua 7 de Novembro e termina na cambôa de Santo Amaro, occupando uma grande linha de extensão. Os tres primeiros predios de dous pavimentos, a partir daquela rua, e bem assim as casas correspondentes, da Rua da União, foram levantados contemporaneamente á construcção da ponte de Santa Izabel pelos annos de 1862.

A Rua d’Aurora, que chega á Cidade Nova de Santo Amaro, cujo trecho extremo é assim chamado, e convenientemente delineado na **Planta da Cidade do Recife e seus arrabaldes**, organisada pelo

engenheiro José Mamede Alves Ferreira em 1855, e no mesmo anno impressa, espera pelo seu prolongamento á vizinha cidade de Olinda, a que naturalmente está destinada. E' até alli que chega a extensa linha de caes que parte de junto á ponte da Boa Vista.

A denominação de **Aurora** dada á rua, foi de imposição popular, desde o seu começo, e acaso, logo á construcção do seu primeiro lanço, da ponte da Boa Vista á igreja dos inglezes. Averiguadamente, sabemos que a tinha já em 1820, como consta de um termo de vereação da camara de Olinda, de 8 de Julho daquelle anno, referindo-se a uma obra que se estava fazendo **na rua da Aurora ao pé da ponte da Boa Vista.**

Em 1840 a repartição das obras publicas organisou um projecto de arruamento dos terrenos alagados comprehendidos — entre as ruas da Aurora e do Hospicio, até a travessa do Pombal, — o qual foi approvedo pelo governo, e remettido á camara do Recife para os devidos fins.

A denominação de **Aurora**, vem sem duvida, da sua bella situação, marginando o rio, e olhando para o oriente e mantida sempre pela sua significativa expressão e respeito ao animo popular, foi mudada pela municipalidade em sessão de 28 de Setembro de 1881, impondo-lhe um extranho nome sem affinidades pernambucanas, e hoje, até mesmo, anti-republicano. Mas o povo que não respeita placas nem editaes, persiste na manutenção da bella, tradicional, e sobre tudo expressiva denominação vulgar de **Rua d'Aurora.**

A rua é arborisada, sufficientemente illuminada, e é transitada em mais de dous terços da sua grande extensão, por uma linha de bondes electricos, que dobrando na rua do Lima, chega ao seu termo. Esta linha tem a denominação de **Aurora.**

O ATERRO DE AFOGADOS E A RUA IMPERIAL

1787

Setembro 19. — Inauguração da feira do Aterro dos Afogados, fundada pelo governador D. Thomaz José de Mello.

O Aterro dos Afogados, depois a bella, extensa e larga rua Imperial, actualmente denominada **Rua Oitenta e nove** por acto da municipalidade de 31 de janeiro de 1890 para commemorar a proclamação da republica, era originariamente, na sua primitiva extensão desde a fortaleza das Cinco Pontas até a povoação dos Afogados, completamente alagado, dando apenas passagem nas marés baixas, sendo preciso, comtudo, para chegar-se a terra firme, vadear o braço do Capibaribe que passa junto áquella povoação, e onde, pela profundidade do canal, largura e pronunciada correnteza das aguas se davam frequentes casos de afogamento, vindo dahi, portanto, a origem do nome do aterro e da povoação. O referido braço do Capibaribe teve originariamente o nome de **Rio dos Cedros**, como se vê do Foral da Camara de Olin-da, de 1537, e depois o de **Rio dos Afogados**.

Para facilitar a communicação da cidade Mauricia, ou bairro de Santo Antonio, com o continente, pelos Afogados, fizeram os hollandezes um dique de mais de dous kilometros de extensão, com um fôsso do lado do continente, partindo da fortaleza das Cinco Pontas, até o seu termo junto a ponte, que igualmente construíram, e que então ficava um pouco acima da actual, e defendida pelo forte **Principe Guilherme**, nas suas immediações, e á margem direita do rio; mas arruinando-se tudo com o correr do tempo, fez-se um aterro com vinte palmos de lar-

gura, e uma nova ponte, com largura igual, cujas obras foram executadas em 1737 por iniciativa do governador Henrique Luiz Pereira Freire.

Em meados do seculo XVIII, como refere Loreto Couto, via-se uma formosa calçada (estrada empedrada) que principiava ao pé da fortaleza das Cinco Pontas e terminava junto ao arraial dos Afogados.

Foi a um lado do aterro, em conveniente posição, e num terreno preparado e protegido contra o embate das aguas por uma forte estacada, que se construiu em 1768 uma casa para deposito de pólvora. por ser lugar deserto e distante do povoado.

Em fins do seculo estava de novo o aterro arruinado, e de modo a não dar passagem nas marés cheias, e sendo de urgencia os seus reparos, os mandou fazer o governador D. Thomaz José de Mello, confiando a direcção dos trabalhos a João Rabello de Siqueira Aragão lente de uma Academia Militar que então havia no Recife, que os executou dentro de pouco tempo, e sem dispendio algum dos cofres publicos, porquanto o governador obrigou a gratuitamente trabalhar a todos os soldados dos terços auxiliares e de ordenanças das praças do Recife e Olinda, aos escravos dos engenhos e condemnados á trabalhos publicos, e até mesmo á gente do povo pela mais ligeira falta commettida, ou mesmo pretextada, como não tirar o chapéo a um sargento de ronda, falar, mais alto, e outras futilidades de igual jaez.

Com o fim de obter a areia necessaria para os reparos do aterro, mandou o governador tiral-a de um terreno junto ás obras, e no espaço excavado, com soffrivel profundidade fez um viveiro de peixes para o seu recreio e proventos, pouco se lhe importando que se tratava de uma propriedade particular. Esse viveiro ficava á entrada da rua, pelo lado direito; e conhecido depois por Viveiro do Muniz, do appellido do seu proprietario, Antonio José Muniz,

existiu até pouco tempo, desaparecendo com os aterramentos que se fizeram para formar a praça que ora se vê, e denominada do **Muniz**.

Concluido o **Viveiro do Governador**, como o vulgo o chamava, occorreu um facto, caracteristico da epocha que é assim narrado por Fernandes Gama: "Um pescador, ou fosse por ignorancia, ou por malicia, acertou de ir a esse viveiro do general, e pescar algumas tainhas; mas infelizmente, quando sahio do viveiro foi encontrado pela ronda, preso, e levado á presença do general, este immediatamente o condemnou a trabalhar nas obras do aterro de calceta ao pé com os peixes pendurados ao pescoço, enquanto os mesmos peixes, pela putrefacção, não fossem destruidos. Esta sentença foi cumprida á risca, e o pobre homem passou pela injuria durante tres dias!"

A trova popular tomou conta do facto, e em certo dia appareceram affixadas ás esquinas de diversas ruas estas quadrinhas consagradas ao **Simplicio**, o infeliz pescador:

Aviltante duplamente
E' tua pena, Simplicio,
Horriavel, porco flagicio
D'um nababo inclemente!

Até quando esta tainhã
Que ao pescoço tens pendida
Restará de apodrecida
Esturricada na espinha?

Fique-te esta na mente;
Toma sentido rapaz;
Não se bole impunemente
Nas cousas de D. Thomaz,

Effectivamente, fazendo menção deste **extenso viveiro** um escripto de 1802, diz que além de muitas qualidades de peixes se criavam ali soberbas corimães, peixe saborosissimo e mimoso, e que a sua pesca era privativa do governador, ou a quem este facultasse.

Apezar do despotismo e dos meios pouco honestos empregados por D. Thomaz nas obras de reparos do aterro prestou elle, comtudo, um bom serviço, e as fez com solidez tal, que dahi por diante não soffreu mais ruina alguma. O aterro que tinha então uma extensão de 200 braças, ficou com 80 palmos de largura, em cujas extremidades se plantaram gamelleiras, que em pouco tempo formaram uma extensa e bella alameda, que parcialmente foi desaparecendo á proporção que se ia desenvolvendo o arruamento do mesmo aterro.

Um poeta do tempo, o Dr. Francisco José de Salles, ouvidor geral da comarca, cantou o novo aterro, com a sua vistosa alameda de frondozas gamelleiras, em um bonito soneto, do qual destacamos as suas duas quadras para aqui as inscrever.

Muito tempo não ha, que o mar cobria
Este mesmo lugar, onde hoje estamos;
Ainda agora a areia que pisamos
Mal secca está das aguas que vertia!

Quem cansado chegar de longa via,
Escutando das aves os reclamos,
A' sombra poderá de verdes ramos
Passar as horas do calmoso dia.

A conclusão das obras do novo Aterro dos Afogados foi festivamente celebrada com a inauguração de uma grande feira estabelecida por D. Thomaz, para o que permittiu que se levantasse uma linha de barracas ao longo do mesmo aterro, destinadas á

venda de tudo que concorria a esse novo mercado, que somente se manteve até o anno de 1798, quando deixou elle o governo da capitania. A's tres primeiras feiras, em dias successivos, assistiu o governador de uma vistosa tenda de campanha que mandou levantar, graças á vigilante policia que estabeleceu, não houve o menor disturbio, apezar do numerosissimo concurso de povo que compareceu.

Em virtude de requisição da camara municipal feita a presidencia da provincia em 1826, foi o engenheiro João Bloem encarregado de — fazer o alinhamento e plano da nova rua do Aterro dos Afogados, — vindo dahi o traçado do arruamento, e a construcção dos seus primeiros predios sobre terrenos conquistados ao rio, de um e outro lado, e alguns de aterros dispendiosos pela profundidade do local. Effectivamente, como se vê de um escripto de 1802, hoje vulgarisado, não havia então uma só casa no Aterro dos Afogados, — “comprida restinga artificial, ficando o mar pela esquerda de quem sobe da povoação do Recife, e pela direita o rio Capibaribe.”

A denominação popular de **Rua Imperial** dada ao Aterro, e ainda vulgar, de encontro á moderna, de imposição official, vem de um tanto longe, como se vê de um annuncio publicado no **Diario de Pernambuco** de 15 de dezembro de 1829, propondo a venda de — “um sitio acabado de novo e ainda sem arvoredo, em chãos proprios, na **Rua Imperial do Aterro de Afogados**, do lado da maré grande com 680 palmos de frente e fundo sufficiente, casa de vivenda, viveiro de peixe, e um grande pedaço de ilha de mangue para lenha, que finda na baixa mar do rio Capibaribe que passa na ponte do Afogado, demarcado pelos lados com profundos valados, e fechado na frente com um cercado de pau a pique”. — Esta denominação, portanto, de imposição popular, porquanto não encontramos resolução official alguma á respeito, ficou desde logo vulgarisada, como um outro annuncio publicado no mesmo **Dia-**

ric em 5 de Fevereiro de 1835, offerecendo o aforamento de **uns chãos no Aterro**, e junto a ponte dos Afogados, Aterro este denominado hoje Rua Imperial.

Em 1830 havia no Aterro uma olaria defronte da **Cabanga**, alguns predios disseminadamente dispostos, e ainda, naturalmente, a casa da polvora, ahi situada, como vimos, mas tudo sem obedecer a um plano de regular alinhamento, apesar do que existia organizado pelo engenheiro Bloen.

Em 1834 traçou um novo plano de arruamento o tenente-coronel do corpo de engenharia Firmino Hereulano de Moraes Ancora, então ao serviço da municipalidade, em toda a sua extensão, das Cinco Pontas á ponte dos Afogados, e com sessenta palmos de largura, o que posteriormente foi approved pela Camara, com as medidas tomadas sobre o aterramento dos terrenos concedidos para a construcção de predios, e assim executado, constitue hoje o antigo **Aterro dos Afogados**, a **Rua Imperial** dos tempos da monarchia, denominação ainda não esquecida, e a moderna **Rua Oitenta e nove**, de consagração republicana, uma das mais bellas, extensas e largas ruas da nossa capital.

Dos "Annaes Pernambucanos."

Pereira da Costa.

32(813.4)(091) 38-47
981.34

Guerra dos Maribondos ⁽¹⁾

Governava a provincia de Pernambuco o sr. dr. Victor de Oliveira, de quem era chefe de policia o desembargador Figueira de Mello, homem de accção que enfrentára o movimento revolucionario de 1848 e a quem devia a legalidade, em grande parte, o restabelecimento da ordem. No commando das armas estava o marechal de campo graduado Antonio Corrêa Seára, nome que se tornára celebre em 1824 e 1825, na época da Confederação do Equador.

A 1.º de janeiro de 1852 deveria entrar em execução o dec. imperial n.º 798 de 18 de junho de... 1851, estabelecendo nas parochias o registo de nascimento e de obitos, como meio de mais tarde poder o imperio calcular a população. Os vigarios deveriam lel-o nas matrizes em presença das autoridades civis e policiaes.

Contra a execução desse benefico e salutar decreto, começou a levantar-se a população inculta de Pau d'Alho. O movimento alastrava-se rapidamen-

(1) Este capitulo da historia patria foi reconstituído pela colleção do *Diario de Pernambuco*—única fonte subsidiária que ha sobre o assumpto,

te pelas vilas e povoações do interior, sendo possível que á surdina o fomentasse o partido liberal, apeiado do poder e derrotado na revolução de 1848, não obstante os protestos da "Imprensa", organo partidario dessa facção, condemnando as arruaças e confessando que fôra um erro do partido o ter pegado em armas ha poucos annos passados.

Os "maribondos"—alcunha dada aos sediciosos — diziam que a nova lei não era mais do que uma escravisação dos homens livres. Extincto o trafico de escravos em 1850, apparecera logo a necessidade de braços para a lavoura do sul. O que o governo imperial com o registo de nascimentos e obitos queria era a escravisação dos filhos do norte.

A 24 de dezembro de 1851, como se lê no "Diario de Pernambuco" de 3 de janeiro do anno seguinte, o presidente da provincia dirigio um officio ao bispo de Olinda, d. João Perdigão, queixando-se de que "pessoas mal intencionadas abusavam da credulidade da população menos sensata." Parecendo-lhe que alguns parochos eram indifferentes a essa disposição hostile contra o decreto imperial, quando com sua palavra e com os seus esforços poderiam desvanecer quaesquer infundados preconceitos e malignas insinuações, pedia o concurso da igreja para a dissipação dos erros.

Na mesma data, a alta autoridade provincial dirigia um longo officio circular aos juizes de direito expondo os beneficios do decreto a ser executado e pedindo-lhes que procurassem doutrinar os amotinados, empregando a principio meios suasorios e por fim o direito de processo. No alludido officio que vem publicado na parte official do "Diario de Pernambuco" do mesmo dia, o presidente da provincia queixava-se de certos parochos que consentiam ou approvavam o motim, em vez de dissuadir os incultos do erro em que estavam.

As difficuldades de communicação impediam

o conhecimento exacto do que se estava passando no interior.

A 1.º de janeiro de 1852, na occasião em que celebrava missa o revmo. padre José Rufino de Moura Pacheco, vigario de Pau d'Alho, foi a igreja matriz cercada por um grande grupo que se calculou, talvez exageradamente, em 4 mil pessoas. Capitaneava-o, como cabeça do motim, o individuo conhecido por João dos Remedios. Eram homens, mulheres e meninos armados de bacamartes, espingardas, foices, chuços, cacetes, facões, numa furia horrivel, a esbravejar contra o governo imperial que os queria escravizar e contra as autoridades que procuravam dar cumprimento á lei, para elles, iniqua.

Abaixo a lei! Abaixo o vigario! Viva a revolução!

As autoridades locais, impotentes para abafar o movimento, nem se quer tentaram reagir. Seria uma imprudencia. Limitaram-se a mandar aviso ao governo da provincia, para as providencias que julgasse acertadas e fugiram, bem como o destacamento de 18 praças.

Somente no dia 3 teve o governo noticia do motim. Quem tomou a primeira providencia foi o bispo, com o seguinte officio que dirigio a frei Caetano de Messina, prefeito da Penha, missionario querido de toda a população pelas suas virtudes, officio publicado na integra pelo "Diario de Pernambuco" do dia 7 de janeiro:

"Constando-nos que alguns habitantes de varias freguezias se têm opposto á execução do imperial regulamento n.º 798 de 18 de junho de 1851 relativo aos baptismos e enterros, sendo a isso induzidos por pessoas mal intencionadas contra o governo, que outro fim não teve senão o de proporcionar os meios necessarios para se effectuar a estatistica de todo o imperio, como em outros paizes se pratica sem que de sorte alguma tenha, ou possa ter o sinistro fim que calumniosamente se lhe tem querido attribuir,

julgamos necessario que v. revma. se dirija a Pau d'Alho e algumas outras villas visinhas a esta para por todos os meios ao seu alcance fazer ver aos povos, com a maior clareza, a manifesta falsidade de tão mal fundada calunnia só dirigida a perturbar a paz e harmonia de que exclusivamente depende a conservação da sociedade; nós esperamos e rogamos a v. revma. queira prestar este relevante serviço ao imperio brasiliense, certo de que nesta mesma data nos dirigimos á maior parte dos reverendos parochos das freguezias, desta provincia, declarando-lhes que devem continuar a administrar o baptismo e dar sepultura aos mortos, da mesma forma que até ao presente se praticava, visto não poder executar-se ainda o mencionado regulamento conforme nos communicou o exmo. sr. presidente desta provincia, com quem nos entendemos a este respeito. Deus guarde a v. revma. Palacio da Soledade, 3 de janeiro de 1852. Revmo. sr. prefeito do Hospicio de N. S. da Penha. — **João**, bispo diocesano.”

Na mesma data, o antistite olindense dirigio outra circular aos parochos do interior, “determinando que por todos os meios possiveis fizesse ver aos seus parochianos, com a maior clareza, a manifesta falsidade de tão mal fundada calunnia, só dirigida a perturbar a paz e harmonia de que especialmente depende a conservação da sociedade.”

A viagem do Recife a Pau d'Alho era feita a cavallo, mais ou menos pelo mesmo traçado da estrada de rodagem actual. O capuchinho seguiu sem demora.

A noticia da approximação de frei Caetano alegrou aos camponezes. Todos confiavam no querido missionario, para elles com cheiro de santidade. A villa estava entregue aos “maribondos” que, entretanto, não praticavam excessos.

O emissario da egreja foi recebido fora de portas, com foguetes e repiques de sinos, attestadores de jubilo.

Ao mesmo tempo em que partia para o interior o missionario da paz, o governo chamava ás armas a guarda-nacional e aprestava uma expedição militar para pacificar as comarcas amotinadas, especialmente Pau d'Alho e Limoeiro.

Na noite de 4 de janeiro partio do Recife o nono batalhão de linha, commandado pelo major João Nepomuceno da Silva Portella. Destinava-se a Pau d'Alho.

Frei Caetano foi impotente para conter os amotinados, quando estes souberam da approximação de uma força armada. Os mais exaltados chamaram-no de traidor. Vinha com palavras de paz conseguir-lhes a submissão e entretanto o que queria era entregar-os desarmados ás forças do governo!

E um grande grupo de "maribondos" dos mais bem armados e dos de mais coragem, metteu pés na estrada, marchou até a matta de São João por onde deveria passar a força publica e emboscou-se.

O nono batalhão foi colhido de surpresa. Aos primeiros disparos cahiram dois soldados mortos e cinco feridos. A força replicou e tombaram tres "maribondos" mortos, além de varios feridos.

Mas frei Caetano agia com prudencia e brandura. Prevendo o encontro da força com o primeiro grupo, o capuchinho procurou os "maribondos" mais reflectidos e aconselhou-os a que seguissem immediatamente no encalço dos companheiros, para os dissuadir da idéa de um combate. Se fosse tarde, erguessem bandeiras brancas, logo que avistassem a força do governo.

Quando o segundo grupo chegou ás proximidades de São João, já se havia dado o combate sangrento. A força de linha estava fora da matta. Os "maribondos" ergueram uma bandeira branca e um parlamentarario confabulou com o major Nepomuceno. Pedio-lhe que não os hostilisasse e, para remover a desconfiança, ficasse em algum engenho pro-

ximo á villa. O commandante annuo prudentemente e foi acampar no engenho Cajueiro.

Com a noticia do combate nas mattas de São João, o presidente da provincia, de accordo com o commandante das armas, fez seguir, na madrugada de 8 de janeiro, o quarto batalhão de artilharia a pé, sob o commando do tenente-coronel Hygino José Coelho, que assumiria a chefia geral da expedição.

Os dois batalhões fizeram junção no engenho Cajueiro. Iam marchar sobre Pau d'Alho, cuja população felizmente, já estava doutrinação pela palavra de frei Caetano.

Sobre a entrada das forças na villa, publica o "Diario" de 12 de janeiro o seguinte depoimento de uma pessoa fidedigna, cujo nome occulta:

"Como quer que o sr. tenente-coronel Hygino José Coelho tivesse de fazer nesse dia sua entrada na villa com a columna do seu commando, visto achar-se já o povo daqui socegado, graças aos esforços empregados pelo reverendo missionario fr. Caetano de Messina, todos se preparavam para recebê-lo do melhor modo possível.

Pelas oito horas da manhã o reverendo missionario dirigio-se da matriz para a igreja do Livramento, sendo acompanhado pelos reverendos vigario e coadjutor com o retabulo da Senhora do Bom Conselho, pertencente ao missionario, e por immenso povo, homens e mulheres, que cantavam o Coração de Maria. Chegados ao Livramento, o missionario disse missa, e prégo por espaço de mais de hora e meia, sobre a grandeza de Nossa Senhora, ouvindo-o todos com extraordinaria attenção e piedade, e como dessem dez horas sem que a tropa que se esperava chegasse, elle e todos os mais se retiraram.

Pelas onze horas, avisado o missionario de que a tropa se approximava, sahio immediatamente, chamou o povo, o qual com bandeiras brancas e ramos verdes o acompanhou até o pateo do Livramento, onde já se achava o commandante da columna. Ao

chegar diante delle o missionario, dando-lhe uma bandeira branca, na qual estava pregado um bello registo do Sagrado Coração de Maria, disse-lhe: Eis aqui a espada sr. commandante; e este recebendo-a, respondeu-lhe: Muito contente fico com esta espada; e beijando devotamente o registo, levantou a bandeira.

Depois disso o missionario entrou com toda a officialidade na egreja levando o vigario e o coadjutor o retabulo da Senhora do Bom Conselho; o povo pôz-se a rezar cantando, a musica tocou o hymno nacional e o missionario levantando a voz deu vivas ao divino padroeiro de Pau d'Alho (o Divino Espirito Santo), á santa religião, a s. majestade o imperador, ao presidente da provincia, ao commandante da columna, á tropa expedicionaria, e ao religioso povo de Pau d'Alho, sendo todos estes vivas respondidos com muito enthusiasmo pelo povo.

Depois disso voltou o missionario do Livramento para a matriz, dando o povo por todo o caminho vivas ao Divino Espirito Santo, á Senhora do Bom Conselho e ao imperador.

De todas as casas pendiam flores, ramos verdes e bandeiras brancas.

Chegando ao pateo da matriz, o missionario subio ao sobrado do vigario e apparecendo na varanda com este e com o commandante da tropa dirigio a esta e ao povo uma breve allocução na qual demonstrou claramente quanto a força militar concorrer para a conservação da ordem e para a sustentação da religião; elle exhortou ao povo a não temer nada dos militares seus irmãos em Jesus Christo e declarou á tropa que nada tinha que temer do povo de Pau d'Alho, porquanto estimando este a elle missionario tambem havia de estimar a elles militares.

Depois desta allocução, o missionario repetio os mesmos vivas que já tinha dado, agitando o seu cajado no qual estava atada uma bandeira branca, e o

povo tornou a responder com o mesmo enthusiasmo que da primeira vez."

As forças de linha estiveram na villa até o dia 15. Ahi ficaram sessenta praças. As restantes seguiram com o tenente-coronel Hygino para Limoeiro e regressaram por Iguarassu'. A 22 de janeiro estava de volta toda a columna expedicionaria, conforme a ordem do dia n.º 64 de 23 de janeiro, do quartel-general do Recife, na qual o marechal Seára "senie a mais viva satisfação em declarar que um e outro commandantes no arduo desempenho de suas commissões se mostraram dignos da confiança que nelles depositou, e agradece a ambos e aos dignos officiaes dos supracitados batalhões, os esforços que empregaram no sentido de restabelecer-se a tranquillidade publica, orientados pelas ordens superiores que receberam, as quaes, cumpre dizer, foram executadas com circumspecção e conveniente destreza."

Frei Caetano de Messina ficou na villa de Pau d'Alho até 25 de janeiro. Casou cerca de 50 concubidados, lancou ao fogo muitos objectos de luxo e muitas armas e arrecadou 36 clavinotes que entregou ao commandante da forcea. Aproveitou o ensejo para trabalhar pela religião de que era missionario.

Interessantissima, sobre esse assumpto, é a seguinte carta publicada no "Diario de Pernambuco" de 9 de janeiro, procedente de Pau d'Alho:

"Apenas chegado (frei Caetano) cuidou logo de aplacar a irritação dos animos aconselhando, admoestando e reprehendendo o povo que, possuido de falsas idéas a respeito do regulamento sobre o registro dos nascimentos e obitos, se achava então em completa anarchia. Abrio as missões: e espantosa foi a concorrência das pessoas que vinham ouvir a palavra divina. Nos intervallos das horas destinadas para as confissões, e das em que pregava, soube convenientemente entreter o povo, occupando-o em

pios exercicios, já trabalhando na continuação das obras da igreja do Livramento, que ha muito se achavam paralygadas, já reconstruindo um dos oitões da capella-mór da igreja do Rosario, que estava arruinado e quasi abaixo, o qual ficou todo rebocado. Por esse mesmo tempo fez surgir dentre os mattos, de que se achava cercada, a quasi desmornada capellinha de Santa Thereza, sita além do Capibaribe e proxima a esta villa, e que estando em aberto e sem tecto, acha-se hoje em estado de receber felhas: descobrio-lhe um espaçoso pateo, onde collocou uma grande cruz, como em signal de triumpho que havia a religião conseguido nesta villa.

Mui digno de notar-se foi o acto da procissão de penitencia tanto pela religiosidade e contricção que se manifestou, como pelo immenso povo que concorreu, calculando alguns em mais de 5 mil pessoas. Mais interessante, porém, foi a procissão que o referido missionario fez que houvesse com o titulo de "procissão do triumpho da religião." Do pulpito ordenou elle que todos os homens se apresentassem com tochas e as mulheres com velas para acompanharem a dita procissão; mandou fazer grandes fogueiras em diversas paragens desta villa, determinou que todos os meninos e meninas se munissem de bandeiras brancas, e convidou ás autoridades civis, militares e policiaes para tambem se apresentarem com taes bandeiras. Pelas cinco e meia da tarde, pouco mais ou menos, tendo em frente as mencionadas autoridades e acompanhado de mais de 8 mil pessoas, que com enthusiasmo cantavam devotas resas e bemsditos, dirigio-se o virtuoso missionario para a egrejinha de Santa Thereza, e subindo ao pulpito, collocado no respectivo pateo, prégou um sermão sobre o triumpho da religião depois do que, mandando accender os fachos e as velas, ordenou que, seguindo os homens por um lado e as mulheres pelo lado opposto, fossem encontrar-se em frente á igreja do Rosario; e assim se procedeu, indo quatro

mulheres carregando um andor com o retabulo do Coração de Maria, e chegados todos ao indicado ponto da reunião, subio novamente o reverendo missionario ao pulpito, e fez outra prédica. Esteve muito edificante esse acto, ao mesmo tempo simples e magestoso.

No dia 25 do corrente o reverendo frei Caetano, depois de haver prégado o seu ultimo sermão, e de ter perguntado ao povo se a paz costinuaría a reinar na comarca, e que uma resposta unanime lhe asseverou que "sim", retirou-se pelas 8 horas da noite, deixando esta villa muito saudosa da sua ausencia e summamente agradecida pelos seus beneficios."

Assim terminou o levante dos maribondos, surgido em Pau d'Alho, com irradiações em Nazareth, Goyanna, Santo Antão, Iguarassu', Rio Formoso, Ipojuca, Cabo, Buique de Garanhuns, Jaboatão, São Lourenço, Muribeca, Limoeiro, movimento que teve igual repercussão no interior da Parahyba onde foi baptisado pelo **ronco da abêlha**.

A pacificação da villa de Pau d'Alho e consequente socego da provincia foi communicada aos presidentes e vereadores das camaras municipaes, em officio circular do presidente da provincia dr. Victor de Oliveira, de 12 de janeiro de 1852, publicado no "Diario" de 14 do mesmo mez.

Mas a verdade é que os "maribondos" venceram a partida. O decreto n.º 798 de 18 de junho de 1851 não foi executado em Pernambuco na data determinada pela lei, a pretexto de falta de expedição regular dos livros de registo.

Mario Melo.



Desembargador Primitivo de Miranda

Falleceu a 29 de março de 1920 o venerando desembargador Primitivo de Miranda Souza Gomes, presidente do Instituto archeologico e a quem todos os socios tributavam um preito de veneração.

O Instituto realizou a 29 de abril uma sessão funebre em homenagem ao saudoso presidente, sessão de que foi orador o dr. Samuel Campello que, com os justos conceitos externados abaixo, interpretou os sentimentos de todos:

Exmo. sr. presidente.

Exma. familia do dr. Primitivo.

Caros confrades.

Meus senhores.

“Vida — punhado de areia,
Morte — rajada de vento.”

Não conheço, carissimos ouvintes, synthese mais perfeita e mais bella da existencia humana do que

seja esta, concretizada nos dois versos do autor da "Legenda dos seculos".

A vida, esse castello enfeudado de amarguras e de desillusões, que procuramos povoar de sonhos e de chimeras para torna-lo mais accessivel ás nossas esperanças, na realidade não é mais do que um diminuto e fragil pygillo de areia, exposto ás intemperies das epocas e do Destino.

Para que nos servem orgulho, glorias e ambições se um dia, longe ou perto que elle venha nessa mutação dynamica do tempo, uma grande força que tudo reje, representada na mais cruel de suas metarmophozes — a Morte — surge "na curva extrema do caminho extremo", como diria o poeta, e semelhante a forte rajada de vento faz ruir por terra, o punhado de areia sobre o qual tinhamos construido o alicerce para o nosso castello de sonhos?

Que resta de tudo?

Dos grãos de areia que desaparecem, um a um, levados pela rajada atravez dos tempos e do espaço, em breve já não resta um vestigio sequer.

Mas, da vida humana desaparecida restam uns lenitivos: a "Lembrança eterna" e inapagavel na memoria da familia e dos posteros e a "Saudade" soluçante e dolorosa nos corações dos sobreviventes, quando essa vida que se desviou pertencia a um vulto de destaque na sociedade, como a do desembargador Primitivo de Miranda Souza Gomes, presidente que foi deste nosso "Instituto Archeologico Historico e Geographico Pernambucano."

Senhores: Quando por occasião do enterro de nosso saudoso companheiro, de cujo fallecimento commemoramos hoje o 30.º dia, eu, na qualidade de segundo orador desta aggremação, tive de fazer ou-

vir a minha voz desconcertante naquelle scenario de dores, que é o cemiterio de Santo Amaro das Salinas, terminei minha pallida oração com as seguintes palavras:

— “Esta é a lagrima primeira que o “Instituto Archeologico” derrama sobre o tumulo de seu fallecido presidente.”

Pois bem, senhores, trinta dias já lá se vão no desenrolar do kaleidoscopio quotidiano da vida e a fonte de lagrimas do “Instituto” não seccou ainda.

E quando seccar, porque nada é eterno, nem mesmo a dor, ficará de seu presidente uma saudade agridoce daquella convivencia tão distincta, daquelle carinho tão bom, daquelles conselhos tão sensatos e tão sinceros, que elle nos sabia dar, na espontaneidade de sua alma de escól e de sua bondade sem par.

O desembargador Primitivo de Miranda Souza Gomes, nasceu nesta cidade de Recife, aos 10 dias do mez de julho de 1848 e falleceu a 29 de março deste anno, tendo vivido 72 annos de luctas intensas, em defeza dos verdadeiros principios da Justiça e do Direito, do qual elle era um decidido e abnegado apostolo.

Era filho do professor Geminiano Joaquim de Miranda e de d. Olympia de Miranda Souza Gomes, consorcio de grandes virtudes, em cujo seio carinhoso o nosso venerando extincto aprendeu os grandes ensinamentos de bondade e amor dos quaes nos deu depois as mais dignificantes demonstrações.

Após ter cursado, aqui mesmo, a escola primaria e feito os seus estudos de humanidades, matriculou-se na Faculdade de Direito deste Estado, conquistando a sua laurea de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, a 14 de Novembro de 1870.

Moço entusiasta do pergaminho, que acabava de adquirir a golpes de vontade e de dedicação aos livros num tempo em que o rigorismo dos lentes imperava nos exames, elle, sentindo em si a fibra vigorosa de luctador e de justiceiro, com a alma aberta aos bellissimos ensinamentos da sciencia de Ulpiano, no Direito Romano, a fonte de todos os direitos, dedicou-se, ou antes, entregou-se á carreira da magistratura, como se um braço occulto lh'o impelisse para ella, por conhecê-lo capaz de vencer e ser digno, na trajetoria asperrima dos autos e das sentenças.

E assim foi.

Promotor publico, em 1871, da comarca de Aca-
rahu', no Ceará, juiz municipal e de orphãos dos termos reunidos de Acarahu' e Sant'Anna, do mesmo Estado, de 1872 e 1878, juiz municipal e de orphãos, do termo de Joinville, em Santa Catharina, nomeado a 23 de junho de 1880, pouco depois juiz de direito da comarca de Nossa Senhora da Graça ou S. Francisco, daquelle Estado, onde se manteve até 1890, transferido para a comarca de Triumpho, no Rio Grande do Sul, não chegando a tomar posse por ter sido designado para a comarca de Villa Bella, neste Estado, depois ainda juiz de direito em Palmares, Iguarassu' e Victoria, até 1906 quando lhe foi entregue a vara de orphãos desta capital, por fim nomeado a 9 de julho de 1910 para fazer parte do Superior Tribunal de Justiça de Pernambuco, ahi se conservando até 30 de janeiro de 1918, durante esse longo periodo de quarenta e sete annos de vida judiciaria nunca ninguem lhe encontrou um deslize sequer na sua elaboração de sentenças juridicas nem lhe notou uma nodoa na sua toga, que elle sempre invergou inconfaminada das impurezas de muitos outros.

Comprehende-se que elle errasse talvez algumas vezes, porque errar é uma das contingencias duras das leis humanas, mas se o fez, eu vos digo, foi com

a melhor das intenções e com o mais fervoroso desejo de acertar e de ajustar os artigos dos Codigos aos casos que eram adstrictos ás suas funções de julgador.

De outros logares onde elle passou eu nada vos posso contar com certeza, mas na comarca de Victoria, deste Estado, a sua passagem deixou uma orbita tão luminosa que, quasi oito annos decorridos, em 1913, quando para alli fui designado para occupar a Promotoria Publica, daquella passagem encontrei vestigios que ainda, hoje mesmo, se conservam inapagaveis.

Em Victoria, o dr. Primitivo de Miranda era autoridade judiciaria e social, setenciava como juiz, e intercedia como conselheiro, era ouvido na organisação de todas as festas e commemorações, consultado nas questões mais intimas de familias, acatado sempre em suas opiniões e respeitado em seus veredictos.

Alli elle contribuiu mais que todos, com seu esforço quasi só, abandonado de muitos que lhe auxiliavam em começo, para, numa pujante concatenação de seu entranhado acatamento ás tradições pernambucanas, fazer erigir um monumento commemorativo que lá está, soberbo e grandioso levantado na praça Ambrosio Machado e indicando aos viandantes que passam, que nas terras de Victoria, a 3 de Agosto de 1645, num celebre monte das Taboças, os soldados defensores do solo de Pernambuco deram ás hostes aguerridas dos hollandezes invasores, mais uma licção de patriotismo e de amor á Liberdade!

O dr. Primitivo sahio da comarca de Victoria, acompanhado de familias, coberto de flores e quasi carregado nos braços dos seus ex-jurisdicionados.

Passados annos, seu nome não foi esquecido e quando, em fins de 1917, a succursal da "Liga Pernambucana contra o analphabetismo" pretendeu crear uma escola no edificio da cadeia para ensinar

as primeiras letras aos presos que não sabem ler, se cogitou de dar á mesma escola o nome de Primitivo de Miranda.

Infelizmente a ideia não germinou, porque aquella succursal da "Liga" não proseguiu em sua marcha, mas o nome do nosso ex-presidente lá ficou assinalado no livro de actas, como uma prova documental de seus serviços á causa da instrucção e do progresso daquella terra.

Eis definido o juiz, no seu character integro e justiceiro.

Eis definido o cidadão no seu dever de cooperar pelo engrandecimento da terra em que nasceu e do povo a que pertence.

Para defini-lo como homem associativo basta mostrar a sua accção no nosso "Instituto", no qual se empossou a 29 de fevereiro de 1912, durante quatro annos de uma presidencia illustre e ennobrecedora para nós, em que, embora doente, como era, nunca faltou ás nossas sessões ordinarias e commemorações civicas, emprestando-lhes sempre o brilho de sua presença e de sua palavra, concisa e ponderada.

Tanto nos achavamos synthetizados em sua pessoa, elle nos representava tão dignamente, no alto posto que occupava entre nós, que em Janeiro deste anno, o elegemos pela quinta vez, o que lhe daria o titulo de presidente honorario, se não tivesse nos abandonado então, pela vez primeira, e de uma forma tão contristadora — para não mais voltar ao nosso convivio amigo.

Vice-presidente da "Liga Pernambucana contra o analphabetismo", mordomo da Santa Casa de Misericordia, elle parece que se desdobrava e se multiplicava, levando a toda parte os seus serviços inextimaveis.

No recesso do lar, o desembargador Primitivo de Miranda era o mesmo homem de sociedade — modelar, delicado, cavalheiresco.

De suas nupcias com a exma. sra. d. Mariana Araújo de Souza Gomes, não deixou filhos que lhe podessem seguir os exemplos edificantes, mas deixou as provas mais inequívocas de dedicação e de bondade.

Bom, sobretudo, na verdadeira acceção do vocabulo, era aquelle de que nos occupamos agora, neste momento dolente de recordação e de saudades.

Para prova dessa nossa asserção basta lembrarmos que elle quando esteve em Santa Catharina acolheu em seu lar uma pequenina orphã india e creou-a como filha adotiva, dando-lhe a educação e o conforto que ella pobresinha flôr despontada entre selvagens, nunca poderia ter na taba ancestral dos velhos pagés, onde habitaram seus paes e seus maiores.

Outro facto caracteristico de seu coração sempre disposto ao Bem, eu já citei, por occasião de seu enterramento, e acbo não será demais repeti-lo aqui, hoje que as nossas homenagens á sua memoria, são mais solennes que naquelle dia á beira de seu tumulo, recém-aberto.

De certa vez, quando elle occupava o cargo de juiz de direito de Victoria, trouxeram-lhe a noticia que um individuo, pronunciado por crime de homicidio, apparecera no povoado de S. João dos Pombos, e ali praticava disturbios.

A força de policia que tinha de seguir no encalço do criminoso, antes de partir, fôra apresentar-se ao dr. Primitivo e elle teve as seguintes palavras para o commandante da escolta e seus subordinados.

— “Vão e tragam o homem preso, mas não ma-

tem ninguém; se houver necessidade de atirar, atirem para o ar comquanto que não haja victimas.”

Em face de uma reacção do erminoso, decerto essa ordem não poderia ser cumprida, mas, como eu já disse se ella não representasse a energia de um juiz, demonstrou como era cheia de perdão e de bondades, a sua alma de eleito.

Senhores: Bem ou mal, (mal por certo) eis o que o orador do “Instituto Archeologico” pode dizer, no dia de hoje, sobre a personalidade do dr. Primitivo de Miranda Souza Gomes, nome, que de agora por diante, a nossa aggremação guarda zelosamente na collecção de seus mortos, queridos, para relembralo sempre em todas as occasiões que for necessario mostrar um exemplo a seguir na dedicação e amor pela nossa causa, que é a mesma causa da grandeza e da honra de Pernambuco.

29 — Abril — 920.



Combate da Casa-Forte

Memoria historica lida em sessão do Instituto archeologico e geographico pernambucano, de 13 de junho de 1918, pelo seu 1º secretario dr. Mario Melo.

A expulsão dos holandezes de Pernambuco, apreciando-se o caso pelos factos reaes, foi devida ao encontro do monte das Tabocas, ao combate da Casa-Forte e ás duas batalhas dos Guararapes.

No monte das Tabocas terçaram armas pela primeira vez os holandezes com os pernambucanos, que se haviam levantado contra o dominio. Julgavam os invasores que encontrariam bandos facilmente dominaveis e acharam-se deante de um exercito pequeno, porém valente e preparado, que lhes infringio tremenda derrota.

Na Casa-Forte, os pernambucanos sitiaram os holandezes que alli estavam alojados e conseguiram aprisional-os.

Nos Guararapes, se travaram duas batalhas decisivas, ambas com exito completo para as armas nacionaes.

O combate das Tabocas está commemorado na cidade da Victoria, com um monumento erigido por

iniciativa de d. Luiz Raymundo da Silva Britto, arcebispo de Olinda, saudoso presidente do Instituto archeologico e geographico pernambucano.

As batalhas dos montes Guararapes tiveram immediata commemoração, pelo heróe que as venceu: uma igreja edificada sobre a eminencia de um dos morros, em acção de graças pela victoria, com uma lapide inscripta á entrada.

Da Casa-Forte nada existe ainda. Apenas a conservação da capella reconstruida no mesmo local da que servio de trincheira ás forças pernambucanas.

Apreciemos os factos.

O exercito hollandez — depois da derrota do monte das Tabocas a 3 de agosto de 1645 — marchou para o Recife, e a 16 do mesmo mez acampou no engenho de d. Anna Paes, entrincheirando-se os seus officiaes na “casa grande.” Commandava-o o coronel Henrique Haus.

Piquetes inimigos foram á Varzea, onde residiam os chefes da insurreição pernambucana, e prenderam d. Izabel de Góes, mulher de Antonio Bezerra, d. Luiza de Oliveira, mulher de Amaro Lopes, e d. Anna Bezerra, sogra de Fernandes Vieira. D. Maria Cezar, esposa deste, poudé a tempo occultar-se nas mattas. Trouxeram as prisioneiras como refens, para o acampamento hollandez.

A noticia foi levada a Fernandes Vieira e a Vidal de Negreiros, que se achavam em Tegipió com o exercito libertador vindo das Tabocas.

Foi tocado a rebate na mesma noite. O exercito levantou-se e marchou para o acampamento inimigo, atravez de pesadas chuvas. Transpoz o Capibaribe na altura do Cordeiro, pela manhã de 17, com armas e munições á cabeça, para evitar que se molhassem.

Foram surprehendidas e aprisionadas duas sentinellas inimigas que informaram as disposições de suas forças. A tropa hollandeza estava dividida em dois esquadrões em frente ao engenho; iam ambos marchar para o Recife, um por Olinda e outro pela Varzea, logo que os officiaes acabassem de almoçar.

Camarão teve o encargo de, com os seus indios, guardar todos os caminhos. Depois, o grosso do exercito avançou contra o inimigo. Atacou-o de surpresa.

Travou-se o combate sem dar tempo aos officiaes hollandezes de se collocarem á frente das suas tropas, porque estas recuaram tanto que foram impellidas para a casa do engenho. Dahi cruzaram fogo com os patriotas, que por sua vez se entrincheiraram na egreja, á esquerda do edificio em que estavam os inimigos.

O combate foi de tal natureza que no meio da refrega, ou perversamente ou por cobardia, os hollandezes mandaram expôr ás janellas as matronas aprisionadas.

Os pernambucanos julgaram que isso fosse signal de capitulação. Enviaram aos inimigos um parlamentario acompanhado de um tambor.

O commandante hollandez recebeu-o, ouviu a intimação e mandou arcabuzal-o, á vista dos brasileiros. Enfureceram-se os nossos e pensaram no exterminio completo do inimigo, ateando fogo á casa em que estava entrincheirado.

Vendo-se perdido, o coronel Haus appareceu á janella, arvorou uma bandeira branca, e apresentou o cabo da pistola em signal de rendição. Os pernambucanos se lembraram do que acontecera ao seu emissario e quizeram negar — Fernandes Vieira á frente — que se desse quartel ao inimigo.

“Tinham presentes na mente — diz nos “Fastos pernambucanos” o dr. Souto Maior — todos os males soffridos, a recente matança de Cunhau, o edito contra as mulheres e ainda mais lhes inflammava

o zêlo e a furia o aspecto duma imagem da Virgem, que um velho morador da Varzea lhes mostrara no calor da acção, e á qual haviam os hollandezes, no seu desprezo pela idolatria catholica, cortado os braços. Cahiam della gottas d'agua e o povo a clamar: "Milagre! A imagem de Nossa Senhora súa!"

Queriam os mais exaltados que os hollandezes fossem queimados vivos, como herejes.

Vidal, porém, cujos sentimentos de humanidade estavam talvez acima da época e do momento, ordenou que extinguissem o fôgo e se accitasse a capitulação.

Foi permittido aos officiaes que saíssem armados e com suas insignias, como prisioneiros de guerra.

Os indios, a serviço dos hollandezes, emquanto se estipulavam as condições de sua rendição havendo poucas esperanças de salvamento, arremetteram contra os pernambucanos. Foram passados a espada

Os hollandezes tiveram 37 mortos, além de 322 prisioneiros, sem contar os aborígenes alliados que pereceram no campo. O exercito libertador perdeu 16 homens mortos e teve 35 feridos, inclusive o heroe Henrique Dias.

A casa de vivenda do engenho d. Anna Paes tomou o nome de Casa-Forte, hoje extensivo a toda localidade.

Da importancia desse combate, falla o dr. Souto Maior, no trabalho citado, pela traducção de documentos inéditos existentes na Hollanda.

O governo hollandez ficou afflicto e aterrorizado com a rendição da Casa-Forte e aprisionamento de toda a tropa — unica que possuia para pôr em campo contra os rebeldes. Desde logo foram dadas ordens para derrubar as arvores do parque Mauricio; arrazar as casas visinhas ao forte do Brum; guardar o canhão do reducto dos judeus, para não cair em poder dos pernambucanos; abandonar os fortes de Sergipe, S. Francisco e Porto Calvo, chamando as

guarnições ao Recife; demolir a casa de Gaspar Ferreira Dias, por conveniencia da segurança publica; chamar a serviço a milicia dos burguezes, para montar guarda á cidade e para o mais que fosse preciso; recrutar os negros aptos para o serviço militar; armá-los com mosquetes. em fim tudo o que fosse necessario á defêsa da cidade, que effectivamente resistio ainda por nove annos.

Desse combate, como dissemos, não ha memoria. Não ha sequer uma lapide commemorativa. E como é do nosso dever tornar conhecido do povo para a devida veneração, os lugares historicos de nossa terra, propomos seja collocada no ponto mais apropriado da campina da Casa-Forte uma pedra marmore — porque de momento a homenagem não pode ser maior — com a seguinte inscripção:

“Neste local, denominado outróra engenho Anna Paes, a 17 de agosto de 1645, o exercito pernambucano dirigido por Vieira, Vidal, Dias e Camarão, combateu uma columna hollandeza que havia raptado matronas pernambucanas e se fortalecido na casa de moradia á direita da egreja, resultando victoria para os libertadores, com o aprisionamento completo dos inimigos — (Memoria do Instituto archeologico e geographico pernambucano em 1918)”.

JN-00014487-0

92 (Callado, F. M.)

61-66

Felippe Menna Callado

Linhas abaixo reproduzimos o perfil do revolucionario Felippe Menna Callado, figura de relevo do movimento de 1821, cuja historia reconstituiu e vem publicada no vol. XIII da **Revista do Instituto archeologico**, perfil traçado pelo seu netto materno, o venerando F. H. Menna da Costa.

Felippe Menna Callado da Fonseca, nasceu em 11 de Novembro de 1791 em Belem, Lisbôa, e passou sempre como o filho predilecto de Thomaz Izidro e sua mulher Maria Ignacia Izidro. Foi seu preceptor em Lisbôa, até aos 16 annos, o capellão do marquez de Fronteiras, Padre José Maria d'Araujo, seu tio, que o trouxe, quando nomeado bispo da diocese de Olinda em Pernambuco, em 1807.

No respectivo seminario concluiu elle os preparatorios; e, quando esperava voltar a Lisbôa, para doutorar-se em theologia, foi obstado pela morte do bispo, que tinha de concorrer com toda despeza.

Em 1810 obteve de Pedro I, a pedido de Thomaz Izidro que se achava no Rio de Janeiro, a nomeação

de Escrivão da Correção do Ceará (aos 19 annos apenas) com vencimentos de 800\$000 em ouro.

Levado pelo tio Izidro á presença do Imperador, para agradecer-lhe a nomeação, este só não lh'a cassou pelo compromisso formal de Izidro, de que responderia pelas incorrecções do imberbe.

Em 1813 casou-se no Ceará com Maria José da Fonseca Menna, filha de José da Fonseca Soares e Silva e Lourença da Fonseca Soares e Silva, esta filha de hollandezes e aquelle de portuguezes.

Este casal deu á luz 8 meninas e 1 varão, dos quaes o ultimo e mais 3 meninas morreram na infancia;

Maria Ignacia, solteira, aos 17 annos;

Maria Gertrudes Menna Cardoso, viuva, aos 47 annos;

Olindina, solteira, aos 60 annos;

Joaquina Benvinda, solteira, aos 71 annos;

Emilia Fausta Menna da Costa, viuva aos 87 annos.

Em 1817 adheriu ao movimento revolucionario, razão bastante para ser posto em ferros, no porão de um navio, quando desembarcava na Parahyba, e, remettido para a cadeia da Bahia, onde completou quasi 4 annos. Alli leccionou a quantos quizeram, materias de seu conhecimento.

Logo ao sahir dessa cadeia, pertenceu a uma sociedade que cogitava de melhoramentos territoriaes; e com ella se comprometteu, auxiliado pelo seu amigo intimo Manoel Clemente Cavalcanti de Albuquerque, a promover, em Pernambuco, como o fez, o movimento revolucionario que expulsou o general Luiz do Rego Barretto; para o que se arvorou em secretario, de um Governo Provisorio, por elle organizado.

Montou aqui com esse seu amigo a segunda typographia, onde se imprimia a celebre "Segarrega" que tanto hostilizou a Pedro I e sua familia, proclamando sempre ideas liberaes.

Em consequencia da anarchia que reinava aqui, retirou-se para o Ceará, confiando ao inglez James Pinch, a administração da dita typographia.

De nada lhe valeu essa providencia porque Manoel de Carvalho fez desapparecer aquella typographia com livraria e toda mobilia da respectiva casa.

Reduzido assim a mais simples expressão, seguiu para Aracaty, onde exerceu advocacia até 1824; epocha em que voltou para Pernambuco, devido á imposição de Tristão Pereira de Alencar, que lhe impoz a retirada d'alli em 24 horas, pela terminante recusa sua de adhesão aos revoltosos.

Devendo fugir muito antes do termino do prazo marcado, deixou tudo que possuia em sua residencia entregue a pessoa de confiança e algumas joias em um navio inglez ancorado naquelle porto. Tudo lhe foi confiscado ou destruido.

Chegando a Pernambuco, recorreu tambem á advocacia, auxiliado pela collaboração do "Diario de Pernambuco."

Com grande dispendio seu creou o bicho da seda, aforando á Congregação da Madre de Deus o sitio Tamarineira, na Cruz das Almas, onde fez plantar 2.000 pés d'Amoreira, tendo os melhores resultados, pois, obteve 3 colheitas annuaes de casulos, em vez de 1 sómente como na Europa.

Apezar desse bom resultado, teve que desistir pela falta de auxilio que não pôde obter do governo.

Installou diversas lojas maçonicas, em Pernambuco, Parahyba, Ceará e Aracaty, tendo sido orador em todas ellas.

Occupou o logar de vereador da Camara desta Capital, que abandonou em consequencia das irregularidades havidas alli.

Não transigia em negocios que lhe eram confiados e a todos tratava com attenção, nunca empregando palavras ou gestos, quer em publico ou na intimidade da familia que não fossem de grande correção: nunca sahia do seu quartô, ainda mesmo

em idade avançada, sem que fosse correctamente vestido.

Ainda mesmo repellindo o contendor atrevido, não empregava palavras mal sonantes.

Era de character firme e vontade de ferro, como demonstravam todos seus actos.

Convidado pelo dr. José Bento da Cunha Figueiredo para regedor do Gymnasio, quando o creou, agradeceu, apesar das concessões que lhe fazia este, por não lhe permittir o respectivo regulamento, pernoitar fóra do mesmo estabelecimento.

Jogando diariamente o voltarete a dinheiro, sempre com vantagem pecuniaria, protestou não fazel-o mais mesmo a tentos, para evitar aborrecimentos com certos amigos que tinham o mau costume de espiar o jogo de cada um e criticar, em voz alta as más cartadas dos mesmos jogadores; e assim cumpriu ate' morrer.

Leccionou durante 23 annos diversas materias de seu conhecimento no collegio de N. S. da Conceição de que era directora sua filha Emilia Fausta Menna da Costa; e, por circumstancias pecuniarias, já em idade muito avançada, acceitou a cadeira de sciencias naturaes (conhecimento de sua predilecção) do Gymnasio, onde foi aposentado com 36\$000 mensaes.

A instancias de amigos e da familia, tentou escrever em 1873, a historia da Revolução de 1817 e 1821, de accordo com documentos que escaparam da invasão do cupim, em caixão de zinco incompletamente soldado.

Com grandes difficuldades organisou um folheto, que pela composição má e outros motivos, foi por elle atirado a uma fogueira. Escaparam alguns exemplares retirados por uma creada que os quiz guardar para si.

Augmentados os soffrimentos physicos e moraes, não lhe foi mais possivel cuidar d'isso. E suas filhas que o idolatravam, davam-se por satisfeitas

em cuidar de sua saúde muito perturbada, com a confiscação do "Sítio Tamarineira", actualmente "Asylo de Alienados" unico bem que possuia, aforado á Madre de Deus, havia 40 annos, sem indemnisação das respectivas bemfeitorias a que era obrigada a Santa Casa de Misericordia do Recife.

Falleceu a 30 de Agosto de 1878. O obito foi assim noticiado pelo **Jornal do Recife** do dia seguinte:

"Morreo hontem ás 6 horas da tarde o sr. Felippe Menna Callado da Fonseca, contando 87 annos de idade.

Era um dos vultos mais proeminentes da historia politica d'esta provincia, e, talvez, o ultimo d'essa legião de pernambucanos patriotas, que pagaram com longo martyrio a heroica proclamação do governo republicano em 1817, e depois, apenas sahido das masmorras da cadeia da Bahia, abriu nova lucta com a tyrannia, erguendo em 1821 o estandarte da liberdade constitucional na então villa e hoje cidade de Goyanna.

Deste ultimo movimento, que fez baquear na provincia o governo absoluto, do qual era representante o general governador Luiz do Rego Barreto, foi o finado o iniciador e a alma durante todo elle como secretario da Junta do Governo Provisorio, que se estabeleceu naquella villa, cujos trabalhos dirigio como o homem mais energico e instruido de todos quanto dellá faziam parte.

Nasceu o sr. Felippe Menna Callado da Fonseca a 11 de Novembro de 1791 na cidade de Lisboa, tendo vindo para esta provincia em 1809 acompanhando seu tio, D. João Maria de Araujo, bispo eleito e confirmado para a diocese de Olinda.

Aqui casou e passou toda sua existencia, tendo consagrado parte della no serviço da liberdade pela patria que adoptara, luctando heroicamente nesses primeiros tempos da nossa emancipação politica, quando a estrella pernambucana brilhava por seu valor e patriotismo no céu da vasta terra brasileira.

Tempos passados, em que todos os adeptos da liberdade eram homens *sans peur et sans reproche*, e aquelles que os guiavam, a encarnação da honestidade politica e não protectores de afilhados e amigos

Vendo plantada a liberdade na provincia com a proclamação da independencia do imperio e depois de lhe prestar ainda os serviços necessarios á sua consolidação, o finado, como que se retirou da vida publica, entregando-se exclusivamente á de advogado, que por muito tempo exerceu, até que o peso dos annos alquebrando-lhe as forças, o retrahiu á vida intima da familia. cujos carinhos sempre lhe adoçaram os ultimos dias da vida.

Foi o sr. Menna um dos mais fecundos publicistas que tem tido a provincia, e o fundador da segunda gazeta, que nella houve, e se chamava "A Segarrega", com a qual preparou o espirito publico para o movimento revolucionario de Goyanna.

Por estes breves apontamentos se vê que o seu nome ficou eternamente ligado á chronica da provincia, e a historia do futuro lhe dará nella o logar a que tem direito.

Se como politico foi o sr. Menna um cidadão illustre, como homem particular viveu sempre cercado de respeito e affeições por suas virtudes, lhaneza e espirito sociavel.

O seu cadaver está depositado no cemiterio publico, onde hoje ás 10 horas da manhã, terá lugar a inhumação."

Confederação do Equador

Projecto da Constituição de 1824

Devemos á paciente pesquisa do nosso consocio correspondente dr. Ruy de Gouveia Nobre a publicação que aqui inserimos do projecto para a constituição da republica de 1824, trabalho cuja autoria elle attribue a Manuel de Carvalho Paes de Andrade, o presidente da malograda Confederação do Equador.

Foi encontrado na Bibliotheca Nacional e consiste num folheto in-4.º de duas columnas. Faltalle o frontespicio. Foi impresso em epoca contemporanea ao movimento.

CAPITULO I — Da União das Provincias, seu Governo e Religião.

Artigo 1.º — As provincias do Norte do Brazil passão a formar uma união, que terá por titulo a Confederação do Equador.

Artigo 2.º — O governo se divide em dois Poderes politicos, Legislativo e Exêcutivo.

Artigo 3.º — Este governo terá o titulo de Supremo Governo Provisional da Confederação do Equador.

Artigo 4.º — Será permanente até que em virtude d'uma constituição que o mesmo Supremo Governo adoptar se reuna a Assembléa da Confederação.

Artigo 5.º — A religião unica por excellencia, mantida pelo Estado é a catholica Apostolica Romana.

CAPITULO II — Do Poder Legislativo e suas attribuições.

Artigo 6.º — O poder Legislativo é composto d'uma Assembléa de Deputados eleitos pelas Provincias Confederadas.

Artigo 7.º — E' das attribuições do Poder Legislativo.

1.ª — Alterar ou mudar o actual systema do Governo para outro mais liberal e vantajoso ao bem ser dos povos da Confederação.

2.ª — Fazer leis, interpreta-las, suspende-las e revoga-las.

3.ª — Impor e suspender toda a qualidade de Contribuições, determinando o modo de cobrança e arrecadação.

4.ª — Determinar o augmento ou diminuição da forza armada de mar e terra e os aquartelamentos da Tropa.

5.ª — Conceder ou negar a entrada das forcas estrangeiras de mar e terra no territorio e Portos da Confederação.

6.ª — Autorizar o Executivo para contrahir empréstimos, declarar a guerra, fazer a paz, dar patentes de corso, fazer tratados de alliança offensiva e defensiva, de subsidios e de commercio.

7.ª — Aprovar tratados de paz, alliança offensiva e defensiva, de subsidios e de commercio.

8.ª — Fixar e determinar a despeza publica e regular a administração dos Bens Nacionaes.

9.ª — Crear ou suprimir empregos e determinar-lhes ordenados.

10.^a — Tomar contas da administração do Executivo e approva-las.

11.^a — Fazer verificar a responsabilidade dos Ministros d'Estado e de todos os mais empregados publicos.

12.^a — Approvar a nomeação de Secretarios de Estado, Embaixadores, Agentes diplomaticos, Consulles geraes de mar e terra, Commandantes de Corpos Militares e de Embarcações de guerra, Ministerio Ecclesiastico, de Vigario para cima e Lentes de cadeira em qualquer faculdade.

13.^a — Conceder pensões, honras e distincções por serviços relevantes feitos á Patria e Liberdade.

14.^a — Conceder cartas de naturalização e privilegios exclusivos em favor da industria.

15.^a — Regular o regimen interior da Assembléa.

Artigo 8.^o — A iniciativa das leis pertence a cada um dos Deputados da Assembléa e ao Executivo igualmente.

Artigo 9.^o — As sessões serão publicas e somente poderá haver sessão secreta quando assim for julgado pela Assembléa e por pluralidade de votos, o que nunca terá lugar em discussão de Leis.

Artigo 10.^o — Os deputados e ministros d'Estados são inviolaveis pelas opiniões que proferirem na Assembléa.

Artigo 11.^o — Os deputados receberão um subsidio de quatro mil e oitocentos réis diarios durante o seu Emprego na Assembléa; além d'isto se lhes arbitrará no Collegio Eleitoral de suas respectivas Provincias uma indemnisação para despezas, de vinda e volta.

Artigo 12.^o — A assembléa terá o tratamento de honrados senhores,

CAPITULO III — Do Executivo e suas attribuições.

Artigo 13.^o — O poder Executivo será composto

unicamente do Presidente da Confederação do Equador.

Artigo 14.º — Haverá um Vice-Presidente para servir no impedimento do Presidente.

Artigo 15.º — E' da attribuição do Executivo:

1.ª — Nomear secretarios d'Estado, Embaixadores, Agentes diplomaticos, Consules Geraes, Officiaes generaes de Mar e Terra, commandantes de Corpos Militares e de Embarcações de Guerra, vigarios e Dignidades Ecclesiasticas e lentes para cadeiras de qualquer faculdade; os ecclesiasticos precedendo concurso perante os Prelados Diocesanos e os lentes precedendo exame publico perante o Corpo Literato, conforme o costume tudo com approvação da Assembléa art. 6 § 12.

2.ª — Prover segundo as Leis todos os mais empregos publicos.

3.ª — Contrahir empréstimos por conta da Nação, declarar a guerra, fazer a paz, fazer tratados de allianças, offensivas e defensivas, de subsidios e de commercio, precedendo autorização da Assembléa e com dependencia da approvação da mesma. Art. 6.º parags. 6.º e 7.º

4.ª — Dirigir as negociações politicas e commerciaes, com as Nações Extrangeiras, receber Embaixadores, Ministros e Agentes Diplomaticos.

5.ª Determinar as despezas publicas conforme fôr decretado pela Assembléa.

6.ª — Promulgar as Leis, que decretar a Assembléa no prefixo termo de cinco dias: caso alguma dellas lhe pareça desvantajosa ao interesse publico, fará seu relatorio motivado, e com elle a enviará á Assembléa no termo acima indicado: A Assembléa tomará em consideração as objecções e procederá a nova discussão; sendo decidido por duas terças partes dos deputados presentes que deve executar-se a lei como estava, ou com alguma alteração, será feita pelo modo seguinte. A Assembléa Legislativa da Confederação do Equador em nome da Soberania

Nacional da mesma Confederação, tem decretado o seguinte Corpo da Lei — Por tanto mando a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer que a cumprão e executem tão inteiramente como nella se contem. O Secretario de Estado da... o da repartição competente... a faça imprimir, publicar e correr. O secretario referendará a lei.

7.^a — Prover a tudo que for concernente á segurança interna e externa da Confederação.

Artigo 16.^o — O Poder Executivo tem a iniciativa das Leis, igualmente como cada um dos deputados da Assembléa por este motivo terão assento na Assembléa os Secretarios d'Estado, não só para discutirem as leis que propuzerem por parte do Poder Executivo, mas tambem para emittirem sua opinião respeito ás que forem propostas pelos Deputados. Os secretarios d'Estado não têm voto deliberativo.

Artigo 17.^o — Em caso de sobrevir ao Presidente da Confederação negocio espinhoso, que dependa de esclarecimento e não seja objecto da Deliberação da Assembléa, que lhe parecerem mais intelligentes do assumpto, sobre que tiver a deliberar, sem contudo ser obrigado a seguir exactamente o parecer do Conselho aliás deve lavrar-se uma Acta do que se deliberar em livro para isso reservado e cada um Conselheiro assignará o seu voto. A convocação a Conselho será feita de modo, que não encontre os trabalhos da Assembléa.

Artigo 18.^o — O presidente da Confederação será Commandante em Chefe da Força armada de mar e terra das Provincias Confederadas, tanto da primeira como da segunda linha.

Artigo 19.^o — Haverão tres Secretarios d'Estado para servirem com o Presidente da Confederação a saber; Um Secretario dos Negocios do Interior e Extrangeiros. Um secretario dos Negocios da Fazen-

da e (*) Justiça. Os Secretarios d'Estado receberão por seus serviços um subsidio, que lhes será marcado pela Assembléa não será augmentado, nem diminuido durante o seu exercicio na Presidencia, nem receberá nenhum outro soldo da Fazenda Nacional durante o mesmo exercicio, nem emolumentos dos particulares.

Artigo 21.º — O presidente da Confederação terá o tratamento de Excellencia.

CAPITULO IV — Das eleições e elegiveis

Artigo 25.º — E' livre ao cidadão aceitar ou regeitar a nomeação de Deputado; regeitando-a, ou demittindo-se, perde os direitos de Cidadão, assim como todos os empregos d'honra ou proveito da Confederação e não poderá ser mais eleito nem empregado no Serviço Nacional da Confederação.

CAPITULO V — Disposições Geraes

Artigo 31.º — Cada uma das Provincias confederadas conservará seu Governo, Tribunaes, Empregados publicos de todas as classes no exercicio de suas funcções, como actualmente se achão, salvo as reformas ou mudanças, que a Assembléa Decretar (Artigo 7.º).

Artigo 32.º — A Assembléa procederá logo á creação d'um Tribunal Supremo de Justiça para julgar em ultima instancia as Causas civeis e crimes da Confederação.

Artigo 33.º — Serão unicamente, executadas e observadas na Confederação do Equador as Leis, que decretou e mandou executar, e observar a Dissolvida Soberana Assembléa Constituinte do Brasil e nenhuma outras.

(*) Deve ter havido engano de copia neste artigo.

Relatorio do 1.º Secretario Perpetuo

1920

Conforme preceito dos Estatutos, dar-vos-ei, illustres confrades, conta do movimento social do periodo que se iniciou a 27 de Janeiro de 1919 e hoje termina.

Reuniões — O Instituto archeologico realizou 24 sessões nesse periodo: uma a 27 de Janeiro, magna, para commemorar o anniversario da fundação da sociedade, tributar veneração aos heroes que restauraram Pernambuco entregue durante 24 annos aos invasores hollandeses e desfolhar saudades sobre a memoria dos companheiros mortos; outra solenne, a 6 de março, para o culto incessante aos abnegados que em 1817 implantaram o regimen republicano em nosso paiz, quando ainda não tinhamos alcançado a nossa independencia politica; outra funebre, a 13 de maio, em homenagem ao conselheiro João Alfredo que tanto dignificou o nome de Pernambuco pela sua acção politico-social, deixando á mocidade exemplos de raro civismo; tres de assembléa geral — uma para eleição da mesa e duas para reforma dos estatutos, e dezoito ordinarias.

Movimento de socios — Foram eleitos socios, durante esse periodo: bemfeitores os srs. Othon L. B. de Mello e A. Ommundsen, o primeiro por haver conseguido cerca de vinte contos, entre seus collegas do commercio, para o projectado monumento aos heroes de 1817, e o segundo pela execucao do monumento do Arraial Velho por um preço que não cobriria se quer o custo do material; correspondentes os srs. Clemente Fregeiro, N. Sechman Nitzche, escriptores argentinos de vasta nomeada, dr. Elysio de Carvalho, conhecido publicista brasileiro e o sr. consul Francisco José da Silveira Lobo, republicano historico e jornalista; benemerito o conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, cuja cadeira vagou poucos dias depois e tem de ser preenchida na primeira assembléa, e grande bemfeitor o dr. Manoel Antonio Pereira Borba a quem o Instituto archeologico deve os mais assignalados serviços.

Empossaram-se durante o anno os srs. dr. José Feliciano da Rocha, José Pedro Nunes de Mello, Alfredo Sotero de Farias, dr. José Gonçalves Maia, prof. Eustorgio Wanderley e dr. Carlos Augusto Pereira da Costa.

Perdemos, infelizmente, o concurso inestimavel do nosso 2.º vice-presidente general Joaquim Ignacio, a quem poucos socios terão imitado em dedicacão e nenhum ainda o excedeu. O velho soldado foi transferido para a região militar do Pará.

Seu nome, porem, continuará a figurar na lista dos socios honorarios e os seus serviços a esta sociedade ficarão perpetuados na memoria de todos, como exemplo para cada um de nós.

Falleceram os srs. conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, dr. João de Oliveira, dr. Thomaz Coelho, dr. Vitalino Cordeiro, prof. Francisco Jacintho Sampaio, desembargador Antonio Domingos Pinto e deputado Lourenço de Sá.

Em virtude da reforma dos Estatutos, a secretaria consultou a todos os socios effectivos se deseja-

vam continuar, porque muitos ha annos deixaram de frequentar nossos trabalhos como que renunciando ao direito de socio.

Foram contemplados no cadastro todos os que responderam affirmativamente, passando para o quadro dos correspondentes os que se ausentaram do Estado mudando de domicilio. Com as necessarias alterações, ha presentemente 73 socios effectivos; 4 benemeritos; 181 correspondentes; 10 bemfeitores e 1 grande bemfeitor.

Museu — Parte do nosso museu historico — já o disse certa vez em um de meus relatorios — está atirada no pateo do Gymnasio, estragando-se com o tempo e a mereê de malfeitores.

Foi uma triste consequencia da grande desgraça que nos aconteceu com a desapropriação do nosso edificio. Ficámos sem ter, se quer, onde guardar as reliquias da historia pernambucana e ha dez annos estamos assim quase ao desabrigo.

Durante o anno tivemos, as seguintes offertas — curiosas umas, outras de real valor historico: um machado de pedra encontrado em Gravatá; fragmentos dos escombros do forte do principe da Beira; uma antiga pistola dos beduinos da Armenia da guerra de 1808; uma espada encontrada nos montes Guararapes, e fosseis de um animal anti-diluviano encontrados no districto de Rio Branco, do municipio de Cimbres.

Reforma dos Estatutos — A 27 de Janeiro lembrava eu, em um relatorio, a necessidade de uma reforma dos Estatutos, especialmente para reduzir o numero de socios e estabelecer restricções positivas quanto á admissão de candidatos, afim de tornar a sociedade, quanto possivel, mais digna do acatamento publico. Determinando-se um numero fixo de socios, sempre que houvesse uma vaga appareceria mais de um candidato e escolheriamos o que se nos apresentasse com as melhores credenciaes. E' assim que se pratica no Instituto historico brasileiro, me-

dida que também adoptou o Instituto historico de S. Paulo.

Que o vosso secretario tinha razão, ficou immediatamente provado e na primeira assembléa um grupo de socios propoz se tratasse da reforma dos Estatutos.

Esta foi apresentada, discutida e votada em duas sessões de Assembléa geral, sem que se ferisse o direito de qualquer socio já empossado ou eleito e sem que surgisse protesto algum.

De que nos servia um cadastro de quatrocentos a quinhentos socios se nem ao menos um decimo frequentava as nossas sessões, se interessava pela prosperidade de nossa instituição? Que vantagem, por outro lado, teriamos em augmentar ainda mais esse numero, se são hoje tão poucos os que se interessam pelo estudo da archeologia, da geologia, da historia ou da geographia de Pernambuco?

Resolvemos assim — e foi este o ponto principal da reforma — que o Instituto se dirigisse a todos os associados, mesmo áquelles que nunca frequentaram uma sessão e nem se quer agradeceram a eleição e lhes perguntasse se queriam ou não continuar com o direito de socio. No caso affirmativo, tinham obrigações para com a sociedade e entre estas a principal era a frequencia aos trabalhos. Seriam considerados resignatarios os que não respondessem no prazo de tres meses. Segunda e terceira consulta foram dirigidas aos que não responderam logo. Não houve, portanto, lezão ao direito de socio algum e os que responderam desejar continuar no Instituto foram classificados pela antiguidade da posse.

Quanto aos candidatos, resolvemos exigir que nos dessem prova de capacidade antes de admitti-los. Assim, para ser hoje recebido em nosso gremio, tem o candidato de apresentar um trabalho, já publicado ou inedito, sobre historia, geographia, geologia, ethnographia ou archeologia, assumptos de que se occupa o Instituto.

Estabelecemos tambem que cada cadeira teria como patrono o nome de um pernambucano falecido que se haja distinguido no estudo da historia, geographia, archeologia, ethnographia ou possua lugar de destaque na historia de Pernambuco, por sua acção politica ou social.

Se por um lado fizemos restricções quanto á capacidade intellectual, alargamos a porta quanto ao sexo, ou á nacionalidade.

Mantivemos tambem a classe dos bemfeitores, que gosarão de todos os direitos de socios, menos os de administração. Para ser bemfeitor basta offerter ao Instituto um conto de réis ou realizar serviços materiaes nunca inferiores áquella quantia.

Com a reforma visamos á grandeza do Instituto, pela selecção e pela união. Muitos hontem, viviamos dispersos pela falta de comprehensão de deveres da maioria; poucos hoje, vivemos unidos pelo mesmo ideal, sem dissensões, pensando todos por um só cerebro, que é o do venerando presidente que nos guia. A união faz a força.

Archeologico ou historico? — Quando se tratou da reforma dos estatutos houve idéa da mudança do titulo da sociedade. Em seu discurso de posse, Oliveira Lima mostrou subtilmente que as sociedades congeneres do Brasil são historicas e não archeologicas. Somente Pernambuco e Alagoas mantem a denominação ultima.

Historico é o Instituto da Capital Federal; geographico e historico o da Bahia; historicos e geographicos os dos outros Estados.

Instituto geographico diria tudo, porque a geographia abrange tambem a historia e as outras sciencias de que nos occupamos.

Bati-me pela conservação do titulo de Instituto archeologico, por amor á tradição.

O Instituto de Pernambuco foi o primeiro que se fundou nas antigas provincias e nos actuaes Estados. Antes d'elle havia apenas o da côrte. Sua fun-

dação proveio do facto de ter o imperador, em 1859, syndicado de certos lugares historicos da guerra hol-landeza sem haver quem lhe informasse com segurança. Por isso, s. m. deixou de visitar, entre outros pontos, o local do forte de S. Jorge, do forte do Arraial Velho e do forte do Arraial Novo.

Homens notaveis daquelle tempo cogitaram de fundar uma sociedade para estudos da archeologia pernambucana.

Quando em 1862, ha 58 annos na data de hoje, se congregaram seus fundadores no convento do Carmo, o gremio por elles constituido tomou o nome de Sociedade Archeologica. Com a approvação dos Estatutos, na reunião seguinte, o titulo passou a ser Instituto archeologico e geographico pernambucano. Substitui-lo, 57 annos depois, seria alterar em seus fundamentos o legado que nos deixaram. Pareceria que o Instituto historico seria outra sociedade que não o Instituto archeologico, cuja acção pelo passado é memorada nesses monumentos e nessas dezenas de placas sobre feitos de nossos maiores.

Mas era preciso acompanhar o progresso e o Instituto archeologico tomou tambem a denominação de historico, que já estava comprehendida no geographico, passando a ser o de maior titulo do Brasil: Instituto archeologico, historico e geographico pernambucano.

Trabalho intellectual — Nas diversas sessões do anno foram lidos, entre outros, os seguintes trabalhos: **Direito territorial de Pernambuco sobre a comarca do Rio S. Francisco**, de Gonçalves Maia; **João Alfredo**, por Manoel Arão; **A raça negra no Brasil**, por João Aureliano Correia de Araujo; **A confederação do Equador**, por José Antonio Marques; **Defesa militar do Recife**, pelo coronel Rego Barros; **Recife — historia e geographia, e Potamographia pernambucana**, por Mario Melo.

O primeiro foi um trabalho completo sob o ponto de vista historico e juridico. O Instituto appro-

vou-o, louvou-o, editou-o e, por elle, attrahio para o seu quadro o talentoso autor. O segundo, tambem editado pelo Instituto, é uma pagina brilhantissima pelo lavor litterario e pelo censo critico. O terceiro revela o talento do autor e seus conhecimentos sobre a materia. O quarto estuda a Confederação do Equador sob um prisma diverso do nosso, mas á luz de documentos ineditos. O quinto é um estudo completo de um tecnico competente sobre a necessidade de nossa defesa militar e o melhor meio de a fazer.

Rua Luiz do Rego — Ha dois annos o nosso consocio coronel Rego Barros protestou contra a existencia de uma rua com o nome de Luiz do Rego, o algeoz dos republicanos de 1817 e que como capitão-general de Pernambuco foi o ultimo na ordem mas o primeiro em crueldades. O Instituto esposou o seu protesto e dirigio-o aos poderes municipaes. Muito embora as promessas obtidas, o nome de Luiz do Rego tem continuado na placa de uma das ruas desta capital, dando motivos a que continue de pé o nosso protesto.

Com a entrada do novo chefe do poder executivo municipal tivemos, por intermedio do consocio Manuel Arão, affirmações categoricas de que o Instituto será attendido.

Não foi este o primeiro protesto dessa natureza. Muitos outros teem sido feitos. Ha cincoenta annos reclamava o Instituto contra o nome de quatro individuos de acção perniciosa, postos em ruas do Recife.

Não faz muito tempo, a municipalidade arrancou de uma das ruas desta capital o titulo de Cabugá, que lembrava um dos chefes da revolução de... 1817. O resultado é que Luiz do Rego, tyrano, algòz dos republicanos de 1817, expulso de Pernambuco por uma revolução, tem a homenagem dos recifenses numa rua, enquanto de outra se arranca o apelido de um dos chefes dessa revolução e seu embaixador junto ao governo norte-americano. E dizer-se

que ha tres annos o Brasil inteiro commemorou o grandioso feito de 1817!

Entretanto o nosso dever é proteslar, para sermos um dia attendidos. Se não nos ouvem hoje, talvez amanhã nos deem razão.

Wandenkolk foi collocado numa praça publica com o nosso protesto. Quem sabe se amanhã, em nome das nossas tradições e ainda mais em virtude da esthetica da cidade não será aquelle bronze inexpressivo removido para o pateo da Escola de Aprendizés, unico local apropriado, depois que extinguiram o arsenal de marinha?

Congresso de geographia — O Instituto archeologico adherio ao VI congresso brasileiro de geographia e fez-se representar no mesmo certame scientifico, reunido em Bello Horisonte.

Esse assumpto já foi tratado em relatorio especial que está publicado na nossa **Revista**.

Limites inter-estadaes — Continua sem solução a pendencia que temos com a Bahia sobre a comarca do Rio S. Francisco que o 1.º imperador annexou provisoriamente áquelle Estado, sem que até hoje os poderes competentes a tenham desannexado ou extinguido o **provisorio**.

O assumpto está bastante esclarecido por dois estudos de brilhantes consocios nossos: um de Pereira da Costa e outro de Gonçalves Maia.

A Bahia considera seu, definitivamente, o territorio que lhe deram para administrar como castigo ás idéas republicanas dos pernambucanos, e os mappaes brasileiros que assignalam todos os pontos litigiosos, nenhuma referencia fazem a essa longa faixa territorial da margem esquerda do Rio S. Francisco.

Dahi um pedido que endereçamos ao Club de Engenharia do Rio de Janeiro, encarregado de organizar o mappa geral do Brasil, para ao menos mostrar em côr diversa, que as terras do Carinhonha ao Pau da Historia não pertencem de modo liquido a Bahia.

Outro protesto tambem fizemos, pelo facto da Bahia ter assignado um convenio de limites com o Piauhy e Goyaz, sobre as fronteiras dos tres Estados, quando esses limites se referem justamente ao territorio pernambucano.

Devemos protestar sempre, porque o nosso direito é liquido. A Bahia foi chamada pelo 1.º imperador para exercer uma tutella sobre Pernambuco, pelas suas loucuras de republicanismo. Meio seculo depois o Brasil inteiro adopta a republica e Pernambuco, em vez de receber um premio pela victoria dessas ideas então consideradas loucura, continua castigado, vendo pesar-lhe a mesma tutela.

De que servio então o sangue de tantos precursores da republica em 1710, em 1817 e em 1824?

Centenario da independencia — Approxima-se a commemoração do centenario de nossa independencia, cujos primeiros symptomas surgiram na conspiração de 1645, manifestaram-se em 1710 e... 1801 e appareceram do modo mais claro em 1817.

Temos obrigação de acompanhar os outros Estados nos grandes festejos. Nesse sentido nos dirigimos ao congresso do Estado, pedindo um credito para a commemoração, compromettendo-nos a inaugurar o monumento dos heróes de 1817, a editar uma corographia e uma historia de Pernambuco, e a realizar festas publicas.

O congresso nacional votou cincoenta mil contos para a commemoração no Rio de Janeiro; o de São Paulo dez mil contos, para a commemoração na cidade em que Pedro I quebrou os laços que nos prendiam a Portugal. O de Pernambuco votou cento e cincoenta contos, para serem pagos por tres prestações, a primeira das quaes no anno corrente. Só o monumento nos custará cento e cincoenta contos.

Parece-me, entretanto, que em Pernambuco não haverá a commemoração que projectamos se não nos fôr entregue logo a primeira prestação, porque sem ella não poderemos tratar do monumento nem abrir

concurso para a publicação da historia e geographia de Pernambuco.

Um monumento não se faz nem se assenta em poucos mezes. São Paulo votou uma verba de mil contos em 1917 para o seu monumento, depositou o dinheiro, abriu concurso de projectos e, passados sessenta mezes, ainda não poudé julgar as **maquettes**

Quando já houvesse os 150 contos á nossa disposição, teriamos preliminares cuje resolução demanda algum tempo. Assim, a primeira seria saber se o Instituto deve executar o projecto Bibiano Silva. A segunda se, no caso affirmativo, o executor do monumento deve ser o autor do projecto ou se este, como em S. Paulo, é hoje propriedade nossa, podendo ser a execução contractada com qualquer artista idoneo. A terceira, se devemos abrir novo concurso o que determinaria grande perda de tempo.

Tenho, assim, minhas duvidas sobre o papel de Pernambuco no centenario da Independencia.

Oxalá não esteja commigo a razão, nesse caso. Se, infelizmente, nos collocarmos em posição inferior aos outros Estados, não deverá ser accusado por isso o Instituto archeologico, que desde 1917 vem tratando do assumpto, organisando até programmas com anticipação de tres annos.

Quanto á cooperação intellectual de Pernambuco, podem ficar tranquilllos os meus coestadanos. Convidado pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro para escrever a corographia de Pernambuco a ser incorporada á Grande Geographia do Brasil e convidado pelo Instituto historico brasileiro a fim de escrever a historia e a geographia do nosso Estado para o **Diccionario historico e geographico do Brasil** — um e outro trabalhos de summarios diversos — tenho dedicado a ambos as horas que me possam sobrar para descanso. Já conclui o primeiro e espero concluir o segundo dentro de cinco mezes.

Outros poderiam escrevel-os com maior brilho, amontoando mesmo maiores conhecimentos. Nin-

guem o faria, porem, com o carinho com que me tenho dedicado ao assumpto, com o desinteresse material com que os estou elaborando, com o desejo veemente de corrigir todos os enganos possiveis, afim de dar ao meu querido torrão esse tributo de muito amor.

Bronzes commemorativos — Embora sem a menor solennidade, foram em novembro do anno findo inauguradas as inscrições commemorativas dos arcos da Conceição e de Santo Antonio, antigas portas da ponte construida por Mauricio de Nassau.

O Instituto archeologico resolveu perpetuar a lembranca do local em que existiram aquelles monumentos de nossa historia colonial e o general Joaquim Ignacio offereceu um velho canhão do Brum, para que a inscrição fosse feita no bronze.

Do trabalho material se encarregou o dr. José Apolinario, operoso director das obras publicas do Estado.

O historico da ponte e dos arcos está feito nas poucas palavras das placas de bronze:

“Na entrada desta ponte, a primeira feita no Brasil e levantada neste local por Mauricio de Nassau — o fundador da cidade — existia o arco de Santo Antonio, como uma das portas que a fechava, edificado em 1643 e demolido em 1917 por exigencias do transito. Memoria do Instituto archeologico e geographico pernambucano em 1918.”

“A poucos metros a leste deste local existia o arco da Conceição, edificado em 1643 como uma das portas que fechava a ponte, acabada naquelle anno por Mauricio de Nassau, e arrazado em 1913 por necessidade do trafego. Memoria do Instituto archeologico e geographico pernambucano em 1918.”

Cada placa tem 1 metro e 80 centimetros de altura por 60 centimetros de largura e o peso de 190 kilogrammas.

Monumento do Arraial Velho — Está concluido o monumento de granito que deve ser levantado no

local em que existio o Forte Real do Bom Jesus, e que, segundo historiadores, foi o berço da nacionalidade brasileira.

De sua execução se encarregou o sr. A. Ommundsen, hoje nosso socio bemfeitor. E' um trabalho primoroso e original e tem para nós o valor ainda maior de constar de um bloco inteiriço de granito pernambucano.

O monumento será erguido no sitio Trindade, do dr. Anselmo Peretti, na Mangabeira de Cima, onde Mathias de Albuquerque levantou o dique de resistencia contra o invasor.

O terreno que fôr occupado por esse monumento ficará pertencendo ao Instituto, conforme promessa do dr. Peretti, que igualmente contribuiu com a quantia de um conto de réis para levarmos avante a idea que os nossos antecessores não puderam executar.

Essa piramide de granito não poude ser ainda ináugurada porque o Instituto não deseja faze-lo sem a presença do dr. Anselmo Peretti, que se acha na Europa e a quem devemos, em grande parte, a ventura de podermos assim ir pagando essa homenagem de nossa gratidão aos nossos antepassados, ao mesmo tempo em que nos vamos tornando credores do respeito de nossos vindouros.

O predio do Instituto — O ultimo capitolo de meus relatorios tem sido sempre dedicado ao nosso predio.

Ha um anno dizia eu, no dia de hoje:

“Temos a nossa séde. Tudo faz crer que o Instituto archeologico abandonará em breve este telheiro em que foram atiradas impatrioticamente suas reliquias e começará a funcionar na sua casa, que terá a imponencia de um templo de historia.”

Passaram-se mais 365 dias e os nossos sonhos não se realizaram ainda.

Quem poderia acreditar que o inquilino de um predio demoraria quasi dois annos, contra a vontade

do proprietario que delle precisava para sua residencia, e ainda mais que esse inquilino pretendesse faz-lo com isenção dos alugueis? Pois foi o que se deu connosco. Pezar-me-ia entrar em pormenores sobre essa particularidade bem como descrever o estado em que a nossa casa nos foi entregue nos ultimos dias do anno findo.

O inquilino de nosso predio nelle esteve, contra a nossa vontade, não obstante os nossos reiterados pedidos, até fins de novembro. Logo que nos foi entregue a chave, passamo-la ao sr. dr. Manuel Borba, então governador do Estado que promettera fazer as obras de adaptação. E s. exc. immediatamente transmittio ordens nesse sentido ao director das obras publicas.

Faltava-lhe porem menos de um mez para deixar o governo e, até o dia 17 de dezembro não lhe fôra entregue o relatorio das Obras Publicas sobre os trabalhos precisos, relatorio que ainda não está concluido, ao que me informam.

Com a entrada do novo governo, o Instituto se entendeu com o exmo. dr. José Bezerra, nosso eminente consocio, e s. exc. nos fez ponderações de ordem economica sobre a administração do Estado, sobre o provavel decrescimo das rendas, e o programma de só executar obras inadiaveis.

Teriamos dois caminhos a seguir: ou permanecer aqui até que o governo adaptasse o nosso predio ou, renunciando a uma adaptação condigna, limpalo ás nossas custas, lançando mão do nosso pequeno peculio. Para a ultima hypothese, os governos estadual e municipal nos facilitariam o que fosse possível.

Preferimol-a e nesse sentido já demos os primeiros passos: o governador do Estado cedeu-nos installação sanitaria gratuita; o municipal fará a suas expensas a calçada.

Lembramo-nos tambem de recorrer ao patriotismo dos pernambucanos residentes no Rio de Ja-

neiro. Se destes recebermos o auxilio esperado, faremos a adaptação completa do predio; em caso contrario, apenas a limpeza necessaria e as obras de segurança.

E' esta — acreditamos todos — a ultima sessão anniversaria que realizamos neste edificio. Depois de dez annos de lucta incessante, conseguimos a nossa maior aspiração. Não, foi completa, porque não obtivemos um predio novo, conforme a planta que chegou a ser organizada e approvada.

A batalha decisiva, porem, está ganha. E agora é continuarmos unidos e fortes em nosso programma, porque trabalhar pelo Instituto é honrar nossos maiores e engrandecer nossa patria.

Recife, 27 de Janeiro de 1920.

Mario Melo — 1.º secretario perpetuo.

Impressões de Pernambuco

Transcrevemos abaixo as impressões que, de Pernambuco, enviou para a Europa em cartas, no anno de 1852, o naturalista inglez Charles B. Mansfield.

Essas cartas foram depois de sua morte reunidas em livro que provocou — opinião de Alfredo de Carvalho — da parte do polygrapho espanhol Pascual “uma analyse tão ociosa quão impertinente, arrastada atravez das paginas interminaveis de dois volumes de um pretenso ensaio critico.”

Carta Primeira

“Aspecto do paiz: — o recife: — os negros: — o clima: — os sitios: — a vida na cidade: — a senhora cantando e a “phaloena locusta”, vulgo lavadeira: — as borboletas: — as formigas: — as trepadeiras: — as palmeiras: — os arrabaldes de Penambuco: — um passeio projectado: — as rãas e os sapos.

“Que paraíso é, ou ao menos poderia ser, este paiz se fosse possuido pelos Inglezes! Eu não sei de certo se findei os meus dias, ou se tenho começado uma nova vida. Tudo o que me circumda é tão intei-

ramente anti-europêo que ficaria quasi convencido de que me não achava neste globo terrestre senão em algum outro planeta se tivesse podido gozar ultimamente de um somno profundo, interrompendo assim a continuação do fio da consciencia.

“Porém, ultimamente a bordo do vapor me parecia não ter vontade nenhuma de dormir. O calor, a humidade, os bonitos dias, a falta de commodos, a distracção, tudo isto reunido impedia o meu somno. Assim, emquanto me é dado recordar cada uma das scenas da minha ida ultima, não posso deixar de acreditar que ainda estou neste mundo, e que vós recebereis esta minha carta um dia pelo correio terrestre.

“A vista de Pernambuco desde a altura do mar é mui bonita. Os casas são altas e assaz bem edificadas, segundo o estylo portuguez, cobertas com telhas acanalladas e os angulos dos telhados formando cornos de lua: em geral estão caiadas de branco, embora algumas o sejam de outras côres. A terra é na sua quasi totalidade plana, mas a uma distancia de duas milhas de Pernambuco, pouco mais ou menos, para o lado do norte, ha um morro, onde está enervada Olinda, a antiga cidade deste porto. Esta montanha é de um effeito agradável á vista, semeada de casas brancas que se escondem entre a folhagem verde-escura da quasi floresta, e franjada de pontudos e alongados coqueiros. Diz a gente do paiz estar a cidade de Olinda em grande decadencia, e que, a respeito da sua belleza, vista de longe, é muito immunda e são quasi desertas as suas ruas.

“Agora é necessario que formeis uma idéa do modo por que está construido o porto de Pernambuco; porque certamente deve ser contado entre as maravilhas do universo, embora não pareça ser tão verdadeiramente portentoso. Comquanto não esteja bastante familiarisado com a geographia do lugar, posso, comtudo, dar-vos uma rude idéa do que elle é.

“A parte superior do meu pequeno mappa é o

norte, a inferior o sul. O lado esquerdo da sombra é o continente. A linha preta que corre parallela á costa é um estreito recife de rocas, que se levanta apenas sobre a superficie das aguas na maré, e no refluxo do mar fica fóra das aguas quasi seis pés. Este recife, que parece ser de cinco a seis pés de largura, corre ao longo da costa por por umas 300 milhas, fornecendo um canal navegavel desde quinhentas jardas até uma milha pouco mais de largo entre elle e a costa, em toda a sua extensão.

“Não sei o que os geologos pensão deste recife: é formado de grandes massas de arêa petrificada, cheio de seixos e conchas de mariscos, e apresenta o aspecto de uma muralha. O porto de Pernambuco está formado por este recife, que lhe serve de quebra-mar, e entra-se nelle pela abertura feita no recife. E’ minha convicção que um povo dado á engenharia faria de toda a costa, de um extremo a outro um só ancoradouro.

“Pernambuco poderia tornar-se, sem construir uma só pollegada mais, limpando-se e aformoseando-se simplesmente o que existe, uma magnifica cidade. As çasas são solidamente edificadas e elegantemente desenhadas; quasi todas ellas são bonitos edificios, e a variedade de côres destes e daquellas lhes dá uma apparencia muito pittoresca. E’ porém um logar espantosamente immundo; não ha policia urbana de sorte alguma, e todas as immundicies ficão nas ruas, embora não haja máu cheiro; pois se a comparais com Lisboa, cheira bem. e se com a cidade de Colonia, parecer-vos-ha uma rosa.

“Um braço do mar — em que desaguão dous rios — lava com a brisa toda a cidade, tendo uma extensa ponte sobre cada um dos dous ramaes ou braços. Duas terças partes da população parecem constar de pretos nús da cintura para cima, só com calças de algodão.

“Em geral, são esplendidos padrões do desenvolvimento muscular, pelo menos se attendeis aos

seus peitos e braços, e a sua pelle macia brilha como o velludo: quasi todos são escravos. Ora, a primeira cousa que me surpreendeu ácerca destes escravos — segundo o que até agora tenho podido observar — foi a sua dignidade e o olhar independente que os caracteriza. Descobre-se alguma semelhança com o talante de Achilles na maneira de andar do negro, quando serve á mesa: eu desejaría só que tão joviaes rostos se pudessem contemplar entre os nossos menos abastados Inglezes. Se o que aqui vemos é em realidade uma perfeita amostra da escravidão, creio ser um desprezível pretexto, e um verdadeiro palavrório o brado contra a escravidão, cujo éco é repetido por toda a Inglaterra; porque acredito que nós, os Inglezes, somos completamente tão senhores de escravos como este povo.

“Agora vou epilogar a minha narração. Mr. Poingdestre nos conduzio a uma loja ou escriptorio — mui semelhante aos lugares da mesma classe na Inglaterra, embora os quartos sejam mais espaçosos e limpos —, onde nos esperava o jantar. Desempenhei perfeitamente o meu lugar, regalando-me com iguarias tão saborosas como o são a farinha de mandioca, e as esplendidas e grandes laranjas verdes desta terra.

“Depois de jantar sahimos para o sitio de Poingdestre: elle e eu montados em pequiras, Power e um joven americano n'uma especie de jaula de quatro rodas. Mas que passeio! Uma estrada mui extensa, ou antes uma senda ou atalho de arêa e lama, entre um continuado jardim de toda a classe de belleza portentosa. O sol ia entrando no occaso, o horisonte assemelhava-se a um desses quadros de Danby, o rico verde-escuro das arvores de todas as formas imaginaveis, salvo as que se vêm na Inglaterra, expostas á vista, e os seus contornos e perfis dirigidos para o céo. Bananeiras, palmeiras, etc., e os gloriosos coqueiros, assenhoreando o conjuncto do scenario, e

representando o mesmo papel na paisagem que os olmos nas vizinhanças de Rowner.

“Este é o inverno nestas regiões, como não o ignorais, mas com mui poucos signaes de cousa que se pareça com o que nós conhecemos de semelhante nome. Algumas arvores estão despidas de parte da sua folhagem; nenhuma, porém, o está inteiramente.

“Ha mui poucos passaros. Eu só tenho visto um ou outro: um mimoso passarinho branco, como a neve, com azas pretas, que move continuamente a cauda, e que esvoaça pelas immediações das casas de campo, e um picanço que solta uns trinados de curta duração, unico cantor, dizem, que ha no territorio de Pernambuco.

“A minha morada é na casa de campo de Mr. Poingdestre; passeio a cavallo e em carro pelos arredores ao pôr do sol, e volto a percorrer o mesmo caminho á primeira luz da manhã. Parece-me ser o clima a cousa mais deliciosa. Sahimos em carro ao meio-dia, e não me pareceu demasiadamente excessivo o calor. Power diz que, quando apanha sol, adoce; eu, pelo contrario, senti-me cheio de vida debaixo da influencia dos seus ardores. O effeito do calor é muito menos abrasador do que o do sol de verão inglez, pois que as palmas das minhas mãos, que ahí sempre estão seccas, aqui ficão macias e em extremo brandas. Estou certo de que os achacosos, mesmo em estado mui adiantado da doença, poderião recuperar a saude, vindo a este lugar, em qualquer estação. Podeis estar intimamente persuadido de que o marido da Guilhermina terá a sua casa de campo no Brasil, e que os Ingleses da futura geração irão mais longe das suas cidades para tomar ares, como agora vão aos seus domicilios.

“Mr. de Mornay acaba de sahir daqui, e me disse que ia ao interior do paiz para medir as terras onde deve abrir-se uma estrada de ferro que esta projectando: eu lhe disse que o acompanharia e o auxiliaria. Esta excursão será debaixo de todos os

aspectos uma nova face da vida, embora não mui delectavel.

“Não acho meio de gastar dinheiro. Parece ser regra que os estrangeiros são hospedes em todas as partes: tem-se-me aconselhado, apesar dos meus desejos, de não offerecer dinheiro a ninguem, pois reputa-se uma grande falta de attenção fazê-lo.

“Supponho que deverei comprar um chapéo e um cavallo, e ser-me-ha facil vender o ultimo com perda insignificante, quando não careça mais do seu prestimo.

“A febre amarella visitou este paiz. Deveis saber que, com grande espanto de todos, appareceu repentinamente, ha pouco tempo, entre a maruja dos navios surtos nestas aguas, não tendo atacado muitas pessoas em terra. Acaba de desaparecer daqui; diz-se, porém, que o flagello ainda existe no Rio com alguma intensidade.

“Nada póde ser mais ameno do que o clima nesta estação do anno, e acredito que o calor do verão não será muito mais intenso do que o é agora, para as pessoas que se têm gradualmente acclimado, chegando nos mezes do inverno. Este é de facto o inverno, ou, como o chamão aqui, a estação das chuvas, segundo a theoria; porém em realidade é o apogéo do verão. O paiz está trajado do verde mais esplendido que podeis imaginar, e as laranjas mais saborosas do mundo se balançao em prodiga abundancia nas arvores em todos os estados de sazão. Faz tanto calor como em Inglaterra nos dous ou tres dias mais quentes do mez de Agosto; os dias porém são curtos, o sol se occulta no horisonte quasi ás cinco e meia horas da tarde, e não nasce senão ás seis e meia horas da manhã. As manhãs e as noites são deliciosamente frescas, e quasi todo o dia o ardor do sol é mitigado por uma suave brisa. Reinão aqui os ventos monções assoprando na costa do lado do sul, durante todo o dia, os quaes refrescáo a cidade, e de noite e de manhã o terral e a brisa do mar

temperão a atmospherã. A temperatura pelo thermometro á sombra marca geralmente ao meio-dia perto de 30 grãos Fahr.; porém não é tão elevada para as sensações individuaes. Agora não é mais tempo da estação das chuvas, como tambem não é o inverno: porque não tem chovido durante o dia mais do que duas vezes desde que me acho aqui. Choveu fóra do commum durante os ultimos tres ou quatro mezes, que aliás são geralmente seccos. Parece ter sido o tempo tão chuvoso aqui como secco era na Inglaterra quando de lá parti. Quicá a estação das chuvas que, segundo o costume, deveria ter começado apenas nestes dias, deverá ser menos invernosa do que ordinariamente: se fôr assim, é um embaraco para mim. Não obstante, tem chovido a cantaros uma ou duas vezes á tarde e á noite: os aguaceiros vinhão mui repentinamente: as nuvens cobrião o céo, vasando torrentes de agua por alguns minutos, e logo passavão deixando ver de novo o bello azul.

“Até hontem á noite não me tinhão absolutamente incommodado os mosquitos, mas dormi n’uma casa perto do rio, onde fui mordido um pouco por elles, embora não mui severamente.

“Moro agora com Poingdestre, que me empresta um dos seus melhores cavallos — antes pequiras — do lugar, tão bom como eu nunca montei. Todos os cavallos em Pernambuco, é necessario que vos affirme, são pequiras: não trotão, mas sim cabriolão ou galopão a grandes passos. Todas as estradas nos arabaldes de Pernambuco são sendas, inteiramente de arêa, excepto onde são mais baixas, que então são de lama. Sem embargo, ha uma estrada que começa a algumas milhas da cidade, e corre direita pelo coração das campinas entre os engenhos, e está macadamisada no centro. Todos os negociantes têm aqui os seus sitios, ou casas de campo, onde jantão, dormem e almoçã, e deixão as suas esposas — se as têm —, e passão o dia nos escriptorios da cidade.

“O escriptorio de M. Calmont se acha na praia

do porto, — que o domina — como alguns desses preciosos buracos de Londres descortinão o Tamisa. Mas a vista é mui differente desde as janellas desta casa onde estou agora escrevendo n'um aposento acima do dito escriptorio. Aqui estende-se o Atlantico ante os meus olhos em toda a sua vastidão, do qual o longo ancoradouro, povoado de navios, está separado pelo extenso e estreito recife que se levanta sobre a sua superficie. Quasi todos os dias até agora tenho vindo á cidade, e feito deste quarto por cima do escriptorio o meu refugio durante o dia; quer porque tenho a minha bagagem aqui; quer porque desejo conhecer bem a cidade antes de sahir ao campo, comprar algumas cousas de que careço, e finalmente, porque quero ver gente.

“Nas tardes, ou vou jantar com alguns amigos, ou ao sitio de Poingdestre, e depois faço ás vezes uma visita e passo as primeiras horas da noite em alguma casa da vizinhança. Aqui se visita sempre de noite. As senhoras devem passar o tempo mui enfadonhamente durante o dia, pois é demasiado quente para que possam sahir a passeio; de sorte que ficão em casa sósinhas entre negros e pretas. Ao cahir da noite abrem todos as portas e janellas, e entrão e sahem insectos e visitantes ao seu bel prazer.

“Ha algumas noites passadas me achava na casa de um mercador: uma senhora estava cantando ao piano uma cançoneta, cuja letra começava, se não me engano, “a primavera está para chegar, os insectos começam a zumbir etc.” No momento mesmo em que ella modulava maviosamente o vocabulo **zumbir**, uma grande e bonita **lavadeira** — **praying mantis** — que estava esvoaçando, havia uns minutos, no aposento, voou para a sua cara e pousou no seu collo, de sorte que a nota immediata foi um grito, e o côro que a acompanhou uma chuva de gargalhadas. Nunca vi scena mais comica! Deveis saber que a **lavadeira** é um bicho meio gafanhoto e meio

maribondo — uma especie de folha voadora, de tres pollegadas de comprimento, com garras proporcionadas ao seu corpo.

“Ha aqui um avultado numero de insectos. Algumas das borboletas são magnificas: grandes andorinhas bicaudatas, do tamanho dos pardaes, de um extremo ao outro das azas — revôão pairando em todas as direcções.

“As formigas são muito numerosas: a mais commum é a branca, da grandeza pouco mais ou menos da formiga preta ingleza: fabrica amplos ninhos de terra nos ramos das arvores, alguns delles tão grandes como duas ou tres cabeças humanas, e edifica caminhos cobertos para subir e descer das arvores, e nas paredes dos aposentos cruzando-as em todas as direcções. Carcome quanto apanha, livros, trastes, traves das casas. etc., etc. Uma dessas intelligentes creaturas edifica espaçosos palacios subterraneos, em cujos armazens deposita folhas de arvores. Vi hontem n’um jardim muitas arvores pequenas que têm sido esbulhadas da sua folhagem por estas formigas em um ou dous dias, deixando expostos á luz do dia os ninhos de tres passarinhos com notavel pezar seu; um desses ninhos — o de um colibri não acabado, — foi abandonado por causa da sua publicidade. As formigas sobem á arvore e cortão as folhas; estas cahem ao chão, e outras formigas que ahi se achão as recebem, as reduzem a pedacinhos — algumas vezes maiores do que ellas todavia; as carregão e levão aos seus formigueiros. Havia uma prolongada fileira destes bichinhos, marchando um após outro a passo redobrado, com um pedaço de folha verde tão grande que os cobria todas, do mesmo modo que Birnam Wood indo a Dunsinane. Macduf ou Sheakspeare devem ter furtado a idéa destas formigas.

“Vagava eu hontem por um bosque, distante da cidade umas oito milhas; não é matto virgem, todavia merece o epitheto de magnifico. Todas as gran-

des arvores têm sido cortadas naquelle lugar, excepto as de uma ou duas classes, cuja madeira é fofa ou porosa em demasia; uma destas classes é, afortunadamente para este scenario, a mais soberba; é da familia das mimosas, que abundão aqui de todas as sortes e de todos os tamanhos: — ergue-se 40 ou 50 pés sem ramos, e logo estende por todos os lados grandes limbos ou bordás que derramão os seus ramos — o mesmo que o cedro pyramidal —, em massas planas á guisa de chapéos de sol. De longe se assemelhão a magnificos cedros; de perto parecem enxertos de carvalhos e acacias. Sobrelevão-se a todas as arvores da floresta. Dos ramos dellas pendurão-se trepadeiras de compridas e delgadas varas, como as cordagens dos mastros dos navios, de 70 a 80 pés de comprimento, sem remate algum perceptivel, sem uma folha, ou ramo, e tão grossas como tres ou quatro dedos unidos. Pareceu-me uma questão embarciosa se descião das copas das arvores, ou subião da terra ás ramadas, que estavão cobertas com a folhagem das trepadeiras. Sem embargo, ainda que ao principio fiquei quasi certo de que erão parasitas que crescião nas arvores, deitando cabos até o chão, reconheci que não o erão; porque com summa difficuldade segui as pégadas de duas debaixo do cordame onde ellas se escondião e entrelaçavão em todas as direcções por centos de pés até um renovo d'onde sahião. Ora, não podem ter brotado dos ramos porque penduravão, balanceando-se no ar vinte ou trinta pés do rebento da arvore que não tinha uma unica enredica ou planta ramosa nella, nem brinco algum por onde poder trepar; de sorte que tirei a conclusão de que poderião ter ficado arraigadas nos ramos tenros das arvores, quando mui novas, perto do solo, e crescendo com ellas devem necessaria e gradualmente ter chegado ao seu estado presente de firme enlace e elevação.

“Esta descripção dar-vos-ha uma idéa pallida da magnificencia da vegetação. Tenho esboçado

nesta folha de papel um diagramma tosco do modo por que crescem estas maravilhosas cordagens.

“Poucas plantas, porém, comparativamente estão agora em flôr: o que é a unica evidencia — e esta negativa, — de ser a estação do inverno. Apesar disto vêm-se algumas flores de vez em quando. Tenho achado só uma de uma belleza feiticeira: — uma fava, de que tenciono mandar algumas sementes verdes, e espero ter algumas em sazão um dia destes. Pretendo, antes de deixar o paiz, munir-me de algum papel dissecante e de algumas taboinhas para conservar algumas plantas das que julgo dignas de serem guardadas, e fazer uma collecção de todas as sementes que possa obter, boas, más e indifferentes, para que as minhas irmãs se recreiem em planta-las.

“Acho que a gente deste paiz — ao menos os Inglezes com quem hei fallado — tem mesquinhos conhecimentos ou nenhuns dos productos naturaes: ainda não pude obter delles informação alguma acerca da familia das palmeiras, e a respeito do seu numero. E’ geral aqui a idéa de existir uma ou duas classês de palmeiras além do coqueiro; mas eu tenho achado já sete familias ao todo, de algumas só vi um pé. Primeira, o coqueiro; segunda, a palmeira que para o povo parece não ter outra denominação; terceira, o dendezeiro; quarta, a palmeira, d’onde se extrahê o palmito; quinta, uma pequena arriçada de espinhos — uma nos bosques; sexta, a tamareira; setima, a carnaúba. Todas estas, excepto a ultima, têm por folhas immensas pennas de perto de dez pés de comprimento, todas mui semelhantes, em geral, na sua apparencia.

“A ultima — desta como da tamareira, só tenho visto um pé — tem folhas bellas á maneira de leques. A carnaúba, embora rara aqui, segundo sou informado, é a palmeira commum do paiz em alguns lugares não mui distantes. As palmeiras são inteiramente caracteristicas destas comarcas. O coquei-

ro é certamente, ao longo da costa, a arvore mais notavel no scenario; os seus troncos compridos e delgados sobrelevão-se em todas as partes, com a sua corôa de folhas no centro, que o domina todo; porém, o coqueiro, acredito não ser indigena deste lugar, deve ter sido introduzido. Supponho que todas as outras palmeiras forão transplantadas aqui tambem, excepto a pequena de folhas espinhosas, uma que encontrei nos bosques; porque todas as outras se achão em jardins e hortas.

“E’ necessario que conheçais que o paiz ao redor de Pernambuco é uma extensa planicie de arêa, circumdada por um semicirculo de outeiros baixos de argilla vermelha. A vista, desde as eminencias destes morros, é magnifica em toda a extensão da palavra: estende-se aos vossos pés como um vasto panorama dos verdes mais brilhantes. Podeis formar-vos uma idéa pelo esboço que desenhei na margem. Os morros descem ao mar em Olinda pelo lado do norte — a antiga cidade edificada na montanha, e até um cabo — cujo nome esqueci — pelo lado do sul. Pernambuco jaz á borda do mar, no centro do semicirculo. Ao redor da cidade, nas suas mais immediatas vizinhanças, a planicie está cortada por jardins e hortas, cada uma destas e daquelles com a sua casa de campo: de facto, tudo é um grande jardim um pouco descuidado.

“Além disto, á medida que vos afastais da cidade, as casas se tornão mais disseminadas, e então só ha choupanas de gente necessitada, com poucos espaços edificios que são os engenhos dos senhores ricos. Na parte exterior da planicie, ás fraldas dos outeiros, desaparecem os jardins, cedendo o seu lugar aos campos de canna doce, matizados por canteiros de milho e de mandioca. Quasi a totalidade desta planicie é de arêa fôfa e pobre á vista; é nestas paragens que crescem todas as arvores fructiferas e outras ricas produções da natureza.

As montanhas que circumdão esta planicie são

de barro vermelho. E' obvio que n'um periodo não mui remoto, a totalidade deste amphitheatro estava coberta pelas aguas do mar, e que a riba era ao longo das fraldas dos outeiros. A cidade de Pernambuco jaz na foz de um rio que corre através da planicie, e denomina-se Capiberibe — ou rio das Capivaras. A capivara é um animal maritimo chamado algumas vezes porco do mar, uma especie de pequeno hipopotamo: não obstante, creio não haver agora nenhuma no rio.

“Já annunciei que os De-Mornays têm em vistas um projecto para a construcção de uma estrada de ferro para o Rio de Janeiro, e querem ter certeza da melhor linha que deve ser escolhida n'um ponto distante, perto de 30 ou 40 milhas ao sul deste lugar.

“Pedirão-me com mui polidas maneiras que os acompanhasse. Apenas avancei a idéa de comprar ou alugar um cavallo para acompanhá-los, De-Mornay me disse ter um para mim; e como elle me affirmasse que não o devia comprar nem alugá-lo, aceitei o seu offerecimento de mui boa vontade. Emprestou-me um, pertencente a um dos seus amigos. Seremos acompanhados na nossa excursão por cinco ou seis negros, e nos albergaremos nas fazendas de assucar.

“Escrevi a Maskelyne, pedindo-lhe que me mandasse uma camara e um aparelho photographico; quero tomar uma boa colleção de talbotypos das arvores destas comarcas. Ainda sou caipora na lingua portugueza: por casualidade passo os olhos pelos velhos diarios com o dictionario na mão; mas a minha conversa não vai mui além da phrase “muito obrigado.”

“Ha aqui um sem-numero de rãas, ao anoitecer o ar fica cheio da sua musica: toda a classe de notas: — algumas trabalham na bigorna como os ferreiros, outras assobião como os homens quando chamão os cachorros, outras ladrão como cães; mas estas ainda não as tenho ouvido.

“Apanhei hontem uma mui bonita, de uma côr verde pallida e brilhante, com chupadores nos pés em vez de unhas: pega n'um prego e agarra-se na parêde como uma mosca, e sobe por um quadrado da janella tão facilmente como corre pelo chão.

“Ha aqui uma multidão de mui bonitos passaros; não me consta, porém, que haja muitas familias raras nestas regiões. Diz-se que todos os prodigios desta classe vêm do Pará e de outras partes do Amazonas: espero ir lá antes do meu regresso á Europa.”

Carta Segunda

O Brasil: — crimes: — economia politica: — colonisação: — escravidão: — commercio.

“Pela misericordia de Deos tenho grangeado mais valiosas informações acerca das cousas deste paiz do que teria adquirido no mesmo espaço de tempo muita gente que aqui tem aportado. A respeito, porém, da economia interna dos negocios, não sabendo fallar a lingua desta gente, não tenho obtido noções mui detalhadas.

“A unica industria que exercem os Brasileiros, ao menos que eu saiba, é cultivar a canna de assucar, comer farinha de mandioca e assassinar.

“Commettem-se assassinios sem intermissão: a lei castiga os homicidas com a pena capital; porém uma unica execução está na lembrança de um velho habitante desta terra. Parece serem aqui decididas de antemão todas as brigas com a faca.

“Um cavalheiro, em cujo engenho fez De-Mornay um trabalho, apresentou-lhe um dia ao jantar um individuo assassino de profissão — o que aliás era notorio e positivo, — accrescentando com tom insinuante que se o seu trabalho não fosse bem exe-

cutado, os honorarios de De-Mornay serão pagos em aço, porém não em prata: — e este homem é um barão do Imperio — elevado a esta categoria pelos seus merecimentos; porque os titulos não são aqui hereditarios.

“A semana passada, perto desta casa, foi assassinado, uma manhã, no meio da rua, um pobre homem.

“No anno findo, um dos escravos do meu hospede foi assassinado ao pé de casa por um outro negro, que até agora não tem sido apprehendido pela justiça. Escreve-me um amigo que um famigerado facinoroso — homem que degollaria um de vós por dez mil réis — acaba de ser executado na Parahyba — embora não pela alta justiça senão pela vingança particular: — e faz-se necessario participar-vos que aqui procede contra a lei qualquer individuo que mata o seu cavallo, ainda que seja mortalmente ferido, ou que morra aos bocadinhos — e constitue-se réo de carcere pela perpetração de semelhante acto.

“Diz-se ter invadido a corrupção todas as repartições e degrãos do governo, desde o Imperador até o ultimo beleguim.

“Em verdade, este paiz é mui creança: ha uma vigorosa vegetação de joios e abrolhos em materia de leis: enredças colossaes de impostos de alfandegas: parasitas na vida do principal tronco da industria: enormes direitos não só sobre os generos importados, mas igualmente sobre os exportados. E diz-se ainda que o governo deseja ser mui liberal, e que anima o commercio e a industria dos seus proprios concidadãos! E com este objecto faz vir estrangeiros para que estabeleção aqui, por exemplo, duas fabricas de fundição de ferro: e para protegê-los, impõe enormes direitos sobre o ferro inglez manufacturado. Estranho me parece o procedimento dos governos ácerca da protecção devida ao commercio e á industria dos seus, e não sei quando a estabelecerão de um modo conveniente. De facto, a ani-

mação da industria nacional deveria ser o seu primeiro alvo. Supponho que quando nos governe um ministerio socialista, praticaremos estas cousas, estabelecendo, sobre um capital levantado por contribuição directa, aquellas empresas que são mais favorecidas pela natureza, e mais conformes ás necessidades do nosso paiz.

“Mas não despenderemos o nosso dinheiro em fabricas de ferro no Brasil.

“O Brasil deveria ser um paiz agricola; porque, apezar do nome da sua provincia de Minas-Geraes, não póde ser, ao menos durante um seculo, um povo mineiro. Os Brasileiros devião cultivar a canna de assucar, o milho, grãos de toda especie, e toda a classe de alimentos para o mundo inteiro; mas em vez disto, estão importando actualmente mandioca em grande quantidade, embora seja protegida contra as provincias vizinhas do Brasil por um imposto.”

“Consequentemente — a muleta diz-se está sempre na minha mão — todas estas cousas devem ser feitas um dia pelo trabalho livre e pelo capital anglo-saxonio: e faço-me a miudo esta pergunta: — Por que razão não se emprega o dinheiro inglez no melhoramento desta terra, onde sem necessidade de se naturalisar, qualquer estrangeiro póde comprar terrenos?

“Sem embargo, segundo se me diz, grande é a difficuldade de obter homens que trahem: os homens brancos não podem trabalhar e os pretos não querem fazê-lo, pela simples razão de que aquelles não podem, e estes não querem. Os homens brancos — que bebem vinho, e comem lagostins por golo-dice e não por necessidade—, não podem trabalhar aqui; e os negros que não têm interesse no seu trabalho, não trabalharão com bôa vontade: e sobra-lhes razão, coitados!

“Não se pode duvidar de que este paiz deve ser o jardim do globo, e de que os Anglo-Saxonios serão

os seus jardineiros — associados, não duvido, com os negros; porém, se os Inglezes ou os yankees (sic) devem ser os homens aptos para pô-lo em pratica é questão, cuja solução devo adiar para quando eu haja visitado a India para ver pelos meus proprios olhos se o Inglez tem feito ali parte dos seus deveres. Sou de opinião que, tendo o Inglez feito os seus ensaios na India, e faltado ali ás suas obrigações, não será o homem mais idoneo para o Brasil; e que o Norte-Americano, quando tenha reconhecido os erros do seu procedimento no sul dos Estados a respeito da escravidão, deverá emprehender a sua obra nestes paizes.

“Estou pensando continuamente no que se poderia fazer deste lugar se estivesse nas mãos dos Inglezes, e acho-me tambem continuamente atalhado nas minhas lucubrações pela reflexão de que ahi na patria ha 15 milhões de acres de terra inculta; e Deos só sabe quantas almas incultas tambem—com os corpos e tudo. Supponho, pois, que Deos — no tempo por elle determinado — fará cultivar este magnifico paraíso; e que é melhor não atormentar as nossas mentes até ter pago a nossa divida á terra britannica

“Não tem chegado ao meu conhecimento noticia alguma de crueldade praticada em Pernambuco com os escravos; antes pelo contrario tenho razões para crer que são tratados com bondade, e passam uma vida consideravelmente muito melhor do que os trabalhadores na Inglaterra; acredito, porém, haver aqui extrema indifferença da parte dos senhores a respeito da questão — se os seus negros têm ou não têm alma ou espirito. No meu entender uma das condições mais curiosas deste paiz é a combinação do elemento negro com o catholicismo romano. Se em algum paiz podeis achar idolatria, deve ser neste. Desejaria poder ver o intrinseco do systema: deve ser a degradação mais completa do culto que pos-

sa existir no globo. Achais aqui o apparatus pueril, meretricio, e de diches das igrejas papistas exagerado até o ultimo extremo; e o negro, que traslada cabalmente a sua devoção da imagem idolatrica a outra ainda mais nojosa, qual é o bonifrate ou automato do **Obi** europêo: ou talvez não traslada, antes addiciona simplesmente um a outro. E ainda imagino, pelo que ouço dizer, que o nosso irmão negro é por natureza um animal muito mais piedoso e innocentemente reverencioso do que somos nós. Espero aprender alguma cousa da lingua portugueza para poder fraternisar um pouco com o negro; porém, até agora tenho encontrado na rua distrações tão inopportunas que não tenho feito progressos na linguagem, além da phrase — **muito obrigado** —, phrase que acredito que não póde ouvir a miudo o negro da boca de um branco, segundo a minha opinião.”

“Diz-se-me que, ha um ou dous annos, um negro, que havia conseguido a sua liberdade, começou a prégar no passeio da Victoria desta cidade, nos lugares mais retirados e em outras paragens, onde os negros se reúnem mais commumente: fazia pulpito do seu barril, e fallava com o maior fervor e eloquencia, recitando capitulos da Biblia ao povo — que naturalmente pouco sabia della — e interpretando-a com grande sabedoria: um verdadeiro Luthero negro, desapiiedade para com os peccados, hypocrisias e fraudes, e declarando ao negro que elle era tão escravo de si proprio como o homem branco. Era seguido por numerosas turbas, que começarão a denomina-lo “divino mestre”. Finalmente o governo foi informado a seu respeito — sendo accusado de fomentar sedições politicas — o que aliás todo o mundo sabia ser falso — e por este motivo foi sentenciado a tres annos de reclusão, ou a ser deportado, ou ninguem sabe a que, e nada se tem ouvido fallar delle desde então.

“Porém, geralmente, nada se interessão os ne-

gros uns pelos outros, e tão depressa um negro vê-se livre, não trata mais com familiaridade os escravos, não toma assento com elles na mesa: **the gentleman button-mavers! The old story!** — filhos de nada! páos de laranjeira!

“Diz-se que os negros da Bahia são de uma raça mais fina do que os de Pernambuco, ou do que os de qualquer outra parte do Brasil, e que procedem de um ponto differente da Africa: e accrescenta-se serem elles muito mais unidos entre si. Já se têm revolucionado uma vez e fa-lo-hão de novo um dia ou outro. Mesmo entre estes pretos ha alguns de uma presença distincta; e a mór parte delles mostra um certo ar de independencia assaz curioso; e com effeito são realmente independentes, porque se satisfazem com farinha, e não carecem de lagostins para as suas comidas, embora se lhes dê carne secca no-jenta tres vezes por semana.

“Diz-se ser a população de Pernambuco de perto de 70.000 almas: um terço acredito que se compõe de escravos, negros, morenos e de todas as côres; outro terço de gente livre de côr, e o resto de Brasileiros, Portuguezes, Francezes e Inglezes.

Diz-se haver aqui mais de 300 Inglezes. Ha uma igreja ingleza — um edificio elegante: o capellão é sustentado pelos residentes.

“Os Brasileiros do campo parece que são inteiramente differentes dos da cidade: muitos delles são mui bonitos homens: têm ar de prestarem para alguma cousa e de serem capazes de fazer que o paiz progrida; sem embargo todos dizem que os seus negocios da cultura do assucar apenas lhes pagão o seu trabalho. Ha uma grande falta de braços, principalmente agora que ha cessado inteiramente o trafico de escravos: e a respeito do trabalho livre pouco se póde obter: por outra parte, não póde se suppôr que tenham muita sciencia para fazer das tripas coração.

“Parece mui maravilhoso que a medrança da

vegetação nesta terra não pague o trabalho nesta verdadeira metropole do luxo vegetal; porém essa mesma fertilidade da terra é o inimigo do agricultor; porque a perpetua existencia dos joios, hervas nocivas e abrolhos parece uma qualidade necessaria que faz retrogradar a exuberancia deste solo cheio de vida, e não deixa que a canna de assucar chegue á sua maior prosperidade. O paiz carece ser colonizado — nada mais ha que lhe possa convir, e seu espirito de associação é necessario em climas temperados, é mais do que nunca preciso aqui, onde o homem carece de algum estímulo para fazer esforços de trabalho: a esperança do melhoramento é essencial para dar-lhe animo...

“Vamos fallar agora do commercio. Esta cidade apresenta um aspecto medonho: ha aqui — começando por ellas — algumas doze, vinte ou mais casas de mercadores inglezes — sem fazer menção das de alguns outros poucos commerciantes estrangeiros —, estabelecidos neste lugar, com o fim de fornecer o necessario a esta provincia por meio de um enxame de vendedores de pequenas lojas, que morão na cidade com as mesmas necessidades que experimentão na Inglaterra. Com effeito, uma casa commercial bem organizada satisfaria todos os pedidos. E' uma triste vista ir aos escriptorios destes cavalheiros — verdadeiros *gentleman*, bem criados, e dotados de bom coração — e vê-los vadiando por entre as caixas de morim e os saccos de assucar, imaginando que são homens de proveito; vendendo cada um delles os mesmos artigos que o seu vizinho, e por conseguinte ao mesmo preço. E confesso-vos que ha diversos motivos de assombro a respeito destes meus amigos: em primeiro lugar, por alguma razão que fica fóra da minha alçada, reputão-se de laia mais elevada do que a dos vendedores de retalho; supponho ser a causa por que elles vendem de uma vez quantidades mais avultadas; não posso conceber que seja o motivo por que elles vendão aos

logistas; pois segundo esta logica, um vendedor de retalho seria de uma categoria mais elevada do que o cavalheiro a quem vende, — o que é manifestamente um absurdo!”

Carta Terceira

“Excursão aos engenhos: — mangues: — matutos ou conductores do assucar; — a estrada e as suas paisagens do interior: — atoleiros: — engenho Suassuna: — engenho Carauna: — scenas da selva: — cipós: — as tres classes de bosque: — a capoeira e as duas arvores imbaúba: — parasitas: — palmeiras: — vida n’um engenho: — mate ou chá do Paraguay: — engenho Macujé: — engenho Noroéga: — regresso ao Recife: — uma criança negra curada de convulsões: — o modo por que comem a farinha os negrinhos: — boa fortuna passada: — planos: — o dia de S. João na cidade e na roça: — chegada ao Rio de Janeiro.

“Mencionei na minha ultima carta que ia fazer uma pequena excursão ao interior do paiz com os dous de-Mornays. E’ necessario agora que vos faça saber que estes dous cavalheiros são engenheiros, gêmeos, exactamente da minha idade, e tão perfeitamente parecidos que muitas pessoas os não reconhecem separadamente um de outro. Ter eu ligado amizade com elles foi para mim uma felicidade extrema; pois considero a presença de um delles no vapor **Tay**, como meu companheiro de viagem, ter sido um rasgo especial da Divina Providencia, sendo que a elles devo o ter visto alguma cousa deste paiz. Acho que não sómente são elles, como me tem sido dito, os individuos mais habilitados para collocar-se no meio das florestas e dos engenhos de as-

sucar, senão que são as únicas pessoas, segundo o meu parecer, em Pernambuco, que poderiam fornecer-me as informações de que careço; porque os mercadores inglezes andão occupados nos seus afazeres dentro e fóra da cidade, e tudo o que parece que sabem desta terra é devido a alguma excursão casual, que aliás poucos delles têm feito uma vez em sua vida, procurando os devedores no interior do paiz. Por outro lado, os de-Mornays são os únicos engenheiros inglezes que ha aqui, e a sua profissão os põe necessariamente em contacto na roça com os fazendeiros, cujos engenhos restaurão e reparão. A consequencia disto é que conhecem mui bem o paiz: além de que, parece que são mui populares entre os senhores de engenho, e têm ainda a vantagem de estar nas relações mais amigaveis com o excellent proprietario da fazenda onde estou agora escrevendo, 19 de Junho.

“Conforme á opinião geral, este estabelecimento **Carauna** diz-se ser o melhor administrado em toda a provincia; a casa a melhor de todos os engenhos, e o proprietario o homem melhor educado e mais estimavel. E pelo que tenho até agora visto, o dito popular diz a verdade; mas o homem e o lugar podem ser os melhores sem serem bons; não obstante ambos são excellentes.

“O nosso hospede é a pessoa mais amavel, um perfeito cavalheiro, bem educado, mui instruido, muito bonito moço, da mesma idade que eu, embora pareça mais idoso, e tão jovial e gracioso como eu não tenho visto ha muito tempo. Porém vou precipitando os factos.

“Sob os auspicios dos de-Mornays, sahi segunda-feira passada — perto das cinco horas da manhã — do **Recife**, que é uma parte da cidade de Pernambuco, sendo amiudadas vezes applicado o nome á toda a cidade. Tinhão sido infelizes no emprestimo que fizerão de um cavallo para conduzir a nossa mala; pois tinha-se desencaminhado uma carta; de

sorte que empreendemos os tres sós a viagem a cavallo. A mala — um traste de um bom tamanho — foi entregue a um negro, para que a levasse á cabeça ao seu destino — perto de umas dez milhas do Recife — e chegou antes de anoitecer.

“Os meus amigos derão-me o que elles chama-vão o melhor cavallo dos tres; era, porém, em realidade um miseravel bruto, antes côxo do que bom andador; pois não podia ir ao passo que é de usança sempre entre os viajantes deste paiz — uma classe de dobre passo apressado, denominado trote. A imitação da referida andadura era um galope agitado da mais execravel descripção, e não podia trotar senão com esforço; de sorte que o unico meio de ficar perto dos meus companheiros de viagem era deixa-los ir adiante um bom espaço, entretanto que o meu cavallo caminhava, e de vez em quando os alcançava, quando a estrada tornava-se capaz de admittir o seu galope. Este modo de viajar, ousou dizê-lo, parece pouco sociavel, porém não é este o verdadeiro caso: porque os caminhos ou sendeiros são aqui taes que mui raras vezes permittem que sigão duas pessoas a par.

“Segunda-feira, pois, sahimos da cidade por um caminho — esta é na realidade uma estrada, embora não muito bôa, macadamizada no meio em alguns trechos —, conduzindo para o sudoeste desde a cidade até o interior: jaz por algumas milhas através de uma planicie areenta que circumda o Recife por alguma distancia, por todos os lados, excepto por onde o mar determina os seus limites.

“Esta estrada não é tão bonita como aquellas pelas quaes deixei antes a cidade, sendo que não passa pelas quintas e jardins das classes abastadas senão por algumas aldeias da gente mais pobre, e por algum trecho, ao longo de um pedaço paludoso coberto de mangues.

“E’ preciso que saibais — o que eu nunca pude aprender ainda em livro algum ou de nenhum via-

jante — que o mangue é uma especie de arbusto mui semelhante com o alisio — *betula alnus* —, quer na sua situação — exceptuando que a agua que o circumda é salgada e não doce —, quer na apparencia: cresce nas praias de todos os ilhotes do mar, onde a agua é morta, e ao longo das margens dos rios, até á altura aonde chega a agua salgada da maré.

“Depois destas cinco milhas de planicie, composta principalmente de arêa, a estrada interna-se nos outeiros, que são de argilla branca em alguns logares, em muitos outros vermelha escura, e nos mais de todas as côres intermediarias. E estes morros, segundo o character de toda esta parte do paiz, são talvez mais proprios do que qualquer outra superficie para dar belleza e variedade ao scenario da floresta. Os morros não são elevados nem extensos, tendo sido sulcado ondulosamente todo o paiz pelas aguas. Os outeiros não medem senão trezentos ou quatrocentos pés do fundo dos valles ao cume: e os valles não sendo mais largos geralmente do que uma meia milha, os lados dos morros são na sua mór parte escarpados. Parece que todo o paiz é formado de argilla: aqui e acolá, nos declives e no fundo dos valles, sobresaem grandes massas de rochedos, ou jazem na superficie: se são rochas sobrepujantes de uma immensa massa subterranea, ou se são pederneiras depositadas na superficie do solo, é materia que eu não saberei dilucidar.

“A estrada corre, e nós com ella, ao longo dos leitos do valle, quasi inteiramente direita, sem ramificações visiveis, passando aqui e acolá por magnificos intervallos de selvas, entrecortados por lameirões, por terras meio cultivadas, por barbechos e campos de canna de assucar e de mandioca. Este caminho é uma especie de arteria pela qual o assucar dos engenhos, que ficão nesta direcção, é conduzido á cidade. Consequentemente, topâmos a miudo com lotes de cavallos, carregando cada um delles

dous pequenos saccos de assucar, á guisa de cestas, acompanhados por conductores descalços que caminham a pé junto delles, ou montados em outros cavallos.

“Os conductores ou tropeiros são pela maior parte proprietarios dos seus animaes, e ganham a vida conduzindo assucar das fazendas á cidade; ou o compram aos fazendeiros para vendê-lo depois, ou o vendem em commissão. São denominados matutos, que quer dizer rusticos, ou antes forasteiros. Algumas vezes assentão-se nos seus cavallos de um modo mui especial: um peso de qualquer especie é suspenso de ambos os lados do cavallo, onde devião pendurar as suas pernas, de sorte que assentão-se com ellas cruzadas, com os pés, não debaixo do seu assento, como os alfaiates, senão diante delles de um e outro lado do collo do cavallo. Sem embargo, quando os seus cavallos não levão carga, como amiudadamente acontece nas suas jornadas de regresso, assentão-se com as pernas abertas, e depois aquelles que não vão carregados trazem, em vez de estribos, uma corda em que fazem um laço, onde introduzem o dedo pollegar do pé.

“Todo o assucar da provincia é levado ao mercado nestes cavallos; porque é necessario communicar-vos que, excepto as estradas reaes em certas direcções, as cousas denominadas caminhos, pelas quaes os productos são exportados das fazendas, são absolutamente intransitaveis para os vehiculos de rodas.

“Depois de duas ou tres horas começámos a experimentar appetite de almoçar, e por este motivo apertámos o passo, dirigindo-nos a uma padaria, n'uma aldeia por onde iam passando, chamda Santo Amaro. Aqui nos apresentárão uma sumptuosa refeição de farinha, ovos, doces, laranjas, bananas, biscoutos, etc., etc.: por tudo isto não quiz aceitar o proprietario pagamento de especie alguma. Os de-Mornays me tinhão asseverado de antemão que

esta seria a unica vez que teriamos que pagar por qualquer cousa, durante toda a nossa viagem. Immediatamente depois de deixar a supramencionada aldeia, chegámos a um ramal do caminho, voltando para o lado do sul, passando sobre uma bonita ponte, que tem sido construida sob a direcção dos meus guias; pouco tempo depois, porém, deixou de ser estrada, e tornou-se um sendeiro por entre as selvas.

“E’ preciso agora explicar-vos que classe de cousa é uma senda semelhante nestas partes. Consiste n’uma alternativa destas duas especies de superficie. A primeira é composta de lombadas e sulcos formando **ss** ou **zig-zag**, que jazem nos lados direitos ao longo da estrada, cruzando-a directamente; sendo as ladeiras bancos de argilla dura, e os sulcos valles, meio enchidos e amiudadas vezes inteiramente cheios de lama e agua. Estes apresentam tamanha regularidade, que parece ter sido feito adrede o modelo.

“De facto, os sulcos têm sido cavados pelo continuado trafico dos cavallos carregados. As lombadas são de tamanha altura que os animaes apenas podem levantar as pernas sobre ellas. Em alguns lugares a lama, nos sulcos por ellas formados, é tão espessa que a pata do cavallo, ao tempo de ser tirada do lamaçal, faz pela sucção um **fi-top**, quasi o mesmo que uma peça de artilharia. Em outros lugares, onde uma parte do caminho — o meio ou um lado — tem sido mais frequentada do que a outra, a estrada está tambem cavada em sulcos longitudinaes, como os signaes das rodas das carroças, — não como as dos vehiculos inglezes, senão grandes fendas, onde os cavallos andão, entretanto que o cavalleiro apenas póde ver, talvez, acima da superficie da estrada. Em verdade, as paisagens na mesma estrada são a miudo da mais romantica descripção.

“A outra classe de distracção fornecida pelos caminhos, que achão-se principalmente nos valles, é a dos atoleiros, como são aqui chamados. Onde es-

tes prevalecem, a estrada é geralmente menos estreita do que nos outeiros, e, por conseguinte, ha espaço onde escolher a melhor róta. O fundo dos caminhos é formado de barro, com alguns trechos areentos disseminados aqui e acolá; e não poucas vezes a estrada cruza um ribeiro, que na estação das grandes chuvas é uma verdadeira escola de natação para os cavallos. Achão-se os atoleiros onde o leito das estradas é de uma certa argilla branca, de uma apparencia mui tentadora para passa-la a cavallo, porque parece mui igual e suave, d'entre a que brotão as aguas. Se entrardes nestes atoleiros, a vossa azemala e vós mesmo ficais expostos a desaparecer, e muitos cavallos têm sido abandonados, como cousa impossivel de ser tirada do lamaçal. Parece que os cavallos sabem perfeitamente bem onde achão-se estes buracos, e é mui divertido vê-los escolher o seu caminho, fazendo rodeios para furtar-se aos lugares suspeitosos. O meu bucephalo, apesar da sua preguiçosa maneira de andar, mostra uma grande sagacidade na escolha que faz do seu caminho, e salta como se fôra uma cabra — qualidade que é muito desejavel nestes lugares; sendo que os outeiros são tão escarpados algumas vezes que é assaz difficultoso ganhar os seus cumes: e amiudadamente levanta-se no meio do sendeiro um tamanho rochedo que exigiria uma especialissima educação n'um camelo, para superar a difficultade que apresenta o obstaculo.

“Agora que conheceis o caminho que devemos seguir, podemos continuar.

“Os de-Mornays começárão as suas operações, que é preciso dizer-vos têm por principal objecto investigar como se poderá construir uma estrada de ferro ao sul desta parte de Pernambuco para o rio de S. Francisco, perguntando a certos homens que trabalhavão na estrada as direcções dos valles, etc. Note-se que aqui tencionão algumas vezes reparar os caminhos, e os tornão peiores do que antes se

achavão. Logo continuámos a nossa jornada pelo bosque, por um desses maravilhosos trechos de que vos tenho fallado mais acima.

“Depois de um lapso de tempo, e de inspecção-nar diversos valles, topámos com um homem a cavallo, a quem os meus amigos conhecião; parece que elles conhecem toda a população. Era o filho do proprietario de um engenho, para onde iam em direitura: disse-nos que lhe tinha sido annuciado por um mensageiro, — pelos mesmos homens a quem tinhamos pedido informações, — que tres cavalleiros estavam examinando o seu territorio, e que vinha ver que negocio era aquelle, porque, estando pendente um litigio entre elle e outra pessoa ácerca das suas raias de propriedade territorial, acreditou ser mui provavel que os engenheiros da parte contraria estivessem medindo a terra. Sem embargo, o seu animo tranquillizou-se immediatamente que lhe constou o fim da nossa excursão; convidou-nos a jantar e dormir em sua casa, e indicou-nos os caminhos que procuravamos com grande satisfação dos engenheiros.

“Consequentemente apeámo-nos em sua casa, que tem por nome Suassuna, sendo seu pai um barão, da familia dos Cavalcantis, gente mui importante neste paiz.

“A casa não era mui senhorial, attendendo á sua apparente decadencia; parecia, porém, ter sido uma bonita residencia em annos remotos. O seu aspecto interior é mui semelhante, a respeito de elegancia, a uma casa de campo de terceira ordem, na Inglaterra; o fabrico do assucar não estava em actividade, tendo passado já a estação, e pareceu-me um negocio mui sujo, e mal ordenado. Dos diversos engenhos por mim visitados, unicamente achei um em movimento agora. Sem embargo, jantámos e dormimos muito saborosamente.

“Desempenhei esplendidamente o meu lugar, porque a farinha é mui deliciosa, e algumas vezes

ha diversas classes de vegetaes, e excellentes doces na mór parte dos engenhos.

“O doce principal é a goiabada, que é antes uma marmelada, do que qualquer outra cousa. Mas não tenho achado cousa alguma como a geléa de goiaba, tão famosa na Inglaterra, que supponho vir das Antilhas. O fructo é chamado aqui goiaba, e põe-se tamanha quantidade de assucar nelle, que quasi nada mais saboreia-se do que assucar; não obstante é muito bom.”

“O dia seguinte, depois do almoço, sahimos de novo, primeiro em direcção ao Recife, durante umas poucas de milhas por outra estrada, para examinar um outro valle, e voltando depois a Suassuna, por onde passámos de novo, continuámos a nossa jornada para o sudoeste, em direitura a este lugar. Carrauna. Este trecho corre por meio do mais pittoresco e magnifico scenario, como na verdade acontece em todo o curso da estrada que temos percorrido. Ha uma semelhança quasi geral nas feições desta parte do paiz; de modo que tratarei de dar-vos nesta conjunctura uma noção delle, esforçando-me em não descer aos pormenores.

“Tenho já dito mais acima que toda a superficie consiste em outeiros ondulantes e valles principalmente escarpados, baixos, em fórma de meios circulos, com estreitos valles intercalados entre aquelles.

“Dê vez em quando apresenta-se aqui e acolá um extenso valle, alargando-se até formar uma pequena planicie. Ora, o asparto geral de todo o paiz é cilvoso; pelo que, consequentemente, entendeis ser uma cousa muito diversa a selva deste paiz da do Novo Bosque ou da de Windsor.

“A floresta apresenta na sua totalidade as mais magnificas arvores de madeira de construcção, samblaria e marcenaria, sobrelevando os seus troncos, na mór parte rectos, até á altura de 60 e 70 pés sem um só ramo, sendo os troncos na raiz do pé, á flôr



da terra, desde um até cinco ou seis pés de diâmetro; não ha arvores monstruosamente corpulentas, porque todas têm sido cortadas ou derribadas; e de baixo de todas estas arvores o solo está pejado de innumerables outras, cuja mór parte tem o mesmo caracter de troncos finos e empinados, com folhas principalmente nas copas de todos os tamanhos, de todas as fórmãs, á guisa das da mimosa; das do louro, das do castanheiro, que são as dominantes; com algumas poucas palmeiras disseminadas aqui e acolá; e o todo entrelaçado com trepadeiras, cipós, parasitas, epiphytes, e toda a cohorte de milagres da natureza, semeados em todas as direcções imagináveis.

“Em alguns lugares fomos obrigados a marchar por entre os bosques, onde não havia sendeiros nem picadas: pois estas tinham sido cobertas de novo, onde as houve, pela exuberante vegetação. Nestes casos ha dous modos de estar exposto a perder a vida: um é ficando o vosso pescoro á mercê dos afilados gumés de uma especie de folhas de trepadeiras que se pendurão das arvores no ar, com espantosa profusão em alguns lugares, e entrelação-se em todas as cousas, e cortão como facas; e outro, vendo-vos ameaçado a cada momento de ser enforcado nas trepadeiras e nos cipós. Nestes lugares levavamos alguns negros diante de nós, armados com fouces atadas a páos muito compridos, ou a mór parte dos da caravana levavamos uma espada na mão para abrir-nos caminho.

“Uma ou duas vezes, porém, fui obrigado a recorrer á faca de montaria para cortar os cipós em que me via envolvido, e evitar ser levado com cavallo e tudo, e suspenso no ar, com grande satisfação dos falcões e alegria das formigas vermelhas.

“Ora bem, este bosque dá as suas feições geraes a esta parte do paiz: toda a comarca, porém, não está coberta aqui de arvoredos, não: parece terem sido todos os valles desembaraçados das arvores frondo-

sas. Disseminados pela área occupada pela floresta jazem os engenhos, designados por uma brilhante mancha de verdura verde-clara — capim e canna de assucar — entre o verde escuro dos bosques.

“Cada engenho, grande ou pequeno, está circumdado por um vallado que separa — onde as fazendas são grandes — uma especie de parque da floresta: aquelle está trajado de capim ou outras herbas, e serve de pasto onde apascentão-se os bois e as vaccas, que ficão impossibilitados pela cerca de perderem-se na selva, invadirem as plantações da canna, ou estragarem as propriedades alheias. Aqui, em Carauna, os campos do pasto poderião tornar-se um formoso parque; porque estendem-se sobre diversos colles baixos e faceiramente ondulantes, que têm sido inteiramente desembaraçados do bosque: por conseguinte, a posição tem sido escolhida por ser o aspecto dos outeiros menos escabroso. Assim, pois, estendendo-se ao longo do baixo dos valles e sobre as ladeiras dos outeiros — nunca, porém, até á eminencia, e raras vezes além dos lados — achão-se as plantações da canna de assucar de um verde brilhante e palido, intercaladas geralmente de alguns canteiros de mandioca de um verde mais obscuro: e interpostos entre estes encontrão-se os leitões dos valles e as ladeiras dos colles cobertos de capim e outras herbas, com algumas poucas cannas de assucar isoladas n'uma condição mui mesquinha, — estado que vos dá a entender que aquelles terrenos estão descansando, e tomando vigor até que lhes venha o turno de novo para a produção. Nesta classe de estradas, todos os valles, que não são simples gargantas estreitas, parece que estão desembaraçados de arvoredo, quer sejam campos de pasto, quer de descanso, quer de cultura, entretanto que todos os cumes dos outeiros estão cobertos de arvores e de floresta. Agora bom será dizer-vos que o bosque compõe-se de tres classes: — 1.^a, o **matto virgem**, que nunca foi descortinado, mas do qual

forão removidas, nestas partes, as arvores da selva: esta é a parte onde vê-se a magnificência da obra de Deos: — 2.^a, o capoeirão, que é a selva baixa, a qual tem sido inteiramente cortada, porém que começa a renovar-se com arvores soffrivelmente corpulentas; — 3.^a, a capoeira, que é onde o solo descortinado começa de novo a ser trajado com arvores, arbustos e plantas. Esta última, com a qual as duas primeiras classes de selva estão quasi sempre franjeadas nas ladeiras dos outeiros, é notavel por uma apparencia mui peculiar, — pela immensa quantidade de arvores chamadas imbaúbas, cujas folhas são o alimento das preguiças — quadrupedes que trepão em todas as partes. O tronco cresce perfeitamente direito, tendo, em geral, mui poucos ramos, porém que estendem por todos os lados uma franja de folhas em cada um dos compridos ramos. Estes são ôcos, e usão-se para canos conductores de agua: crescem com immensa rapidez no principio; nunca, porém, chegão a ter um grande tamanho.

“Asseverarão-me algumas pessoas que uma parte do bosque, — onde um avultado numero destas arvores estavam crescendo até á altura de 15 e 20 pés, com os troncos tão grossos como o meu braco no seu nascimento — tinhão sido cortadas pela raiz á flôr da terra — ha só quatro mezes. A selva, por conseguinte, não é mui frondosa nem forte; e, na verdade, eu fiquei inteiramente admirado de ver a facilidade com que quebra-se; porém é verdadeira, e não um simples ramo meduloso.

“Estas imbaúbas sobrelevão-se em toda a selva na capoeira; mas, quando as mais arvores crescem, ficão por ellas abafadas, e acredito que desaparecem inteiramente amiudadas vezes. Parece que não ha nenhuma dellas no bosque primitivo, embora haja uma outra especie algum tanto semelhante que cresce nesses lugares.

“Nesta estação do anno não ha, ou quasi não se vêem flôres na relva, ainda que me seja dito que es-

ta é a sazão mais verde do anno. Nada, na verdade, póde exceder a belleza da louçania desta terra. Acho ser mui difficil saber os nomes e os caracteres das arvores do bosque; porque, em primeiro lugar, a sua variedade é mui grande; em segundo lugar, são tão immensamente elevadas que a sua folhagem se não póde distinguir. As suas folhas são, em geral, mui pequenas em comparação da grandeza dos arvores; porque nenhuma ha de qualquer sorte que seja que fique menos elevada sobre o chão do que 60 pés. O unico meio de conseguir as folhas e as flôres seria — não cortar as arvores pela raiz — adoptar a espingarda e o chumbo de tiro. Porém a verdura do baixo bosque é exquisita.

“Muitas das plantas hervaceas têm folhas immensas, como para superar pelo seu tamanho a delicadeza da folhagem dos seus collosaes vizinhos. Algumas das parasitas têm folhas mui grandes, como immensos arums. Algumas destas trepão pelas arvores á guisa da *hedera helix* — hera terrestre — com uma monstruosa folha de distancia em distancia; outras pegão-se ás arvores por meio de uma raiz grossa, que parece cortada quasi ao pé da planta, com um cabo embotado, e uma rica corôa de grandes folhas no topo, e uma unica pequena fevera de raiz pendente de um lado da arvore, como um arame de sino, até o chão uns 20 ou 30 pés. Depois ha uma grande quantidade de cousas semelhantes á aloe — da familia das abroteas — assentadas nas forquilhas dos ramos, e agarradas dos seus lados, estando algumas arvores litteralmente abafadas pelas abroteas. Supponho não ser esta a estação das orchideas; pois que não tenho visto plantas que possa classificar como taes: de todos os modos nenhuma tem agora flôres.

“Depois vêm-se de novo hervas trepadeiras e cipós e polypodio — filix — e uma planta que, segundo me disserão, é uma palmeira da familia das hederosas, com espinhos compridos á maneira de

anzões nas pontas das folhas para estreitar-se umas com outras.

“Não ha grandes palmeiras na selva. Me parece que todas as de grande tamanho têm sido importadas e plantadas, excepto quiçá uma, chamada denzeiro.

“Ha muitas classes das pequenas que crescem entre a floresta de segunda ordem; todas ellas com folhas a modo de pennas, com alguma differença no seu cararler, sendo a mór parte dellas coberta com espinhos ou compridas agulhas. As diversas classes de palmeiras parece que crescem em certos trechos nos differentes bosques. Passámos hontem por um, cujo todo era uma perfeita estufa de todas as mais mimosas plantas. Todas as pequenas palmeiras achão-se ali: uma dellas, que tenho observado de vez em quando em algumas outras partes, era a mais bonita e elegante palmeira que tenho jámais visto; tinha um tronco delicado e comprido, perto de 30 pés de altura, não mais grosso do que o meu braço na altura do cotovello, rematando gradualmente em ponta, e coberto em apparencia com bainhas verdes como herva, tendo no remate algumas poucas folhas á maneira de pennas, de uma delicadeza especial, formando curvas do modo mais mimoso que póde-se conceber.

“A palmeira mais commum nas selvas não tem tronco de sorte alguma, nascendo as folhas á flôr da terra: o vulgo a denomina *maiara*; baptisando a seu geito cada uma das palmeiras.

“Outra muito bonita palmeira é chamada *coquim*: tem um tronco direito, comprido e fino, em geral tão grosso como uma bengala commum: o maior por mim examinado era tão grosso como o meu punho, com um páo tão duro como o *lignum vitae* na parte exterior, tão negro como o ebano, e inteiramente inflexivel, porém quebradiço se se lhe dér uma pancada forte e instantanea, contendo um amago branco e molle. Esta classe tem tambem uma

cimeira muito bella de folhas em fórma de pennas, e produz um cacho pequeno de nozes vermelhas, como cerejas grandes.

“Ainda não tenho observado classe alguma de polypodios, e mui poucas parasitas de uma belleza notavel. Porém é necessario observar que o que tenho visto tem sido a cavallo, e isto era quando eu menos o desejava; pois teria ficado mui atrás dos meus companheiros: assim facil vos é imaginar que o que tenho visto não é mais do que um simples arremedo da superficie da cornueopia.

“Tendo-vos dado, ou tratado de dar-vos, uma noção geral do que é, pouco mais ou menos, a floresta desta parte do Brasil, continuarei a narração da minha excursão.”

“Terça-feira chegámos aqui — á fazenda de Carauna — vindo da de Suassuna: para fazer-se esta jornada passa-se por dous engenhos, chamados Macujé e Jardim.

“O proprietario desta fazenda é, como já vos disse, quasi da minha idade, e falla quasi tanto francez como eu: de sorte que podemos conversar assaz bem. A sua mulher — a segunda — é uma Hespanhola de um dos Estados Argentinos — e móra com elle um seu irmão, bonito moço na verdade, perto de cinco annos mais joven do que elle. E’ membro da assembléa provincial de Pernambuco, e igualmente da geral.

“Uma grande parte do paiz ao redor é possuida pelos seus parentes, que emigrárão do sertão na passada geração. Dous de seus irmãos têm as suas fazendas vizinhas.

“E’ moda nesta casa, ao menos na apparencia, que a senhora não jante com os homens; mas, depois de jantar, apparece e faz o chá para nós.

“Uma ou duas vezes temos tido, depois de jantar, chá do Paraguay, ou mate — como é chamado aqui; sendo a bebida favorita do paiz natal da nossa hospede, tendo aliás ella um particular geito para fazê-lo.

“O modo de prepara-lo não deixa de ser um pouco exquisito; é, porém, certamente a maneira mais sociavel de tomar refrescos que eu tenho visto na minha vida. O mate, — como conserva-se para o uso das familias, — consiste n’uma quantidade de páozinhos, misturados com pó verde, que supponho ser as folhas pulverisadas. Cheira tanto como o mais fragrante chá. A infusão é bebida na mesma chaleira, chupando todos os convivas, e finalmente é a senhora a ultima que o faz. A chaleira é um traste de um genero especial; é uma cabaça pequena preta, de fórma de pêra, servindo o collo da cabaça de cabo. Contém quasi tanto liquido como uma taça grande de café. Tem na parte superior um buraco redondo como de uma pollegada de diametro; dentro, por meio deste, introduz-se uma bomba de prata para a absorpção: esta bomba é um tubo pequeno de seis ou sete pollegadas de comprimento, com um globinho no remate cheio de buraquinhos. Este globulo é de um tamanho calculado para que possa ser introduzido no buraco da parte superior da cabaça. Uma vez introduzida a bomba, põe-se um pouco de assucar e despeja-se um pouco d’agua fervendo, e depois o mate — uma boa porção — primeiro os páozinhos, para que fiquem os buraquinhos livres, e depois o pó. Enche-se immediatamente a cabaça, até á boca, d’agua fervendo ou de leite — que aquece-se com espirito de vinho — e offerece-se á pessoa que deve beber. Esta operação executa-se chupando o tubo: cada um dos presentes chupa até que o ar começa a sahir juntamente com o liquido, e faz um rangido que indica que a cabaça está quasi vazia. Depois entrega-se á senhora, que a enche de novo com agua quente ou leite — segundo seja o costume — e a dá ao sujeito immediato, e assim por diante.

“Deste modo passámos a noite mui agradavelmente, e no dia seguinte partimos para o engenho

Macujé, onde fomos convidados para jantar pelo proprietario.

“Aqui a sua esposa, senhora idosa de mui bello character, e as suas tres filhas, jantárão connosco. O serviço desta casa é quasi o mesmo que o das melhores casas de campo inglezas.

“Não se acha tanto luxo em nenhum dos engenhos como no de Carauna, onde todas as cousas — excepto as cuspeiras que ha no chão — são elegantes. Um dos filhos do proprietario, que falla um pouco o francez, acompanhou-nos até o cume de um alcantilado morro da vizinhança, onde foi necessario que os pretos nos abrissem uma picada na selva, e chegados ali trepámos n’uma arvore, e a vista, de que gozámos, foi a mais magnifica, descortinando morros e valles de todo o territorio do Recife, que viamos distinctamente com o mar atrás — á distancia de 15 ou 16 milhas pouco mais ou menos.

“Aqui um dos de-Mornays, que ficou comigo, tendo regressado o outro á cidade — tomou alguns apontamentos, fez algumas observações a respeito da natureza do terreno, relativamente ao plano da estrada de ferro — com grande satisfação da sua parte.

“Voltámos a Carauna, e nos albergámos em casa dos nossos benevolos hospedes. No dia seguinte fizemos uma outra bella excursão por outros valles, que circumdão os mesmos dous engenhos.

“Na jornada parámos n’um engenho, cujo proprietario me mimoseou com tres laranjas de diversas classes, que eu nunca tinha visto, uma dellas verde, tão grande como a minha cabeça — ao menos entrava mui apertadamente no meu chapéo.

“Regressámos á Carauna, e no dia seguinte nos dirigimos a um engenho, chamado Noroaga, perto de 22 milhas distante do Recife, em linha recta do lado sudoeste; porém mais de 12 milhas daqui pelos sendeiros que percorremos.

“Este lugar é uma vasta casa: o proprietario della um velho portuguez, inteiramente calvo, sózinho,

sendo que toda a sua familia tinha fallecido, incluindo duas mulheres. E' um engeitado, e conseguiu fazer uma fortuna, administrando engenhos de outros até que fez o seu a gosto: é um miseravel velho, mas de boa indole. Asseverou-me que podia dispôr da casa como se fosse minha; mas deu-me só um lençol para a cama, que estava tão nojento que preferi dormir vestido, do asco que me causou.

“No dia seguinte, hontem, voltámos aqui por outra estrada.”

O Dr. D*** me tem convidado a vir aqui no dia 24 a uma festa, uma especie de inauguração de alguns novos aposentos da sua casa, — no dia de S. João, que é um dia de grande festança nestas terras. A 21 de Junho voltámos á cidade desde Carauna.

“Gózo da mais perfeita saude, porém de tal modo fiquei adusto pelo sol de uma semana de viagem, que as pessoas — os meus amigos da semana passada, me disserão que me não reconhecião.

“Confesso-vos que estou perfeitamente satisfeito com o lugar, com o clima, com as pessoas — quer inglezas, quer brasileiras—, ao menos em quanto me tem sido dado observar até agora relativamente ás ultimas: e acredito que a gente do campo é uma raca inteiramente differente da das cidades —, e finalmente com a estação.

“Não tenho apanhado chuva em todo o tempo que hei perçorrido estes amenos campos, e deveis saber que diariamente estive montado a cavallo quasi desde a alva do dia até anoitecer. Aconteceu chover a cantaros uma ou duas vezes, quando achava-me a coberto.

“Durante a minha demora em Carauna, uma pobre criancinha preta foi atacada de convulsões, das quaes mercê de Deos a pude curar.

“Causou-me um prazer ineffavel ver a ternura com que o dono da casa tratava aquella criança; a levou á sala e a tinha deitada no seu regaço: o senti-

mento que o animava era evidentemente filho da sua bondade de coração, e não do vil interesse.

“Ora, vou contar-vos, a modo de parenthesis que vi n’um pequeno engenho, onde parámos, 24 negrinhos em um quarto do interior da casa, o mais velho dos quaes não teria mais de tres annos de idade, ao redor de duas grandes gamellas cheias de farinha — uma duzia delles em cada uma — comendo á fartura com as mãozinhas: — um quadro maravilhoso para servir de modelo a uma escola de crianças.

“Perto de um mez tem voado nas azas do tempo desde que aqui aportei — quatro semanas exactamente — e quasi dous mezes desde que deixei a Inglaterra, e os dias se têm deslizado como uma sobra oleosa, e mui agradavelmente na verdade; se tenho ou não lucrado com isto, é preciso deixa-lo nas mãos do Grão Organizador das cousas sublunares.

“Tenho sido, em geral, tão afortunado no principal, que na realidade parece que a Mão Divina tem tornado prospera a minha viagem: em primeiro lugar, tenho encontrado gente boa que me tem albergado em sua casa, pedindo-me todos que volte e que fique com elles em outras occasiões: em segundo lugar, encontrei a bordo do vapor a unica pessoa em toda a provincia que podia pôr-me no verdadeiro caminho de conhecer o paiz; e de facto sabe melhor do que os mesmos naturaes do Brasil o que esta terra encerra: em terceiro lugar, a temperatura — contra o costume — mostrou-se deliciosa no coração da estação das chuvas, desde dous dias antes da minha chegada aqui até o derradeiro dia da minha excursão ao interior do paiz; de maneira que só começou a chover quando voltavamos para a cidade. Deveis recordar-vos tambem que chegando-se na occasião do bello tempo, goza-se da immensa vantagem de formar uma idéa mais cabal do paiz.

“Os passageiros chegados hoje no **Severn** terão

uma idéa mui diversa sobre o Recife da que tenho eu formado: pois que vê-lo-hão alagado pela chuva, se chegarem ainda alguns de novo.

“Em quarto lugar, agora — depois de ter visto tudo o que queria ver nestas bandas do paiz — estou pensando que a estação bella seria a mais agradável para eu viajar com o meu companheiro de Mornay, que vai ao Rio, onde este tempo do anno — que aliás é chuvoso aqui — é o mais delicioso possível: de modo que indo ali acho-me com um companheiro para matar o tempo das horas vagas; não obstante, como elle vai aos seus negocios, não gozarei da vantagem da sua companhia nas minhas jornadas ao interior.

“Conheço já duas outras pessoas no Rio, e conseguirei algumas cartas de introdução para algumas mais: assim é que não tenho a menor duvida de que tudo vai correr em bonança.

“Espero não regressar do Rio sem ter visto algumas cousas além da cidade e da sua bahia de que tanto se assoberbão os filhos do paiz.

Se vou no vapor a Montevideo e Buenos Aires, ou se cruzo as Pampas, ou se vou ao interior de S. Paulo e Minas-Geraes, ou ao Paraguay — que é o meu alvo primordial —, é cousa escripta actualmente, no livro indecifrável da Providencia.

“Sem embargo, no meio de todas estas contingencias espero ir ver a Serra dos Orgãos. O peor do caso é que não tenho camara para photographar todas estas maravilhas. Tenho escripto a Maskelyne, para que me mande uma; deverei trabalhar com ella nas magnificas florestas do norte, e espero levar á Inglaterra uma representação correcta daquella parte da linha equinocial que passa perto do Pará; ousou dizer que terá alguma semelhança com uma barre de fer, como diz o velho consul francez que a vio no telescópio. Por via de parenthesis, este homem é tão ridiculamente sandeu que chegou a per-

guntar um dia destes ao consul inglez — com um certo ar de incredulidade —, se nos achavamos aqui dentro dos tropicos — ao que lhe foi respondido: un peu.

“Acho não ser possivel fazer esboços; porque todas as cousas aqui são tão extraordinariamente novas, e ha tanto que ver, que seria uma immensa perda de tempo querer fazer pallidos arremedos para beneficio de ninguem, afastando dos meus olhos as boas realidades que depois poder-vos-hei descrever mais devagar.

“Todo este palavrório tem tido por fim o futuro. Vou voltar ao passado, e começo por dizer-vos o modo por que tenho matao o tempo desde que vos remetti a minha ultima carta pelo Tay. Antes de chegar este vapor aqui, na terça feira 22 de Junho, pelas cinco horas da manhã, de-Mornay e eu sahimos de novo para o campo.

“Caminhámos perto de 15 ou 16 milhas para chegarmos a almoçar a um engenho, distante da cidade perto de 12 milhas, onde nos demorámos um dia, e depois fomos, cruzando estes outeiros, valles e veigas, a Carauna, onde ficámos dous dias, um dos quaes era a festa de S. João — dia mui festejado pelos Brasileiros, sendo para elles tão grande festividade como para nós a do Natal.

“O modo de celebrar este regozijo, na cidade, é com uma multidão de fogos de artificio e perigosos buscapés nas ruas: no campo, com fogueiras, bons doces e o divertimento das enfadonhas adivinhações, que consiste em dizer a buena-dicha, tirada de um livro da sina que vende-se nestas occasiões.

“Por fim, mui satisfeitos com a polidez que para comnosco tiverão em Carauna, regressámos ao Recife.”

Marim — Olinda

1724

Setembro, 23. — Provisão regia expedida pelo Conselho Ultramarino, e citada por Figueira de Melo na sua **Estatistica de Pernambuco**, na qual se declara, que a aldeia chamada Marim pelos seus primeiros povoadores, os indios Tabajaras, tomou o nome de Olinda — em consequencia da lindeza de seus edificios e situação.

Encontramos esta Provisão, em registros da época, nos antigos livros da secretaria do governo. É dirigida ao governador d. Manoel Rolim de Moura, mandando informar uma representação da câmara da cidade de Olinda sobre as terras do seu patrimonio constituido pelo donatario Duarte Coelho, e effectivamente se declara nesse diploma regio, que sendo a cidade — “tão ennobrecida nos seus edificios, que pelo aprasivel della, se lhe permutou o nome de Marim em Olinda.

Na phrase de Brito Freire, escriptor do seculo XVII, que militou na guerra da restauração de Pernambuco, e foi depois governador da capitania, o assento colonial da Nova Lusitanea de Duarte Coe-

lho, — “despresou dos primeiros fundadores o antigo nome de Marim, e admittiu o de Olinda, para maior indicação da amenidade do sitio.”

Frei Vicente do Salvador encontrou em Pernambuco uma chronica dos primeiros dias da colonia, escripta por pessoa que viu o que narrava, e ainda os filhos dos muitos fidalgos, parentes e amigos, e outra muita gente nobre que trouxe em sua companhia Duarte Coelho quando veio povoar esta capitania, aos quaes, naturalmente ouvindo, lhe communicaram fidedignas noticias sobre a phase inicial da colonização de Pernambuco, narradas por seus paes nos serões de familia; e traçando elle com taes elementos a sua **Historia do Brasil** concluida em 20 de Dezembro de 1627, escreve, que o — “nome de Olinda lhe poz um gallego, criado de Duarte Coelho, porque andando com outros por entre o matto buscando o sitio onde se edificasse a villa, e achando este, que é um monte alto, disse com exclamação e alegria: — **O' linda!**”

Frei Raphael de Jesus, que escreveu o seu **Cas- trioto Lusitano** publicado em 1679 -- á noticia dos successos, das pessoas e dos tempos ministrada por pessoas fidedignas de Pernambuco, -- narra o facto por differente modo; e descrevendo a viagem de Duarte Coelho do sitio dos Marcos, em Iguarassu', para a parte do sul, percorrendo o littoral, á escolha de uma situação conveniente para fundar uma povoação capaz de ser a cabeça da colonia, conclue: -- “Chegou a avistar um ameno e aprazivel outeiro descoberto e visinho do mar, habitação de alguns gentios, e namorado do sitio pelas qualidades d'elle, disse para os seus: — **O' que linda situação para se fundar uma villa!**; -- e approvando todos os votos do capitão, pozeram á villa o nome de Olinda.”

As armas da capitania de Pernambuco conferidas por Mauricio de Nassau, constam, como se expressa o Conselho Supremo do Brasil em carta di-

rigida á Assembléa dos XIX, na Hollanda, em 6 de Outubro de 1638, — de uma donzella que contempla admirada a sua belleza em um espelho, o que expressa a amenidade da terra, e a situação e o nome de sua capital, **Olinda**, e tem nas mãos uma canna de assucar.

Vem de Frei Raphael de Jesus, principalmente, a corrente tradicional da legenda, com as suas diversas variantes, respeitada por quanto escriptor se tem occupado da época inicial da fundação de Pernambuco, a que se prende o facto, — até que Varnhagen ousou primeiro duvidar da sua authenticidade — na segunda edição da sua **Historia do Brasil**, quando anteriormente, na sua **historia das lutas com os hollandezes no Brasil** (Vienna d'Austria, 1871), escreveu o seguinte, em nota, a proposito das armas de Pernambuco conferidas pelos hollandezes: — “Parece que a verdadeira origem da donzella remirando-se em um espelho, concedida ao escudo de Pernambuco, teve origem da exclamação **ó linda!** que alguns haviam dado como origem do nome da villa capital.”

Entretanto, escreve depois na sua referida **Historia do Brasil**:

“Ridiculo como nos parece este conto, temos por muito mais natural que aquelle nome (Olinda) fosse o de alguma quinta, ou casa, ou burgo, por qualquer titulo caro ao donatario na sua patria, e que elle no Brasil quizesse perpetuar...”

“Sabe-se tambem que Olinda era o nome de uma das bellas damas na novella do Amadis de Gaula, cuja litteratura estava então muito em voga, não faltando leitores que lhe davam tanta fé, como em nossos dias se dá á historia; — e tanto mais quanto, accrescenta para justificar a primeira hypothese, — perto de Lisbôa existem freguesias com os nomes de **Linda a Pastora**, **Linda a Velha**, e outros semelhantes; — accrescentando em nota, que se comprova

esta sua conjectura, o modo por que Duarte Coelho datava ordinariamente as suas cartas: — **Desta de Pernambuco, ou Desta Olinda da Nova Luzitanea.**”

Varnhagen escreveu irreflectidamente, porque não é exacto que o donatario datasse as suas cartas ora, de um modo, ora de outro, como elle assevera, para tirar partido das suas meras conjecturas.

Effectivamente, das cinco unicas missivas conhecidas de Duarte Coelho, em nenhuma dellas se encontra semelhante menção, e senão vejamos:

A primeira, de 27 de Abril de 1542, dirigida a D. João III, como são as demais, é datada — **Desta Villa de Olinda**, — como egualmente é a segunda, de 20 de Dezembro de 1546. A terceira, de 22 de Março de 1548, apenas de — **Olinda**; — a quarta, de 15 de Abril de 1549. — **D'Olinda**; — e a quinta, de 24 de Novembro de 1550: — **Desta villa d'Olinda**.

Esse argumento, quando ainda mesmo fosse exacto, — o modo por que Duarte Coelho datava ordinariamente as suas cartas, — não tinha valor algum, porquanto não queria isso significar que houvesse uma outra Olinda, e que o donatario assim o fizesse para a distinguir dessa outra de Portugal, escrevendo elle na sua capitania do Brasil.

Existem no Brasil varias villas e cidades com denominações de outras de Portugal, e ainda ninguém se lembrou de escrever, por exemplo, Oueiras do Piauhy, ou Santarém do Pará.

Possuimos a mãos cheias, documentos, e alguns conhecidissimos, pela sua vulgarização, em que figuram as phrases: **deste**, ou **neste Recife de Pernambuco**, ou simplesmente: **Recife de Pernambuco**, e todo mundo sabe que não existe outro, que não seja a bella capital pernambucana.

O príncipe de Nassau datou a sua primeira carta dirigida aos Estados Geraes da Hollanda em 3 de fevereiro de 1637, de — **Antonio Vaz de Pernambuco no Brasil**; — e porque isto assim occorre, ainda nin-

guem se lembrou de conjecturar, que é porque existe uma outra localidade com aquelle nome do velho proprietario da actual ilha de Santo Antonio!

Alfredo de Carvalho, parece esposar essas conjecturas de Varnhagen, no seu mimoso livrinho **Phrases e palavras**, ao tratar da origem do nome da vetusta cidade, ainda que, conclue elle — “a verdadeira origem ainda permaneça ignorada, e só pesquisas bem rumadas sobre os antigos toponymos portuguezes poderão vir a determinar.”

Quanto a nós, porém, — que nos parece ter enveredado nesse rumo, — ficamos com a tradição recolhida pelos citados escriptores, sancionada por valiosa documentação, e respeitada por tantas gerações, de cujas tradições vêm estes versos do nosso poeta das **Flores transplantadas**, J. B. Regueira Costa, tratando da formosa Marim dos Cahetés, na época originaria do nome de Olinda, que substituiu o do seu baptismo indigena:

Eis que transpondo do Oceano as vagas,
Chega Duarte Coelho ás suas plagas,
E exclama ao vêr situação tão linda:

O' linda posição para uma villa!
E desde então, á beira mar tranquilla,
A Marim dos Cahetés chamou-se Olinda.

O que é certo, é que a primitiva aldeia de Marim recebeu logo á chegada de Duarte Coelho a impozição do nome de Olinda, porquanto, no Foral dos bens patrimoniaes da sua municipalidade, constantes do respectivo diploma, lavrado em 12 de março de... 1537, dois annos depois, já a capital da nascente colonia é designada pelo nome de **Olinda**.

Entretanto, esta nova denominação não teve uma immediata e completa radicação.

Hans Staden, que esteve entre nós em 1548, no

alvarescer da colonia, encontrando em vóga o antigo nome de **Marim**, é assim que designa a localidade no seu ultimo livro, de impressão contemporanea, sempre que a ella se refere; e concurrentemente outros documentos contemporaneos e posteriores, avullando entre estes muitos que lhe chamam mesmo **Villa de Marim**, uns, e **Cidade de Marim**, outros; e em fim, não poucos que associam o nome antigo ao novo, como **Marim d'Olinda de Pernambuco**, na obra de Jean de Laet, 1636; e **Villa Marim de Olinda**, em um escripto hollandez de 1637 sobre as capitancias conquistadas.

O capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, em um attestado que passou em favor do soldado Antonio Ribeiro, da sua companhia, diz que com elle partiu da **Villa de Marim** para a conquista do Maranhão, onde firmou o documento a 12 de Dezembro de 1614; o general Conde de Bagnuolo, em uma attestação dos serviços dos religiosos franciscanos prestados na campanha contra os hollandezes, passada na Bahia a 2 de Agosto de 1638, chama, repetidamente a Olinda, **Villa de Marim**; e os mestres de campo André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, attestando iguaes serviços em 29 de Abril de 1648, tambem chamam a Olinda, a **Villa de Marim**.

Elegendo os religiosos franciscanos um commissario provincial da ordem em Pernambuco, teve isto lugar, segundo o respectivo termo, — Aos 14 dias do mez de Agosto de 1665, neste convento de N. Senhora das Neves da **Villa de Marim**...

Um escripto de fins do seculo XVII, **Informação do Estado do Brasil e suas necessidades**, tratando de Pernambuco, faz referencias á sua capital, a **Cidade de Marim**. O nosso chronista Jaboaão (meia-dos do seculo XVIII), escreve sobre o assumpto: — “Com o nome de Olinda, se ficou tambem chamando **Marim**, nome que já tinha, imposto pelos Tabajárás, seus primeiros habitantes, onde estavam de assento,

com uma novoação ou aldeia, das melhores e mais abastadas de gente de todas que havia por estas costas...

Tratando o mesmo chronista dos cursos de estudos que tinham havido na provincia, começa pelo primeiro, que teve lugar em 1596 no **Convento de Marim**; e depois refere, que na Villa de Olinda, ou **Marim de Pernambuco**, assistira por muitos annos um religioso franciscano, anteriormente á vinda dos padres destas ordem á colonia.

Em fim, pondo termo a estas referencias, que poderiamos estendel-as a muito mais, concluímos com Soares Mariz nas suas **Instituições canónico-patrias** (1822), que escreve: **Villa de Olinda ou Marim de Pernambuco**.

Tambem a Ponta de Olinda, nos antigos roteiros nauticos, com a descripção dos seus baixios, tinha o nome de **Ponta de Marim**.

O nome de Marim tem sido tambem vulgar como appellido de familia, e **André Marim** chamava-se o valente capitão que deixou um nome legendario como commandante do forte do Bom Jesus do Arraial Velho (1630-1635). Entretanto, não era elle pernambucano e nem mesmo brasileiro, e sim um extranho, hespanhol ou portuguez, que veio da metropole em 1631 na esquadra hespano-portugueza de D. Antonio de Oquendo, incorporado ás tropas commandadas pelo general Conde de Bagnuolo, enviadas em auxilio da campanha de Pernambuco contra o invasor hollandez, e trazendo o commando de um parque de artilharia de doze canhões.

Em Portugal, encontramos ainda um outro **Marim**, e naturalmente fidalgo, como se vê da — **Oração funebre pregada nas exequias de D. João Francisco Nicoláo Marim**, por Fr. José Maria de Araujo (depois Bispo de Olinda), impressa em Lisboa em., 1803.

Quanto á origem do nome **Marim**, escreve Lo-

reto Couto, que em algumas memorias achára, que o donatario Duarte Coelho fôra em um dos muitos combates e pelejas que tivera com os indios, ferido em uma perna, de que ficára com aleijão: **parecendo-lhe dahi**, que da palavra **barim**, que na lingua indigena significa coxo, mudado o B em M, vieram a dizer, **Villa Marim**, isto é, **villa do coxo**.

Essas memorias a que o escriptor se refere (meiados do seculo XVIII), não chegaram aos nossos dias; e as chronicas que conhecemos, de escriptores aliás mais antigos, não tratam absolutamente desse ferimento do donatario, quando não se esqueceram de registrar, que Jeronymo de Albuquerque, seu cunhado, perdendo uma vista em combate com os indios, ficára por isso cognominado, o **Torto**.

Entretanto, como é sabido, por constatação historica, documentada, que Olinda tinha o nome indigena de **Marim**, e vulgar, já antes da vinda de Duarte Coelho, não tem assim valor nenhum a origem deste nome consignada por Loreto Couto, **como lhe parece**, e muito menos, **que a não ser assim**, talvez se tomasse o nome da palavra **mirim**, "que na mesma lingua quer dizer pequeno, alludindo os indios ao limitado ambito da nossa primeira povoação, que toda se reduzia a um pequeno castello de pedra e cal, de que por muitos annos permaneceram as ruinas na rua Nova. A esta povoação chamaram **Mirim** os indios, e desta palavra tomaria nome a nova villa, de **Villa Marim**, mudandi o i em a, ou **Villa Mirim**, como vi escripto em escripturas daquelle tempo, nome que conservou emquanto não admittiu o de Olinda, para maior indicação da amenidade do sitio, em que, lavado do mar por uma parte, e do Beribe por outra, entre perpetua e agradável frescura, ostenta a sua formosura e belleza."

E' desta **formosura e belleza**, que vêm estes versos do poeta sergipano Pedro de Calasans, que se tornaram proverbias:

Quem não ama Olinda,
Não a viu ainda,

caso parodiando estes outros dos ardorosos sevilhanos:

Quem não viu Sevilha
Não viu maravilha.

Goncalves Dias, em vez de Marim, ou Mirim, escreve **Mari**, no seu **Diccionario da lingua Tupy**, accrescentando que é o — nome indigena de Olinda.

Theodoro de Sampaio, emfim, na sua excellente monographia, **O Tupi na geographia nacional**, escreve Marim. "corruptela de **mairy**, a cidade, a grande população, nome dado pelos indios aos povoados grandes, como os europeus edificaram, de certo, depois que os francezes. **Mair**, começaram a frequentar a costa do Brasil, e se estabeleceram em algumas partes della, pois que o vocabulo **mairy** parece proceder de **mair-reya**, reunião ou multidão de francezes."

Eis ahí, nos seus pontos cardeaes o que se póde colher sobre o tradicional nome de Marim, da nossa antiga metrópole, que apesar da imposição de um outro, não o perdeu de todo; e ainda hoje, no desdobramento de quarto longos seculos, é repetido e registrado, e particular e vulgarmente, em escriptos litterarios, em prosa e versos, vindo estes do nosso antigo poeta Antonio Joaquim de Mello, que no seu **Idyllio Itaé**, canta

A guerreira Marim sugoita aos Lusos,
e na sua Cantata, **Os Cahetés**, começa:

Já de Marim soberba sobre o cume
Do invasor Luso assoma a fortaleza.

Pereira da Costa.

(Dos Annais pernambucanos)

Documentos para a historia da revolução de 1824.

O Instituto archeologico possui importantissima colleção de documentos autographos sobre a Confederação do Equador, os quaes pertenceram ao coronel José de Barros Falcão de Lacerda, de quem existe tambem o rascunho de uma historia sobre esse importante movimento ainda não apreciado devidamente, e um **Diario chronologico** da mesma revolução.

Para que se faça idéa do carácter do commandante das armas revolucionarias, transcrevemos a carta autographa que lhe dirigio o chefe do bloqueio do Recife e a resposta que lhe deu o altivo pernambucano:

“Illmo. Exm. Sr.

Desejando mostrar a V. Exa. o quanto preso a amizade e estima de V. Exa., vou procurar fazer-lhe ver o quanto desejo empregar-me em o seu ser-

vico: pelo que attendendo ás circumstancias, tenho a honra de offerecer a V. Exa. todo o meu prestimo e fazendo: rogando-lhê juntamente que se V. Exa. já ou qualquer occasião julgar necessario retirar sua Exma. Familia do seio desses Perturbadores; eu terei sumo praser em a receber a meo bordo, no que terei muita honra: protestando a V. Exa. que aqui será tratada com todo o respeito, de que hé merecedora por sua especial qualidade.

E por esta occasião tenho o gosto de offerecer-lhe tudo quanto V. Exa. deseje, e eu tenha; no que mostrarei o muito que preso ó confessar-me

De V. Exa.

Muito Attento Vndor Obg e fiel servo

João Taylor

Lameirão 22 de Abril de 1824."

"Illm. Exm. Sr.

Accuso a recepção da estimavel carta de V. Exa. de 22 do corrente, em que V. Exa. manifesta os puros sentimentos que animão o seu coração a meo respeito, offertando todo o seu prestimo e fazendo a minha disposição e juntamente a bordo das fragatas de seu commando, para eu nelle recolher (caso eu ache conveniente) minha familia afim de a retirar do seio dos Perturbadores; e como eu conheça que taes offerecimentos são sinceros e effeitos unicamente da generosa e bemfazeja alma de V. Exa. passo a ter a honra de o fazer certo de minha gratidão para com V. Exa. que tantas provas me ha dado de quanto se me deseja prestar, sentindo entretanto não poder utilizar-me de tão obsequiosos offerecimentos: porquanto se espiritos desorganizadores perturbarem esta Praça, que presentemente existe na mais perfeita tranquillidade não seria preciso della retirar minha familia pela boa opinião

que felizmente goso entre meus concidadãos, pelo acatamento que sempre conservarão á minha casa, por isso que nos meos trabalhos me portei sempre com honra e dignidade proprias do meo caracter, quanto mais hoje que os Pernambucanos, convencidos do meo amor pela Patria me respeitam como General e Deffensor dos seus direitos e me amão cordialmente como seu verdadeiro amigo.

Hé pois dever meo não exitar em conservar entre elles minha familia, em penhor da amizade e confiança que lhes tenho, não julgando muito honroso duvidar da proverbial e generosidade de hum Povo que me tem accumulado de honras e de bençãos: os Pernambucanos obedecem a Lei e esta torna sagrada a casa do cidadão.

Desejo que a V. Exa. assista a melhor saude, acompanhada de venturas.

Acredite V. Exa. na minha sincera amizade e nos protestos da maior consideração e respeito que repito a V. Exa. lhe consagra o

De V. Exa. Mto. atencioso Venerador e obrgo. servo — Recife 23 de Abril de 1824 — José de Barros Falcão de Lacerda."

Tambem as cartas abaixo, escriptas na mesma epoca por um official da esquadra bloqueadora parente e intimo de José de Barros poem em destaque a fortaleza de animo deste digno pernambucano que é uma das figuras de maior relevo de nossa historia no seculo XIX:

"Amigo de coração.

Que hé isto? assim corre a sua ruina? assim concorre involuntariamente para submerger sua patria nos males da guerra civil? V. que hé a só Authoridade legitima dessa Provincia não ousa oppor-se ás arbitrariedades de hum governo illegitimo, as mais escandalosas arbitrariedades?

Vão seus officiaes fazer prisoenz nocturnas a cidadãos probos; e expulsão-se funcionarios publi-

cos empregados por S. M. I.?! são elles exactos observadores das ordens que emanão de sua Authoridade, ou já esses officiaes não conhecem a subordinação; não tem obediencia? No primeiro caso, como é possível que perdidos repentinamente seus estímulos de brio, queira V. ser o Ajudante d'Ordens de Manuel de Carvalho e no segundo que frágua não é a sua, que pusilanimidade! não tem v. coragem para tomar a unica resolução que deve: que é o recusar-se inteiramente a requisições iníquas, e cuja responsabilidade cabe toda sobre seus hombros, porque eu sei de muitos officiaes que teem protestado obedecer-lhe somente como o governador nomeado por S. M. I.

Oh meu caro Barros ainda não é tarde para remediar tamanhos males: os soldados são obedientes, os officiaes honrados, a maioria do povo não reconhece nem quer outras authoridades senão as de nomeação de S. M. I. Vêe a seus deveres. Salve essa Provincia, isto está nas suas mãos. Sua mulher, seus filhos sirvão-lhe de estímulo para assim obrar e creia que estas expreçoens são filhas de minha amizade a v., e a minha Patria.

V. sabe do meu desinteresse pela causa propria, do meu amor pelos meus patricios e para minha Patria por quem me tenho sacrificado sempre; não correrei atraz de hua quimera: a Independencia, a Constituição e a Integridade do Imperio do Brasil são os bens reaes a que aspiro; e que lhe lembro são os unicos que devem interessar os brasileiros e que infeliz sou se estas minhas expreçoens desarmonisão com os seus sentimentos mas eu espero que v. concorrerá por que tudo acaba em bem; e me recordo que assim m'o prometteu.

Vou me fazendo fastidioso, mas não posso deixar de acrescentar ainda uma reflexão: diga-me charo amigo leo v. já o projecto offerecido? sabe que o tinhão lido esses que recusam jurar; e que o entendão? ah quão faceis somos de nos deixar en-

ganar, só para nos não dar-mos ao trabalho de meditar e de estudar? receba-o e creia que de o jurarmos hé que nós ha de vir o bem da liberdade justa a que aspiramos, rogo-lhe de ajudar a que elle seja recebido e jurado, não se recusa a este meu pedido: e desculpe a franquesa com que lhe fala, seu

antigo, verdadeiro e
fiel amigo

José.

P. S. O sr. Taylor sabe que lhe escrevo e me recommenda de o fazer certo da estima e respeito em que o tem e de por sua parte fazer os seus cumprimentos.

Bordo da Niteroy, 2 de abril de 1824.

S. P. S. Acrescento que se v. conhecesse tanto a Taylor quanto eu conheço; acreditaria que as expressoens de suas cartas são sinceras mas se crê em minha palavra, saiba que não ha nellas nada que não seja verdade: a honra é sua guia; nas demais Provincias se tem adoptado a Constituição e nellas ha paz."

Na sobrecarta: "Ao Ilmo. e Ex. Sr. José de Barros Falcão de Lacerda Cavalcanti — Governador das Armas. Official da I. Ord. do Cruzeiro, Cavalleiro da Ordem de Avis, Corônel do Estado Maior do Exército e Commandante das armas da Provincia de Pernambuco."

"Ilma. Exma. D. Bernarda

Depois de ter escripto ha poucos ao meu amigo, seu marido José de Barros, instigado ainda pela amizade que lhe tenho, tomo a confiança de dirigir-me a V. Exa. para que exerça sobre elle a influencia que deve ter, a fim de o salvar e a sua familia dos males que o ameaçam,

V. Exa. sabe que elle tem chegado a obter o premio de muitos annos de serviços e de fadigas, principiando a gosar no seu Paiz da primeira representação, e quereria que n'hum momento de desvario elle perca quanto tem ganho em tantos annos?

V. Exa. sabe que só aventureiros que nem tem nome nem representação se empenhão na injusta causa de conservar a Manuel de Carvalho na Presidencia de que o exclue a Nomeação de S. M. I e que bem claramente tem demonstrado reprovar; e ignorará talvez os fins a que se dirigem a resistencia que se faz as Ordens Imperiaes, eu lhe asseguro porem que os resultados hão de ser tristes para os emprehendedores. V. Exa. tem filhos de quem agora seu marido está nas circumstancias de fazer a fortuna, e quererá elle reduzil-os a perder a unica herança que lhes pode legar?

Eu não o posso acreditar; mas devo dizer a V. Exa. que se vae fazendo tarde; e talvez o remedio não venha em tempo: principia-se já a desconfiar que elle é cúmplice de Manuel de Carvalho tendo-se acreditado por fraqueza a sua irresolução.

Acuda-lhe V. Exa., com os seus conselhos; faça o seu filho (esse amavel moço) conhecer seus verdadeiros interesses e mesmo os de nossa patria, que para nos apanharem dizem querer-se escravizar.

Eu sou sincero e sou de toda a familia de V. Exa., antigo, e fiel

Amigo e Parente
José Paulino."

Na sobrecarta: "A minha Prima a Exma. Sra. D. Bernarda Cavalcanti de Lacerda, mulher do sr. José de Barros Falcão. S. Casa."

"Meu caro amigo do coração.

Tomei a liberdade de escrever uma cartinha a Exma. Sra. D. Bernarda, depois de lhe ter escripto

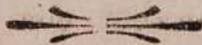
outra; e recebo agora a sua resposta e sou honrado com hua longa carta daquelle Sra. naqual vejo que a algumas expreçoens minhas se deu hua interpretação alheia do genuino sentido em que escrevi. Em resposta a sua nada direi; nem mesmo justificarei minhas expreçoens na carta a Exma. Sra. D. Bernarda.

Não me tinha preparado para ter a honra de ver hum escaler de proposito a trazer-me a resposta de hua carta familiar, que dirigi ao meu amigo José de Barros, do contrario teria posto todo o cuidado em a não mandar cheia de erros e descuidos, todavia o meu amigo (porque assim o considero) saberá o porque assim obrei.

Nada mais lhe direi senão que desejo sua ventura, a paz de minha Patria e armonia de meus Patricios; qualquer que seja a opinião que de mim tenha; e o tempo o mostrará. Adeus meu caro amigo. Seu do coração B. da F. N. 12 de Mayo de 1824.

José Paulino."

P. S. Aproveito esta occasião para lhe rogar o obsequio de mandar a minha mulher a carta junta, e esses papeis; e igualmente de remetter essa outra carta ao Padre Venancio."



O mytho de Sumé

Homenagem a Oliveira Lima

Quem quer que tenha conhecimentos rudimentares sobre os primitivos tempos historicos do Brasil, não pode ignorar o mytho indigena de certa personagem, venerada pela grande maioria se, de facto, não fôr, por todos os naturaes, e cujo nome nos foi transmittido pelas chronicas coévas da descoberta, sob a graphia de **Sumé**.

A poucas páginas que forem lidas, da Historia brasileira, o nome de **Sumé**, apparece, envolvido numa aurcola de agradecida lembrança, com a qual lhe rodeavam e nimbavam a mysteriosa e lendária personalidade, os indigenas agradecidos.

Se acreditarmos na tradição desses primitivos naturaes das terras que hoje integram a nacionalidade brasileira, tal e como ella foi apanhada dos labios delles e a nós transmittida pelos primeiros chronistas dos feitos historicos da **Terra da Vera Cruz**, a ponto desta ser descoberta e chrimada com essa denominação, o lendario **Sumé**, foi um illustre **Payé**, de elevada categoria; um benemerito **Karaiba**, no sentido rapsódico e theocrático deste termo e um supremo **Mair** na mais augusta e bemfazeja expres-

são desses trez termos, tão alheçados, pelo commum, na vida indigena, a qualquer feito de paz, socego e benemerencia para com o espirito dos gentios que elles constantemente mantinham no dominio do terror.

Os Hellenos, o teriam qualificado de Heróe e talvez lhe dêssem ingresso no Pantheon delles, sob a advocação d'um Semi-Deus.

Elle veio representar, em terras brasileiras, pre-historicas, uma especie de **Céres** masculino, presidindo ás lavouras, junctamente como a personagem biblica de um **Moisés**, alimentando o seu povo, com um **Maná**.

Sumé, segundo a lenda aborigene, foi um sabio, que é o que gradativamente significam os nomes de **Payé**, **Karaiba** e **Mair**, o primeiro com feições de designar o medico, o curandeiro e o feiticeiro; o segundo como significativo de bardo, rapsodo e chronólogo e, o terceiro, sob o aspecto, mais elevado, de mago, sacerdote e supremo conselheiro ou, chefe espiritual.

Essas denominações, na pratica vulgar da vida dos indigenas brasílicos, não tinham mais, todo o primitivo valor da sua significação ancestral, quando os primeiros europeus vieram achal-os nestas plagas e, a decadencia moral desses gentios e a propria dessas personagens, a todos haviam confundido com vulgares vaticinadores e bruxos vulgares.

Sumé, porém, persistia na agradecida lembrança dos aborigenes brasílicos se bem, que junto com a sua tradição, no espirito destes, figurassem factos de desmedida ingratição, que vêm demonstrar, com mais um exemplo, a recompensa que espera aos redemptores da humanidade, por parte desta.

Refere a tradição que foi **Sumé**, quem ensinou aos homens a utilização, plantio, cultivo, colheita, expurgo e aproveitamento do tuberculo da mandioca, o succedaneo do trigo, em terras sul-americanas e cuja farinha é o pão da maioria deste continente

ao qual, deu a Providencia, com o tempo e a industria dos homens, o trigo nos pampas frios e a mandiôca, ou macachêra, nas terras tropicaes, bases do alimento destes povos, assim melhor partilhados do que quaesquer outros do mundo, para supportar o anathema de trabalho fatigante que pésa sobre a humanidade desde a desgraça paradisiaca desta.

Todos os autores que successivamente se tem occupado de historiar as cousas do Brasil, desde a chronica impressionada e léve até os tratados mais eruditos e completos, citam o nome de **Sumé**, referem-lhe suscintamente a lenda, emitem opiniões sobre a etymologia desse chrismã e abandonam o mytho no seu mysterio secular e menos pesquisado.

Necessidade de maiores buscas e de esteios para estas, levaram-me a investigar o passado dessa personagem e, sem pretender que aqui venha trazer todas as informações que o **Mytho de Sumé**, ainda comporta, nem tambem reproduzir tudo o que os outros disseram a respeito e, é bõm conhecido dos cultores desta natureza de assumptos, venho trazer a minha achega para esclarecimento do mysterio que ainda envolve essa interessante personagem brasileira.

Um dos primeiros que a elle allude e que a respeito nos informa, é o padre Manoel da Nóbrega, da Companhia de Jesus, primeiro thaumaturgo da religião christã em qualidade, official. — si este termo me é permittido, — em terras da Vera Cruz.

Escrevendo da cidade do Salvador, na Bahia de Todos os Santos, para onde veio elle acompanhando outros Jesuitas, o primeiro governador da nova colonia lusitana, o prudente Thomé de Souza, disse elle ao padre Mestre Simão, residente em terras do reino e em data do anno de 1549: "... me contou pessôa fidedigna, que as raizes de que cá se faz o pão, que **São Thomé** as deu, porque cá não tinham

pão nenhum. E isto se sabe de fama, que anda entre elles, **quia patres eorum nuntiaverunt eis.**" (1)

Em nova missiva, acrescenta o mesmo Reverendo Padre: "Tem noticia, igualmente, de **São Thomé** e de um seu companheiro... Delle contam que lhes dára os alimentos que ainda hoje usam, que são raizes eervas e com isso vivem bem; (2) não obstante, dizem mal do seu companheiro, e não sei porque, sinão que, como soube, as frechas que contra elle atiravam, voltavam sobre si, e os matavam." (3)

Tudo me faz acreditar em que nessa informação do bom Padre Nobrega, existe a confusão de duas lendas numa só; quer o jesuita recebesse a noticia de labios indigenas, cuja falla elle confessava-lhe ser difficil de comprehender e de aprender. (4) quer elle a soubesse, o que é mais provavel, pelos portuguezes dantes estabelecidos na colonia e já estropeiada e de mistura com outras lendas.

Por muito que se estime a selvagem natureza do gentio brasilico, em geral custa acreditar que

(1) -- "*Cartas Jesuiticas*" -- "1549-1560"; prefaciadas por Veiga Cabral — Edic. do Minist. da Faz. — Imprensa Nacional -- Rio de Janeiro, 1886, pag. 52.

(2) -- "*Tres bonnes, toutes fois*", disse o Frei André Thevet: "*Muito boas, por certo*"; quando a essas raizes aliude.

(3) — Ibidem. IV carta — pag. 64.

(4) — A *Lingua geral* do Brasil, o cultivado *Abanhé-enga*, como desde logo notei, quando a fui conhecendo, têm grande parelha com o bellissimo idioma *Basconço* ou linguagem dos *Bascos*, *Euskaros* ou *Euskaldunas* que dominam ambas vertentes pyrenaicas, espanhola e franceza, sobre o Golpho de Biscaia ou Mar-Cantabrico; isto facilitou notavelmente a aprendizagem da falla *Tupi-Guarani* pelos jesuitas P. Azpilcueta (alcunhado *O Navarro*) e o irmão e, ao depois padre, José de Anchieta com grande e santa admiração do P. Nobrega, que, alem de ser gago, não parecia ter grande propensão para a philologia e gabava aquelles padres espanhoes que tão facilmente senhorearam a linguagem do gentio brasilico.

estes naturaes fréchassem o seu bemfeitor e, ao mesmo tempo, lhe prestassem veneração agradecida e admirativa.

Talvez que as fréchas fossem atiradas, numa lenda indigena, ao lado da de **Sumé**, sobre aquelle *ad-latere*, "**companheiro**", alludido pelo jesuita e que bem pode ser, um desses detestaveis **Karaibas**, ou **Fagés**, contra os quaes, mais de uma vez, exerceu-se a vindicta indigena, desilludida das falsas profecias desses mystificadores: talvez, que ali, a lenda de **Sumé**, se confundisse entre os adventicios, com a do famigerado, temido e detestado **Tamandaré**, o **Ita-Mair-Andiró** da minha etymologia, o Moreégo (**Andiró**), feiticeiro-môr (**Mair**), ninhando na penedia, (**Itá**) á qual elle deu nome.

Quando o beatifico Padre Nóbrega, attribuia a **São Thomé** a invenção da Farinha de mandôca, elle, com a fé dos crêntes que não abandona os mais sabios christãos, recolhia e traduzia o denominativo **Sumé** interpretando-o pelo nome do santo apóstolo **Thomé**, acreditando piamente, que apenas a ingenuidade, a ignorancia ou a falla dos gestios eram as causas do nome **Sumé**, ennevoar o de **São Thomé**.

Devido a essa interpretação philológica dos religiosos, em geral, da catechese sul-americana dos indigenas e constantemente repetida pelos mesmos evangelisadores, correu, modernamente, a versão, de que os missionarios deste Continente austral, haviam inventado grosseiramente, um **São Thomé**, thaumaturgo prehistorico do gentio sul-americano.

Suspeito que essa interpretação, foi transplantada pelos religiosos da catechese brasilica, em viagem de retorno para terras americanas, onde ella foi do Peru, para os Collegios da Companhia de Jesus na Europa, bem como para as casas matrizes de outras ordens religiosas que forneceram missionarios para aquella colonia espanhola, trasandina.

Melhor, assim, comprehender-se-á, a accepta-

ção dessa maneira de interpretar o nome de **Sumé**, com auxilio do **Flos-Santorum**.

E' o que deduzi de certo escripto do illustre americano M. Rigoberto Paredes, sobre a "**Altiplanicie Pacenha**", ou seja das regiões de **La Paz**, capital da Bolivia e ricas paragens em thesouros de prehistoria Sul-americana. (5)

Escrevendo sobre a origem e desenvolvimento dos povos desse planalto, chêga esse autor a discorrer sobre o apogeo dos **Parajas** das margens do lago de **Titicaca** sob a tyrania de **Macuri**, chefe, ou **Mallku**, ou **Maiku** delles.

"Nessa epoca. — escreve Paredes. — dizem haver sido visitadas, por certa extranha personagem, a quem dêram o nome de **Tunápa** ou de **Tumássa**, que os evangelizou com as suas pregações duma doutrina parecida com a christã; exprobando-lhes que fossem bebedores de sangue humano e, tão rancorosos e deshumanos com os vencidos. Contam que carregava uma grande cruz sobre as costas, feita de madeira e que os moços indios costumavam acompanhá-lo, nessa forma; um destes chamado **Kalka**, namorou-se da filha de **Macuri**, chamada **Kara-huará**, que elle conseguiu converter á religião do seu mestre **Tunápa**, o que deu lugar para que o noivo fosse sacrificado e **Tunápa** martyrisado e lançado para os fundos do lago, amarrado aos lenhos d'uma jangada, que, levada pelas aguas, se perdeu pelo meandro das ilhas." (6)

Quem conhece a historia do antigo Peru' talvez tenha reparado no parentesco espirital do **Tunápa**, ou **Tonápa**, andino, e o **Tupã** brasilico, como divindades mais ou menos averiguadas do pantheismo de ambos os povos e, talvez de um extincto e lendario monotheismo.

(5) ã "*Antiplanicie pacenha*" — Boletim da Sociedade Geographica de La Paz — Anno IX-1911 — Ns. 33-34-35.

(6) — Ibidem — pag. 134.

De outra parte, é evidente, que a lenda que conta Paredes, já traz o contagio de influencias christãs e, muito provavel que a catechése espanhola de traz os Andes, achando inesperadamente na lingua-gem daquelle gentio o nome de **Tumása**, numa das feições do de **Tonána** aproveita-se a coincidência para melhor catechizar os seus ouvintes, identificando **Tumása**, personagem que lhes era conhecida, com o **Thomé** christão.

Quicá, mesmo e, bastante acredito nessa interpretação; a corruptela, **Tumása**, do nome de **Tonána**, foi inventada para esses fins. Os religiosos da catechése sul-americana, viam-se em grandes difficuldades para traduzirem ideas, imagens, symbolicas e principios da moral christã na lingua-gem dos gentios e, nesse caso, ou creavam néologismos, como o magnifico **Curuzá**, basco-brasilico, na significação da Cruz, dos Jesuitas da catechese dos selvagens do Brasil, ou aproveitavam nomes como o **Tupã** destas terras para representar a Deus ou dávam ao inferno christão nas montanhas do Equador, o apellido do **Tungurahúa**, rival do **Chimborazo** e, o qual, para os naturaes daquellas regiões, pelas suas medonhas erupções vulcanicas, era o terror igneo, constantemente a bramir, a vomitar fogo e assolar grande extensão das comarcas visinhas.

Os missionarios, dessa forma, auxiliavam grandemente o unico mister que traziam para estas terras, o de conquistarem rapidamente as almas dos selvagens para uma moral superior. Não inventaram mythos christãos, palavras que berram ao se vérem jungidas; aproveitáram apenas opportunidades philologicas para se tornárem melhor comprehendidos.

Alguns desses religiosos, como o Padre Simão de Vasconcellos, chegaria, talvez, a acreditar piamente, na identidade de um **Sumé** e, d'um **Thomé**, como acredito que faria outro tanto um beatifico

Francisco de Assis; para esses, de coração humilde, Deus prometteu o reino dos Ceus...

Espiritos modernos, ao meu ver, mal orientados, a respeito dos propositos veniaes da catechese indigena, tem-se revoltado contra a ideia de ter-se empregado a trapaga para conseguir elevados fins, merecedores de processos mais selectos. Não há, para se chegar a taes protestos, como philosophar nos nossos dias, esquecendo o meio ambiente dos seculos e dos povos, cuja evolução apreciamos.

Não será assim, de admirar, que em breve, no caminho de animismo que corroe os vulgos do mundo todo, se chegue a excommungar um Pasteur, dissecador de cobayas, fundando-se em priscipios... humanitarios.

Foi o conego Fernandes Pinheiro, celebrisado historiador brasileiro, bastante sujeito a conclusões nem sempre felizes nos trabalhos da sua preferente actividade, quem modernamente anathematisou, entre nós, essa pretensa creação jesuitica, baseando-se nos dizeres do Padre Simão de Vasconcellos, que, evidentemente, forçou um pouco a nota da sua bôa fé ardente (7).

"O Conego Fernandes Pinheiro, — escreve Veiga Cabral, — suggere que a tradição de S. Thomé é creação dos Jesuitas" (8).

Contrariando essa opinião do erudito conego, commenta Veiga Cabral: "Entretanto, a *Copia der Newen Zeitung auss Presilly Landt*, que dêve ter sido impressa em 1508, segundo Wiese, diz: (9) "Sye

(7) — "Chronica" — Nota 10; edic. de 1867, pelo conego F. Pinheiro.

(8) — "*Cartas Jesuiticas*" — Obr. cit. — pag. 72 — Nota 25.

(9) — Magalhães Strasse, 1881 — pag. 1881 — As mesmas razões de Veiga Cabral, me fazem conservar no idioma original as informações dessa preciosa gazeta coéva dos primeiros tempos historicos do Brazil, numa passagem que, traduzida, poderia originar a duvida entre a fidelidade ou traição do traductor.

haben auch auff der selbiger Costa odder landt gedechtauss von Sant Thomas. Sye haben anch der Portugalesern die schirt im landt elisnen vollen zaygen. Zaygen auch an das Creutz in landt dynnen steen. Und wann sie von Sant Thomas reden. So sagen sie es sey das Kleyn got. Doch es sey ein ander got der grosser sey. Es it wol zuglanber das sie gedechtauss von Sant Thomas hyndter Malaqua leibhefftig leyt, auf der cost Siramati, in golfo de Celon. Sie haissen auch in landt Ire Kynder fast Thomas."

Alem desse texto que bastante ellucida sobre o caso da pretensa invenção jesuitica, ou de outra ordem missionaria, lembra opportunamente outro testemunho se bem que elle seja ainda de outro religioso, dizendo: "Accresce ainda, que Thevet encontrou a mesma tradição entre os **Tamoyos** do Rio de Janeiro, ainda não visitados pelos Jesuitas." (10)

Se o Padre Simão de Vasconcellos, forçou a nota, como acima digo, ampliando o mytho de **Sumé**, até uma missão apostolica de **Santo Thomé**, os commentarios do criterio opposto, nada lhe tem a invejar sob o ponto de vista do exagero partidario.

Foi, esse, o caso, do pastor methodista Daniel P. Kidder, que veio ao Brasil em missão de propaganda e onde elle permaneceu, entre os annos de 1835 e 1840.

Contaram-lhe a lenda de **São Thomé**, omitindo-lhe, provavelmente, a sua connexão a de **Sumé**, já esquecida entre as tradições populares: esta desapareceu, para deixar subsistir a outra.

O methodista achincalha methodicamente, a

(10) — Ibid. Veiga Cabral, comentando as cartas do Padre Nobrega, manifesta-se tão interessado com a informação que disse: "Só quero dizer de *Santo Thomé*, a noticia que tem o Padre Nobrega" e, depois de transcrever o trecho em questão, que acima copiei, accrescenta: "Desta materia traz cousas mui curiosas o Padre Vasconcellos, na Historia do Brasil" (*Cartas Jesuiticas*) — Obr. cit.; pag. 13.

lenda persistente. "Em varios pontos do Brasil, — escreve elle, — as tradições de que **São Thomaz** visitou o paiz, são vulgares. Muitas dellas foram cunhadas pelos Jesuitas e vulgarisaram-se, correntemente, entre a gente crédula. Note-se a logica com que o famoso Simão de Vasconcellos prova que **Santo Thomaz**, certamente, deve ter estado na America do Sul. "Com que sombra de razão, — disse o Jesuita, — poderiam os Indús da America ser damnados, si jamais o Evangelho, lhes foi pregado? Aquelle que enviou os apóstolos por todo o mundo, não podia esquecer a America, que é quasi metade d'elle. O Evangelho, pois, deve ter sido pregado aqui, em obediencia a este mandato. Mas, por quem foi pregado? Não podia ter sido por nenhum dos outros apóstolos, S. Paulo, S. Pedro, S. João, etc. Logo, foi por S. Thomaz" Não admira, — commenta o methodista, — que os Jesuitas tenham podido delinear o itinerario de suas viagens do Brasil ao Peru, achando vestigios do seu cajado pastoril, cruces erectas por elle e inscripções em grego e em hebreu, feitas por seu punho (11). Chegaram mesmo a retirar as suas sandalias e o seu manto, em perfeito estado, nas profundidades do vulcão de Arequípa." (12)

Nesse trecho das impressões de Kidder, allude-se á viagem de **São Thomé**, do Brasil, para o Perú.

(11)—E' interessante constatar que em alguns lugares onde existem petrographias prehistoricas sul-americanas e, notadamente, no Brasil, se tenham achado combinadas e encimadas com uma cruz, como é habitual, o emblema jesuitico das trez iniciaes I-H-S (*Jesus-Haminum-Salvator*), em contacto com hieroglyphicos prehistoricos o que viria demonstrar que se os Jesuitas não traçaram, de facto, o itinerario de S. Thomé, elles o seguiram e deixaram nessas rochas a lembrança da sua passagem nessas, hoje, quasi que redescobertas regiões.

(12) — "*Impressões d'um missionario methodista em Pernambuco*" — Rev. do Inst. Arch. Pernamb. — ns. 75-78 — pag. 109.

Eu continuo a acreditar na origem peruana da interpretação christã do mytho de Sumé, ainda que não seja senão pela prioridade da existencia daquelle catechese.

Como quer que seja, o mytho peruano equivalente ao de Sumé, tem avoengo muitissimo mais antigo do que este, sobre tudo se, como cada vez mais mais me confirmo nessa opinião, a prehistoria brasileira, na sua maior extensão, não é senão o reflexo da trasandina, sem negar, antes accetando, outras influencias lateraes.

A. Castains, escriptor francez, americanista, fazendo o estudo critico da obra historica, do peruano, inca pelo parentesco com a familia imperial peruana e aymara de avoengo, que se chamou, Dom João Santa Cruz, Pachacuti, (13) Yamqui, Salcamaygua, recheiado de preciosas informações, com defficiente grammatica castelhana, disse deste escriptor indigena: "Como velho christão que elle é, outra cousa não deseja, senão reconhecer o apóstolo São Thomé, no santo homem, — (Tunápa, Tonápa ou Tumása), — conforme com as tradições que os religiosos tratam de fazer passar, mas não insiste e, a sua boa fé, fugindo instinctivamente ás ciladas do proposito systematico, faz com que o pretenso apóstolo, apesar dos milagres com os quaes a lenda esmalta a sua missão, appareça, sobretudo, como um reformador politico, esteiando as suas doutrinas sobre uns quantos dogmas bastante afastados daquelles do christianismo." (14)

[13] — Esse apellido, umas vezes vêm escripto *Pacsacutec* e, outras *Pachacuti*, inclusive sendo o de algum soberano inca; esta ultima parece ser a graphia certa e por isso a adoptei.

(14) — "*Les sources de l'Histoire du Perou Antique*" — Rev. Orient. Amerie. — 1880 — IV — n. 14 -- pag. 105.

A. Castains recommenda aos que estes assumptos interessam, a leitura d'um trabalho sib o titulo: "*Lenda do*

Um particular do mytho brasilico de **Sumé**, é o das famosas pégadas dessa personagem indigena, as quaes. naturalmente, se converteram nas do Santo apóstolo, no seu éxodo evangelico, lógo que a primitiva lenda, evoluiu, toda voltada para este ultimo.

A tal respeito, informa o Padre Nobrega: "Estão d'aqui perto. umas pisadas figuradas em uma rocha, que todos dizem serem suas; — e accrescenta, — como tivermos mais vagar, havemos de ir ver." (15)

Em outra carta, completa mais, a precedente informação. dizendo, que os naturaes "... mostram certos vestigios, em uma rocha, e dizem ser delles — de **Sumé** e do companheiro. — e há outros sinaes em S. Vicente, que é no fim desta costa." (16)

Emfim, explica completamente: "Dizem elles que **S. Thomé**, a quem elles chamam **Zomé**, passou por aqui, e isto lhes ficou por dito dos seus passados e que suas pisadas estão signaladas junto de um rio: as quaes eu fui ver por mais certeza de verdade e vi com os proprios olhos, quatro pisadas mui signaladas com seus dedos, as quaes algumas vezes, cobre o rio quando enche; dizem mais que quando deixou estas pisadas, ia fugindo dos Indios, que o queriam fréchar, e chegando alli se lhe abriu o rio e passára por meio d'elle a outra parte sem se molhar, e d'alli foi para a India. Assim mesmo contam que, quando o queriam fréchar os Indios, as fréchas se tornavam para elles, e os mattos lhe faziam caminho por onde passasse: outros contam isto como por escarneo. Dizem tambem que lhes prometteu que havia de tornar outra vez a vel-os." (17)

Homem Branco", — Archivos da Sociedade americana de França — T. 11 — pag. 100; documentos que não consegui achar.

(15) — "Cartas Jesuíticas" — II carta — Obr. cit. — pag. 52.

(16) — Ibid. — IV carta — pag. 64.

(17) — Ibid. — V. carta — pag. 72-73,

Duas observações acodem perante a leitura desse tónico, além das outras, a que se possa prestar.

A primeira é, "o escarneo", com o qual, alguns indígenas commentavam a aventura sumeriana; o que demonstraria nesses gentios, diversidade de crenças e, melhor ainda, por isso mesmo, a existência destas entre ellas, sob o ponto de vista religioso.

A segunda é a que se refere á volta de **Sumé** "para a Índia": como explicaria o informante, esse destino, ignorando provavelmente a existência e o nome dessa terra? como chegou o Padre Nóbrega a comprehender esse destino e essa denominação, dos lábios de quem tal devia provavelmente ignorar? A única resposta que accode diante de taes interrogativas é, que o Padre Jesuíta as obteve, nitidamente, de qualquer **Paqué** ou **Karaíba**, desses que guardavam as tradições oraes das racas a que pertenciam e que, talvez, já inconscientemente, repetiu com bastante clareza o nome industânico, repetido nessas lendas de geração em geração.

Entre os ciganos nomades, porque os há sedentários, dá-se o mesmo facto, mas o pesquisador imparcial e menos influido por certos preconceitos, sabe desintrincar as etymologias certas, do cipoal das corruptelas de nomes e de denominações.

Sumé é a orthographia corrente desse nome nas chronicas coévas do descobrimento e da conquista litoranea do Brasil.

Zomé, como se viu da informação do Padre Nóbrega, é a orthographia lusitana do mesmo nome.

Essa mesma, talvez por tiral-a do Jesuíta, é a do historiador inglez Southey. "O nome, — commenta Veiga Cabral alludindo á graphia, **Zomé**; — diz Southey, segundo todas as probabilidades, é uma corrupção de **Zemi**, do Hayti, divindade ou pessoa divinizada. No Paraguay chamavam-n'o **Payzumé**, pa-

lavra composta, com que designavam os seus sacerdotes" (18).

O mesmo commentador, termina essa nota, dizendo: "Sumé, diz Candido Mendès, segundo a interpretação do P. Vasconcellos, é S. Thomé, mas parece-nos mais natural Noé." (19)

Não vejo, nem de léve, a razão dessa ultima e um tanto arbitraria interpretação; pareceria mais logico Moisés que nestes desertos brasilicos deu a esses infelizes indigenas, como já disse acima, o verdadeiro Maná da farinha de mandioca, sem fallar em outros productos tirados desta providencial raiz.

Noé?... apenas para rimar, de pé quebrado, com Sumé!

Temos, pois, de accordo com o que acima fica exposto, que o Mytho de Sumé, (20) tem ascendencia Aymara, nos Andes, e descendencia aquem da Cordilheira.

(18) — "Historia do Brasil" — Trad. — I — pag. 324 — Nota (25) das "Cartas Jesuíticas".

(19) — Rev. do Inst. Hist. Geogr. Brasileiro — 1878 — T. XLI — part. 2 — pag. 97.

(20) — *Suma* e *Sumilla* (pronunciar *Sumilha*) são denominações fluvias no Equador: o primeiro d'um affluente do *Rio Mache*, o segundo do *Rio Sume*, que apenas diverge, pelo accento final, do nome *Sumé*. O illustre americanista equatoriano J. Jijou y Caamano, liga esses nomes ao termo *Sona*, no significado de mulher e ao qual terei de referir-me mais longe. (Bolet. de la Soc. Ecuat. de Est. Hist. americ. — 1919 — n. 6 — pag. 363 — Nota 4). Eu creio, por minha vez, conveniente, a comparação entre o termo *Sumilla*, acima apontado e o nome *Chucquilla* (leia-se *Chuquilla*) que é o de uma das personagens da *Trindade de Aguinju*, o deus supremo, avô de *Catequil*, deus do raio e sob a égide do qual medravam as plantações e se faziam as colheitas, tendo por isso, culto incruento no Peru' e no paiz calchaqui, berço do mytho de *Catequil*.

"As mulheres jibaras — (no Equador oriental), — escreve Raphael Karsten, — todavia adoram a *Nungüi*, como grande mãe da terra, a qual, ainda, lhes ensina a cultivar os fructos que esta lhes dá e a saber tratá-los. Quando ellas fazem novas plantações e quando semeiam,

Se balisarmos com esse mytho e com outros semelhantes, que eu conheço, as terras sul-americanas, teriamos, muito ao N. E. o **Zemi** havtiano, ligado ao **Zomé** do Padre Nobrega, ao **Sumé** tupi e ao **Payzumé**, paraguayo ou guarani que outra coisa são é senão o **Pagé-zumé**, como **pagés**, sem duvida, foram os titulares ou a mesma pessoa que leva aquelles apellidos. Esse mytho, pois, quasi que de forma meridiana, vêm desde as **Antilhas**, pelo litoral brasileiro e attinge o extremo sul do continente. Não achei referencias sobre a existencia desse mytho em terras dos **Tapuias**, ou sejam os povos serranos do estenso Planalto Central do Brasil que corre tambem, quasi que meridianamente, paralelo ao litoral do Brasil.

De outra parte, temos o mytho jibaro de **Shacaima**, philologicamente ligado á deidade **Makunaima** e ao filho deste **Makenaima-Moo-moo**, cujas tres personagens parecem abranger, com os seus mythos, imperfeitamente conhecidos, todas as **Guyanas**, a subida dos **Andes** naquellas bandas e as primeiras altiplanicies equatorianas, desse lado da Cordilheira, servindo os **Jibaros**, **Arnaques** e **Karaibas**, de vehiculo a essas lendas de fundo religioso e agrario, como a de **Sumé**, **Zemi**, **Zomé** e **Payzumé**.

Emfim, no S. O. e a l'O. do Continente, o cul-

runca deixam de invocar a *Nungüi* e ao marido desta, o *Shacaima*, que antigamente prestava os mesmos serviços agricolas que ainda praticam os homens jibaros, isto é, a derrubada e o amanho do terreno, para fazerem-se novas plantações" (*Nitos de los Indios Jibaros del Oriente del Ecuador* — Bolet. de la Soc. Ecuat. de Est. Hist. Americ. — 1919 — n. 6 — pag. 332 — Nota).

Repare-se, desta vez, no final *aima*, do nome *Shacaima*, desse **Sumé** jibaro, e aproxime-se dos de **Makunaima**, o deus das petrographias da *Guyana* e de **Makenaima-Moo-moo** (o filho de Deus) dos mesmos pictogravados, ao **Sapé**, pode dizer-se, da região cisandina submittida desde tempos immemoriaes, até a actualidade, á influencia dos jibaros, que nos ligam aos **Karaibas** do norte da America do sul e outros aos **Aranaques** do norte do Amazonas,

to do raio atmospherico, na região cisandina dos **Calchaqui do Chaco**, tambem com feições agrarias, como saliesta J. B. Ambrosetti no seu trabalho sobre as antiguidades calchaquis e a archeologia desta região, (21) galgando tambem os **Andes**, impondo-se no **Planalto Thiahnaquenho** e descendo pela outra vertente, já incaica, até formar parte do pantheismo peruano, tolerado pelos Incas e tendo oratorios e sacrificios sangrentos, em homenagem ao deus agrario, **Catequil**, creação calchaqui e paransonando com o **Pachacamac** peruano, de origem aymara e tiahnaquenha, como, por sua vez este ultimo, vae ligado á personagem de **Tonápa**, ou **Tunápa**, ou ao famigerado **Tumára**, suspeitado parente philológico do **Tupa**, ou **Tupana**, das petrographias da **Cachoeira de Araracoára**, nas **Guyanas** e, portanto, visinho do **Sumé** da fóz Amazonica e dos deuses **Makumaima** e **Makenaima**, a l'O. e de **Shacaima**, o **Sumé jibaro**, na mesma orientação até o cimo da Cordilheira.

D'ahi, o olhar divino de todas essas personagens, mysthicamente agrarias, poderiam lobrigar ainda mais por N. O. as aguas do rio **Sumé** e **Sumilla**, não menos philológicamente ligados, nas suas denominações, ao nome do **Sumé**. brasilico e, talvez ao **Chuqilla** calchaqui, da Trindade tambem Calchaqui, do mytho de **Catequil**.

Reunidos todos esses seres divinaes no apice do infernal **Tungarahúa**, a maneira de paraiso olympico, desse panthão sul-americano, que começamos a conhecer, talvez pretendiam lobrigar ao longe, de volta da India, na informação do Padre Nobrega, aquelle **Sumé** brasilico que prometteu reintegrar-se aos seus, trazendo-lhes, quiçá a chave do mysterio que a todas essas divindades envolve, acompanhada de credenciaes **Sumerianas**, originarias do Golpho Persico ou esteiadas em mythologias védicas ou em

(21) — Bolet. del Inst. Geogr. argent. — 1897 — Vol. XVIII — abril-junho.

heterodoxias zoroastrianas; talvez, durante essa olympica espera, appareça **Sumé**, pelas bandas maritimas do S. O. do contineste austral americano, na jangada que se perdeu, com **Tumára**, no Lago de Titicaca, sumindo-se em qualquer alteroso sumidouro desse mediterraneo andino, para surgir em aguas mesopotamicas dos reinos de **Accad** e de **Sumé**, para, d'ahi partindo, chegar de novo ás terras sul-americanas, depois de visitar as ruinas sumerianas da Ilha da Paschoa, fronteira á costa do Pacifico e até onde se espelham, quiçá, nas aguas poly-nésicas os alterosos cumes andinos, onde as ruinas de **Tiahuanuco**, guardam segredos das religiões pre-historicas do costinente austral da America.

Talvez! Quiçá! Pode ser!, são as trez palavras kabalisticas que o archeologo, o ethnologo e o philólogo das pesquisas sul-americanas, acha na sua frente, no estado actual das sciencias pre-historicas destas terras, mas, com uma feição de restauração bem diversa daquella outra trilogia de nomes que pronunciaram, com as ameçadoras palavras **Mane**, **Tezel**, **Fares**, o aniquilamesto babylonico de **Nabuv-el-Nazar**, o **Nabuccodonosor** das lendas e da historia, rodeado de **Magos**, na feição dos brasilicos **Mairs** e **Karaibas** e, até, **Pagés**, que não passam de ser decadentes descendentes dos que no imperio babylonico praticavam a **Magia-negra**, á sombra dos restos da **Torre de Babel** ou da confusão.

E' numa confusão parecida que ainda se acha na prehistoria sul americana e, particularmente na brasileira.

"A proposito de Babel; — escreve o engenheiro João Pelleschi — os indios **Vielas** para dizer "fala" uzam a voz **M'babelon**" (22).

Essa observação do illustre autor do trabalho sobre os **Indios Matracas** e sua lingua, que são chaquenhos e vizinhos das **Vielas** é integrante ao pri-

meiro grão; porque o termo M'ba, sem que possa caber a menor duvida, significa, males collectivos; desordem; confusão; briga; batalha, guerra etc. etc.

Assim o termo M'babelon, applicado á "Falla", quer dizer, pura e simplesmente: **Confusão babilonica.**

Não é aqui o lugar de seguir a pista desse mysterioso e surprehendente vocabulo; isso, me fica, para estudos de maior envergadura do que o presente.

Vou reatar este, no ponto em que o deixei para esta, digressão, agora terminada.

Os missionarios francezes estabelecidos nos cénobios do Maranhão, durante parte do século XVII, segundo nos conta um delles, o chronista Yves d'Evreux, inspiraram-se n'um novo **São Thomé**, como substituto do mysthico **Sumé** brasilico; foi elle, **São Bartholomeu.**

Conversáva o chronista com um natural da terra, sobre certas photographias maranhenses, representando, ao que parece, divindades indigenas pre-historicas, (23) cujas virtudes o indigena gabáva referindo-se, ao mesmo tempo á personagem de **Sumé.**

Então, escreve Yves d'Evreux: "Soccorrendo-me

(23) — E' opportuno lembrar neste lugar como o culto dos rochedos, das pénédias e das alterosas montanhas, commum á maioria dos cultos a incipencia prehistorica destes, se liga aos mythos calchaquis, tupis, karaibas e gyaunos, aos quaes me referi ha pouco no texto deste trabalho, bem como ás ceremonias e sacrificios sanguinolentos inherentes ao culto das pedras e dos penhascos, tendo como lembrança biblica, no povo escolhido por *Deus*, o *Israelita* ou *Judeu* o sacrificio do proprio filho por parte do Patriarcha *Abrahão*, sobre aquella pira emblematica, que lembra os religiosos *Mounds*, do *Mississipi* e as pyramides templarias truncadas do *Mexico* e do *Peru'*, de cujas construcções é a mais significativa, no Brazil, a collina artificial do *Pacoval*, na *Ilha de Marajó*.

da imagem de **São Bartholomeu**, (24) fiz que a contemplasse, dizendo-lhe: "Olha; aqui tens esse grande **Marata** (25) que veio para a tua terra e do qual tanto gabas as maravilhas que fez e cuja memoria todos vós recebestes pela tradição dos que conheciam seus paes.

Foi elle que mandou gravar essa Rocha, esse Altar e as Imagens e as Inscricções que ainda lá estão..." (26)

O pranteado Alfredo de Carvalho commentando esse tópico, explica que: "O missionario procurava assim explicar a um acolyto indigena a pretensa identidade entre **São Bartholomeu** e o **Sumé** da lenda tupi, a exemplo do que costumavam fazer os jesuitas em relação a **São Thomé**". (27)

Em outros lugares do litoral atlantico do Brasil, as mais modernas confidencias allusivas ás pégadas de **Sumé** e, ao depois, attribuidas a **São Thomé** e, talvez, tambem, a **São Bartholomeu**, são nessas outras paragens consideradas, como as pégadas de **São George** e d'um cachorrinho deste, que o acompanhava nas suas peregrinações.

E' isso que nos conta o pastor methodista Daniel P. Kidder, referindo-se a uma estadia que elle fez na ilha de Itamaracá ao N. de Pernambuco e a um passeio que elle fez, em companhia de um rapazola, pelas praias da paradisiaca insula. (28)

(24) — Saint Barthelemy, na expressão franceza.

(25) — Indubitavelmente, uma corruptela do termo composto, tupi-guarani; *Mair-a-tá*, ou *ta*, ou *tan*...

(26) "*Voyage dans le Nord du Bresil fait durant les années 1613 et 1614*" — Paris — Leipzig — 1864 — (pag. 338 — notas, pag. 448-451).

(27) — "*Prehistoria Sul Americana*", — Rev. do Inst. Arch. Pernamb. — vol. XIV — 1912 — ns. 70-78 — pag. 192.

(28) — A maior parte dos autores traduz servilmente, e literalmente, o nome Itamaracá, e, entre elles Regueira Costa, por Maracá da pedra ou seja, Chocalho petreo o que absolutamente não offerece sentido, porque o Maracá foi sempre, uma instrumento prehistoricamente de

“Durante o passeio, — escreve elle, — o rapaz, meu companheiro, informou-me d'uma tradição popular, que lhe haviam ensinado a acreditar. Era que **São Jorge**, visitára outr'ora a ilha, deixando péga-das numa carreira de rochas proxima á praia. Subu-nha-se que ao santo acompanhára um cachorrinho, cujo rasto tambem ficou. Passámos pelas rochas, mas o meu guia não foi capaz de achar as maravi-lhosas impressões, com quanto affirma-se tê-las visto anteriormente.” (29)

Como já disse, mais acima, tudo faz acreditar em que o **Sumé** brasilico, aliás como os seus conge-neres sul-americanos, é a personificação da sapien-cia encarnada num corpo humano e tendo alma ou espirito divino, em homenagem agradecida dos que aproveitaram as suas descobertas, na Natureza legá-ram-n'as á Humanidade.

Pesquizas pacientes e absolutamente alheias a

tecidos de totora, como os que o insigne Max-Uhle achou entre Arica e Tacna, no contestado chileno peruano; ou de cabaca, entre os tupis-guaranis ou de metaes ricos entre alguns trasandinos: ao Sino, os tupis-guaranis, chamávam *Itamaracá*, mas esta denominação é anterior ao conheci-mento que elles tiveram da campana. Acredito em que é preciso ver nesse termo a traducção para o vernaculo de uma entidade *Mair* e que a versão deve ser Pedra da Che-fatura ou da Governanca, ou Capitalidade da Pedra, da Ro-cha ou da Penedia; de *Itá* (pedra); *Mair* (personagem principal) *acã*, contracção de *acãnga*, (cabeça): o que tudo viria a significar Governo, Capitania, Chefatura, do Prin-cipal dos Rochedos ou da Rocha, ou das Pedras. O termo, não allude evidentemente á Capitania da doação de Duarte Coelho mas com esta confunde na mesma topographia. O lugar, de resto, é eminentemente estrategico e prazen-teiro, ao mesmo tempo, para uma dessas residencias de re-creio, como a que o Inca Atalmalpa, tinha perto de *Cava-marca* — (Chefatura da cerca, ou *caicara*, na minha ety-mologia, deduzida como a de Itamaracá) e, como aquella outra do rio das Amazonas, que Orellana, achou na sua descida fluvial e onde elle achou tão esplendidas cerami-cas que a chronica deteve a sua penna para a estas se re-ferir.

(29) — Obr. cit. — Loc. cit. pag. 109.

partidarismos de teorias sobre as origens americanas, levaram-me, desprevenidamente, a achar um avoengo industano e védico, na personalidade deifica do **Soma**.

A citação allemã que transcrevi no começo do presente trabalho, foi o fio conductor, que a ethnologia tudesca recommenda procurar em casos taes e, no caso, a referencia do Golpho de Ceylão (o **Célon da Cópia**) foi como que o **Sesamo** que me abriu a fresta etymologica que agora vou tratar de alargar.

“**Soma**, — escreve Max Muller, (30) com todo o pêsso da sua autoridade no assumpto, — é denominado, o **Rei do Mundo**, o **Rei do Céu e da Terra**, o **Vencedor de Todos**.”

Soma, de facto, foi uma divindade védica, confundindo-se com a **Suprema** de todas as outras divindades, um dos deuses principaes, pelo menos, dos que desfilam nos textos do **Rig-Véda** ou livro santo dos **Brahmanes**.

A minha deducção, para melhor ser apreciada, acceita ou regeitada, precisa de certos esclarecimentos; quem trabalha nesta natureza de assumptos, acompanhado de penosas leituras, mastigando, por assim dizer, os textos que lê, esmiuçando-os, passando-os pelas mais apertadas peneiras, commungando com os autores, chega a adquirir convicções ou, suspeitas, no caso de maior prudencia, que o leitor das nossas deducções, mesmo provisórias e sujeitas a expurgo, mesmo quando elle é pessoa preparada para a especialidade, não pode de todo aquilatar e, d'ahi, certas criticas aprezadas e, ás vezes menos piedosas, como aquellas, nem sempre justificadas que soffreram o licenciado espanhol, Montesinos; o padre francez Brasseur de Bourbons e, hodiernamente, o sul-americano, tenente de engenheiros, Arthur Posnansky. Se Montesinos cahiu sob os imerecidos sarcasmos de A. Castains e se, Brasseur

(30) — “*Essais sur l'Histoire des Religions*” — Paris, pag. 37.

de Bourbourg foi achincalhado por todos os ethnologos, seus contemporaneos, excepto por Max-Muller. Posnansky, por sua vez, acaba de ser anathematizado pelo eminente e malhumorado Ainsworth Means, que termina a sua excommunhão dizendo que toda civilisação teve o seu berço na Asia e que não nos devemos mais occupar de procurar essas origens americanas.

Procurar systematica e prevenidamente é uma cousa; achar é outra e, aproveitar a felicidade de uma achéga, não pode motivar semelhantes excommunhões. Sem receio da humildade que me possa caber, no presente caso, eis-me em pleno Industão védico, ahí atirado pelas circumstancias e disposto a fazer de Robinson Crusoe, na Ilha de Cevlão a per-lustrar horizontes hymalaios até ser salvo, inopinadamente, como o naufrago das Ilhas de João Fernandes, que jamais teve em pleno Pacifico a ideia de se fazer passar por qualquer Sumé, perdido na Ilha da Paschoa, perante o seu unico companheiro, de nelle tisnada, como talvez fosse o do Zomé do Padre Nóbrega .

Isto posto, direi, que tambem na India antiga e actual, é conhecida entre os **Brahmanes**, com o nome de **Soma**, certa beberagem, especie de **Caui** brasilico, de **Chicha** peruana e de **Aloja** chaquenha, mas sem os caracteres vulgares que hoje têm estas e, pelo contrario, bebida divina, nectar e ambrosia digna dos deuses.

Sempre foi difficil obter essa sacrosanta **Soma**, avarentamente reservada, pelos **Brahmanes**, para os mais dignos de experimental-a, dentro d'um certo e exigente ritual.

Hang, porem, celebrisado orientalista allemão, autoridade em assumptos das primitivas religiões industanicas e professor de sanscrito na Universidade de Bombay, com certos artificios, conseguiu um pouco de **Soma** e lhe foi possivel experimentar essa

beberagem, tudo o que elle refere no seu livro intitulado: "Ataraya Brahmana do Rig-Véda" (31).

Max Muller elogiando esta obra refere-se á experiencia de Hang, com a mysteriosa beberagem.

"Foi, até permittido ao nosso autor, — escreve Max Muller, — experimentar a sagrada bebida, **Soma**, que fornece a saúde, a riqueza, a sabedoria, a inspiração e a immortalidade aos que a recebem das mãos de um sacerdote, procreado numa segunda gestação e nascimento. Mas, o autor, depois de nos fornecer a receita dessa beberagem, não nos disse mais nada a respeito." (32)

No caso vertente, porem, a noticia de Max Muller, já nos diz bastante a respeito da immortalidade divina que ganham os que experimentam a **Soma** em certas condições rituaes.

A dependencia desse acto de consumir a **Soma**, sob aspectos sacramentaes e com a immortalidade deifica que esse feito procura, accentua-se pela leitura da seguinte informação de Max Muller, tirada de Hangh.

"O succo da planta, — escreve este, — hoje empregada em Ponnah, para preparar a beberagem sagrada, é de côr esbranquiçada e d'um gosto azedo e amargo, mas não mofado. (33) Essa bebida, é muito desagradavel e produz uma especie de embriaguez. Experimentei-a por diversas vezes mas foi-me impossivel engulir senão algumas colheradazinhas." (34)

O **Soma**, nectar védico, parece ter alguma correlação theocratica com a personalidade divinizada que figura entre os **Dévas** do Rig-Véda, com o mesmo nome de **Soma**. (35)

(31) — Bombay — 1863.

(32) — Obr. cit. — pag. 153.

(33) — "Sur", na expressão franceza.

(34) — Max Muller — Obr. cit. — pag. 153.

(35) — "La Civilisation precolombina de los Andes" — Bolet. de la Soc. Ecuat. de Est. Hist. americ. — 1919 — n. 9 — pag. 233.

Parecida relação transparece no Peru' incasco, através da seguinte informação de Ainsworth Means, que escreve: "...sabemos que elles uzavam, desde os mais remotos tempos, as bebidas alcoolicas. Destas, a principal, foi a Akha, hoje denominada **Chicha**. Houve, assim mesmo, outra bebida espirituosa chamada **Sora**, — (cuja afinidade com o termo **Soma**, não deixa de ser apreciavel), — e, esta ficou reservada para uso exclusivo da classe elevada. Na confecção de ambas bebidas usou-se de um processo simples e primitivo."

Esses processos não se afastavam muito, algumas vezes, dos que as mulheres brasilicas empregavam para o preparo do **Cauin**, que em certos casos têm feições de libação religiosa. se bem que com o correr do tempo e a sêde ao pote dos selvagens elle acaba por ser agente de descommunaes bebedeiras, como as dos vulgos modernos, sob pretextos de **Christmas**, de **Reveillon**, de **Paschoas floridas**, de retorno de **Pie di grotta**, em Napoles, do **Rocio**, em Sevilha, ou de la **Toussant** parisiense e das feiras desta data.

Para melhor salientar a ligação mysteriosa e mythica, entre a planta denominada **Soma**, o nectar divino que ella produz e que leva o mesmo nome e a homonyma personagem immortal e deifica, tambem me auxiliarei da palavra escripta de Max Muller, quando este faz a analyse de um trecho da obra do sabio allemão Spiegel que estabelece um paralelo de parecença entre o **Jardim do Eden** ou **Paraiso terrestre** e o das **Zoroastrianos**, que é bom não esquecer, no chaos das Religiões industanicas, nada tem que vêr com os **Brahmanes**, como os **Védas** pouco tem de commum com as paginas do **Avesta-Zend**, (36).

"Chegamos agora, — escreve Max Muller — ás duas arvores do **Jardim do Eden**, a arvore da scien-

(36) — Esta é a feição correcta e classica dessa expressão e não a vulgar de "Zend-Avesta".

cia e a arvore da vida. Windigchmann demonstrou, que os **Iranianos** tambem, conheciam duas arvores, uma chamada **Gaokerena**, produzindo o **Haoma** (37) branco, o astro, denomniado a **Arvore sem dôres**.

“Dizem-nos, — continua Max Muller, — que essas duas arvores são identicas á figueira d’onde os Indús, segundo affirmam, acreditavam como origens do mundo. Ora, os Indus, jamais acreditavam em semelhante cousa e, ao depois, existe a mesma diversidade entre uma arvore e, duas arvores, que entre o Norte e o Sul. Confessamos que, a menos que nos sejam dadas informações mais completas, sobre essas duas arvores dos **Iranianos**, parece-nos difficil achar um termo de comparação, entre a **Arvore da sciencia do Bem e do Mal** e a **Arvore sem dôres**.

“Admittiriamos, — ajunta o autor, — antes a approximação entre a **Arvore da Vida** e a que produz o **Haoma** branco, pela mesma razão que o **Soma** indico, foi considerado como agente de immortalidade a favor dos que lhe bebiam o succo. Encaramos, tambem, como merecedora de estudo, a approximação entre os **Guardiães do Soma**, no **Véda** e no **Avesta**, com os **Querubins**, collocados á porta do **Eden** para atalaiar o caminho que leváva até a **Arvore da Vida**, e, seria interessante de ver, confirmar-se ou rejeitar-se, as etymologias que attribuem uma derivação commum aos termos **Querubins** e **Gryphões**, com o de **Seraphins** e com o sanscrito **Sarpa**, ou seja, **Serpente**.” (38)

Em outro topico, ainda explica Max Muller; “Si o **Iasna** disse, que **Zoroastro** recebeu em certo dia, a visita de **Homa**, que lhe appareceu na feição de um corpo brilhante e sobrenatural, nenhum dogma — (do **Avesta-Zend**) — define a natureza exacta do **Homa**: Lê-se, alhures, que **Homa** foi adorado,

(37) — Max Muller, escreve indifferentemente, *Homa* e *Haoma*.

(38) — Obr. cit. — pag. 218-219.

por certos homens prudentes dos tempos idos, Vivavhat, Athwga e Thrita a quem elle recompensou fazendo-os paes de insignes heroes. O quarto que prestou culto a **Homa**, foi **Pourushaspa**, (39) que foi recompensado, tornando-o filho **Zoroastro**."

Seguidamente, conclue Max Muller: "Ora, o facto é, que o **Homa** é identico ao **Soma** sanscrito, essa planta tão ameudo citada no **Rig-Vêda**, da qual se fazia uzo nos grandes sacrificios que mais tarde, foi elevada á cathegoria d'uma divindade." (40)

De forma que, segundo quanto fica exposto, **Homa**, nome d'uma divindade corpórea, que apparece sob brilhantes e sobrenaturaes feições, dá o seu nome á planta arvoreca que lhe é dedicada. — como a oliveira á **Athena** e á **Minerva**, das **Hellenas** e dos Romanos, — é que é identica ao **Soma**, cujo sumo, devidamente preparado e experimentado, dava a propria seiva de Immortalidade a quem a bebia dentro de certos rituaes precisos e, por tal forma, essa Immortalidade se desprendia da beberagem preparada com o succo da arvore, que este chegou por sua vez a adquirir personalidade divina e deifica, identificando-se com **Soma**, a personagem sagrada igual a **Haoma**, ou a **Homa**, sendo como que o sangue destas trez personagens, que dá a "**Saude, a Sabedoria, a riqueza, a inspiração e a immortalidade**", aos que a bebem.

Sem que, nada de preciso possa ser deduzido de quanto acabo de extractar e de resumir, não é menos certo que uma luz parece bruxolear atravez das folhagens do **Homa** e do **Soma**, que condiz com a **Sabedoria, a Inspiração, a Riqueza e a Immortalidade** que aureolam a personalidade do **Zemi haytiano**, do **Sumé brasilico e tupi** e do **Payzumé paraguayoy e Guarani**.

(39) — Aproxime-se, apenas por mera curiosidade, esse nome, dos de *Sapa-inca* e *Sapa-phurna*, ou *phérna*, dos soberanos *Incas*.

(40) — Obr. cit.: pag. 247-248.

Pela mesma forma que **Homa**, se apresentou aos seus fiéis promettendo-lhes venturas, apparece **Sumé**, como a Providencia dos indigenas, procurando-lhes o pão de cada dia e, provavelmente, outras receitas moraes e materiaes, lhe valeram o lendario respeito e acatamento de que gozou.

Parece-me, pois e, apenas de maneira provisoria, poder ligar de preferencia, o nome de **Sumé**, ao da planta, ao do sumo desta, ao da beberagem que com este se faz e ao deus em honra do qual com ella se faziam as libações, sob a denominação unica e commum de **Soma**, do que ao **Zemi** de Southey que está a exigir a propria etymologia e, menos ainda do que ao exdruxulo **Noé** de Candido Mendes de Almeida, que a melhores deducções soube nos habituar nos seus primorosos trabalhos historicos.

Apenas a titulo subsidiario e como achéga, ao lado, para outras pesquisas em volta da etymologia do nome de **Sumé**, não desejo esquecer certa informação de Max Muller, quando este se occupa do polytheismo védico e das denominações dos respectivos deuses.

"A **Lua**, — escreve elle, — não fôra esquecida, porque, ainda que ella seja raramente designada sob o seu appellativo commum de **Kandra**, dirigiam-lhe homenagens sob o nome de **Soma** e, cada uma das suas quatro phases recebeu denominação especial." (41).

Tambem é bom lembrar, que, sob a fé de Raphael Karsten, a **Lua** era personagem masculina, como o **Sol**, entre os **Jibaros** habitantes do Oriente equatoriano, intimamente ligados, desde tempos im-

(41) — Ibid. — pag. 324 — O termo *Sona*, na falla dos indios *Colorados*, em terras da actual Republica do Equador, tem o significado de *Mulher*, mas parece que aquelle vocabulo é corruptela da palavra *China*, que em idioma *Kechua*, se traduz tambem por *mulher*. (Otto von Buschwald — Bolet. de la Soc. Ecuat. de Est. Hist. Americ. — 1918 — n. 3 — pag. 245).

memoriaes, aos indigenas do Alto Amazonas e do Alto Orenoco.

Qualquer que seja o exito das minhas actuaes e provisórias conclusões a respeito da etymologia do nome de **Sumé**, tupi-guarani, tanto essa denominação, como as do industanico **Soma**, que põe de accordo, nesse assumpto, os **Divas**, ou deuses do **Véda**, com os **Daêvas** heterodócos do **Avesta-Zend**, giram em pleno nantheismo, com o mesmo respeito, para **Homa** e **Soma**, por parte dos **Brahmanes** e dos **Parsas** industanicos, como o brasílico **Sumé**, no espirito sempre assombrado dos indigenas e aborigenes do Brasil.

Faltar-me-ia, para melhor completar estas notas despretenciosas, dizer o que até agora sei sobre os **Sumerios** da Ilha da Paschoa, no Oceano Pacifico, defrontando os litoraes chileno-peruanos, que já mereceram estudos sythematicos e cujo avoengo, Ainsworth Means considera desprezível para resolução do problema ou a equação da Prehistoria Sul-americana.

Tambem não direi o que já averigui em torno da etymologia do nome de **Sumé**, na relação que elle possa ter, pelo intermedio geographico da referida ilha do Pacifico, provavelmente, com os povos de **Sumé** e de **Accad** que constituiram poderosa monarchia asiatica debruçando-se, com os **Sumerios**, sobre as aguas do Golpho Persico e, a cujo povo **Sumeriano** cabem as mais honrosas referencias de sabedoria, intelligencia e de civilisação.

Como que elles foram, nem mais nem menos, do que os inventores da **Escreptura-Cuneiforme**.

E, ahí apparece a primeira e enorme interrogativa.

Se os **Sumerianos**, algum dia, aportaram ás plagas sul-americanas, como se explicaria que elles, no exodo, tivessem esquecido a escriptura de que foram autores?

Como se explicaria que nem a mais ligeira sombra dos caracteres cuneiformes chegasse a tisanar

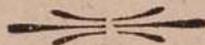


uma pagina aymara, Kechma, incaica, equatoriana, fuegina, chaquenha, chimu, nazquenha, tucumana, karaiba, mexicana, maya, ... e que apenas os **Quipas** peruanos, ao Sul, e os hieroglyphos do **Popol-Vul**, mexicano, representem toda a expressão graphica da palavra, entre os aborigenes e os indigenas americanos, amem das petrogravuras, incisões e pinturas emblematicas dos rochedos, por toda America, em tempos muito longinquos?

Ainda não sei e, provavelmente, jamais saberei e talvez o mundo não conhecerá facilmente a explicação desse mysterio.

Contentei-me com circumscrever o meu tributo para as páginas desta gloriosa **Revista** ministrando e divulgando, os conhecimentos que tenho sobre a personalidade brasilica e o mytho patricio de **Sumé**.

A. Morales de los Rios.



Actas das sessões

Sessão ordinaria de 14 de Março de 1912

Presidencia do Snr. Dezebargador Francisco Luiz

A's tres horas da tarde, presentes os Snrs. Dezebargador Francisco Luiz, Guedes Alcoforado, Vitalino Lins, Bianor de Medeiros, Regueira Costa, Coronel Cruz Ribeiro, 1.º e 2.º secretarios *ad-hoc* nomeados, e Dezebargador Primitivo de Miranda Sousa Gomes, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente, foi approvada.

O snr. secretario mencionou o seguinte expediente:

Um telegramma do Exmo. Snr. Dr. Diegues Junior, presidente do Instituto Archeologico Alagoano, felicitando ao de Pernambuco pela sua reorganisação, Inteirado, e que se agradeça por officio.

Um officio do ex-thesoureiro Coronel Luiz Pereira de O. Faria, communicando ter passado a thesouraria do Instituto ao seu substituto legal, o Snr. João W. de Medeiros e remettendo as suas contas referentes ao periodo de 1 de Setembro de 1911 a 12 de Março corrente, Inteirado, e que fossem as contas remetidas á commissão de fundos e orçamentos para dar parecer.

Um dito do Exmo. Snr. Dezembargador Primitivo de Miranda Souza Gomes, de 12 do corrente, agradecendo a sua eleição de socio effectivo. — Inteirado.

Um dito do Exmo. presidente do Senado do Estado, de 5 do corrente, convidando o Instituto a se fazer representar na solennidade da abertura do Congresso do Estado, no dia 6. Por ter chegado tarde o convite, não poudo o Instituto se fazer representar.

Um dito do Exmo. Snr. Conde Affonso Celso, communicando a sua eleição e posse no cargo de presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Inteirado e que se agradeça a communicação por officio.

Dous ditos, um do Exmo. Secretario Geral do Estado e outro do 1.º Secretario da Sociedade do Lyceu dos Artistas Mechanicos e Liberaes agradecendo ambos a remessa da relação da actual directoria e das commissões do Instituto. — Inteirado.

Offertas:

Pelo Instituto H. e Geographico de S. Paulo, um volume de sua Revista.

Pelo autor, o Senr. Norberto Jorge, um folheto intitulado **Uma campanha Social**.

Pelo Sr. Karls Hiersemaro um **Catalogo** de livros.

Pelas redações, alguns jornaes.

Mandou-se archivar e agradecer as offerlas.

Após a leitura do expediente o Snr. Presidente saudou o Snr. Dezembargador Souza Gomes pela sua admissão no seio do Instituto, agradecendo o mesmo consocio a distincção com que fôra honrado e promettendo trabalhar pelo progresso de tão benemerita Associação.

O Snr. Dr. Bianor de Medeiros apresentou, e o Instituto approvou, a relação das sociedades e cavalleiros a quem, de accordo com o que fôra resolvido na sessão antecedente, deviam ser remettidas as me-

dalhas mandadas cunhar pelo mesmo Instituto, para commemorar o 50.º anniversario de sua fundação.

Foram autorizadas as despezas a fazer-se com a remessa das referidas medalhas aos seus destinatarios.

O Snr. Dr. Guedes Alcoforado, allegando motivos de ordem superior, apresentou á casa a sua renuncia ao lugar de 1.º vice-presidente, declarando que assim procedia não porque quizesse recusar os seus serviços ao Instituto, ao qual continuaria a prestal-os como simples socio, mas por seus affazeres no cargo que exerce e que não lhe permittem comparecer ao Instituto com a assiduidade indispensavel a um membro da mèsã.

Para deliberar sobre o assumpto, o Snr. Presidente convocou uma sessão de assembléa geral para as 3 horas da tarde da proxima quinta feira, 21 do corrente.

Nada mais havendo a tratar-se, foi levantada a sessão. — **Francisco Luiz Correia de Andrade**, presidente; **Pedro Celso Uchôa Cavalcanti**, 1.º secretario; **João Vicente da Silva Costa**, 2.º secretario.

Sessão de Assembleia Geral (1.ª convocação) em 26 de Março de 1912

Presidencia do Exmo. Dezor. F. Luiz

A's tres horas da tarde presentes os Snrs. Dezembargador Francisco Luiz, Dr. Bianor de Medeiros, General Apolinario Maranhão, Pedro Correia, João Vicente, Regueira Costa, e Guedes Alcoforado, deixou de realizar-se a sessão, por não ter comparecido numero legal de socios, designando o Snr. Presidente as tres horas da tarde do dia 28 do corrente para a nova reunião.

Sessão de Assembléa Geral em 28 de Março de 1912
Presidência do Snr. Dezor. F. Luiz

Às tres horas da tarde presentes os Snrs. Drs. Dezor. F. Luiz, Pedro Celso, 1.º secretario, João Vicente, substituindo o 2.º, Regueira Costa, Bianor de Medeiros, Henrique Capitolino, Dezor. Primitivo de Miranda e Coronel Cruz Ribeiro, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Snr. 1.º secretario mencionou:

Um officio da Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco, accusando a recepção e agradecendo a relação dos membros da Directoria e das commissões do Instituto do corrente anno. — Inteirado.

Offertas:

Pelo autor, o Snr. M. E. Gomes de Carvalho, um volume **Subsidios para a Historia do Brazil. Os Deputados Brasileiros nas cortes geraes de 1821.**

Pela redacção, um vol. da **Revista Maritima Brasileira.** Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, um exemplar do seu **Boletim.**

Pelo Snr. Ludisig Rosenthal um **Catalogo de livros.**

Pelas redacções, dous numeros das revistas **El Sendero Theosofico,** e **O Mez,** esta publicada em Timbauba.

Pela secretaria de Fomento, Colonizacion e Industria, um vol. **Parergones** do Instituto Geologico do Mexico.

Pela sociedade de Geographia de la Paz, um vol. do seu **Boletim.**

Pela sociedade de Geographia de Lisboa, um exemplar do seu **Boletim.**

Pela União dos Syndicatos Agricolas de Pernambuco um numero do **Boletim Agricola de Pernambuco.**

Pela secretaria da Camara dos Snrs. Deputados

do Estado de Pernambuco, dois volumes: **Synopsis dos Trabalhos de 1911**, outro: **Annaes da Camara dos Deputados do Estado de Pernambuco Sessão Extraordinaria da 1.^a legislatura. 1911.**

Pelas Redacções, alguns jornaes.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Finda a leitura do expediente, o Snr. Presidente declarou que havia convocado a Assembléa Geral para a eleição do 1.^o vice-presidente do Instituto, lugar vago pela renuncia do Dr. Guedes Alcoforado.

Correndo o exscrutinio secreto, foi eleito para esse cargo o Dr. João Baptista Regueira Costa, que em breves palavras agradeceu a honra com que fôra distinguido pelo Instituto.

Em seguida e por proposta da mesa, approvada pela Assembléa, foi elevado a benemerito o socio effectivo Dr. José de Moraes Guedes Alcoforado, em attenção aos relevantes serviços por elle prestados para a reorganisação do Instituto.

O Dr. Bianor de Medeiros communica que o Estado de Pernambuco fôra designado para séde da reunião em Setembro do 4.^o Congresso de Geographia e devendo o Instituto, como unica sociedade geographica aqui existente tomar a iniciativa desse patriotico tentamen, pede ao Snr. presidente que nomeie uma commissão de cinco membros para entender-se a respeito com o Exmo. Snr. General Governador do Estado, solicitando-lhe não só a designação do local para a reunião do referido Congresso, como a autorisação das despezas a fazer-se por conta do Estado para aquelle utilissimo fim.

Attendendo a essa solicitação, o Snr. Presidente nomeia uma commissão composta dos Drs. Bianor de Medeiros, Feliciano Motta, Dezor. Primitivo de Miranda, Regueira Costa e Pedro Celso; ficando tambem a cargo da mesma commissão a escolha dos objectos de maior importancia historico-geographicos e existentes na bibliotheca archivo e mu-

zeu do Instituto e que devem figurar naquelle congresso.

O Snr. Dr. Pedro Celso pediu e o Instituto attendeu que se nomeassem commissões a fim de solicitar dos Governos do Estado e da União o pagamento das subvenções em atraso concedidas ao Instituto, nomeando o Snr. Presidente para a primeira d'aquellas commissões, os Drs. Pedro Celso, João Vicente e o thesoureiro Walfrido de Medeiros; para a segunda os Drs. José Marianno, Lourenço de Sá e Manoel Cicero.

O Dr. Regueira Costa, como secretario perpetuo da Academia Pernambucana de Lettras, pediu e o Instituto concedeu a necessaria licença para que continuasse a Academia a funcionar, como d'antes, no mesmo predio em que tiver o Instituto a sua séde.

Sob proposta do mesmo consocio deliberou a Assembléa Geral considerar sem effeito a resolução tomada em sessão de 28 de Julho de 1911 (sessão ordinaria) com relação ás actas lavradas de 12 de Fevereiro de 1910 a 12 de Janeiro de 1911.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

F. Luiz Correia de Andrade, presidente; **Pedro Celso Uchôa Cavalcanti**, 1.º secretario;; **Manuel de Carvalho S. Brandão**, 2.º secretario.

Sessão ordinaria de 11 de Abril de 1912

Presidencia do Exmo. Senr. Dezor. **F. Luiz**

A.s tres horas da tarde presentes os Senrs. Dezebargador **F. Luiz**, Drs. **Regueira Costa**, **Bianor de Medeiros** e **Dezebargador Primitivo de Miranda**, deixou de funcionar o Instituto por não ter comparecido numero legal de socios.

Sessão ordinaria de 18 de Abril de 1912

Presidencia do Exmo. Snr. Dezor. F. Luiz

A's tres horas da tarde presentes os Senrs. Dezembargador Francisco Luiz, Drs. Regueira Costa, Pedro Celso, 1.º secretario, Bianor de Medeiros e os Senrs. Soares Brandão, occupando a cadeira do 2.º Secretario e Ambrosio Leite, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente, foi approvada com as seguintes emendas, apresentadas pelo Snr. Dr. Regueira Costa.

1.ª Na parte que trata do congresso de Geographia, diga-se que se reunirá em Setembro de 1913.

2.ª No trecho que se refere á deliberação da Assembléa Geral, considerando sem effeito a resolução tomada em sessão ordinaria com relação ás actas lavradas desde 12 de Fevereiro de 1910, diga-se, até 4 de Maio de 1911, e não como está escripto.

O Sr. 1.º secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro accusando a recepção e agradecendo a relação da actual directoria e das commissões deste Instituto. Inteirado.

Uma circular do Gremio Litterario Parahybano, remettendo a relação dos membros de sua directoria e da commissão fiscal do corrente anno. Mandou-se agradecer.

Offertas:

Pela repartição de Estatistica do Estado de São Paulo, dous volumes do **Anuario Estatistico de ... 1912**. Pelas respectivas redacções dous numeros da **Revista Americana** e um do **Jornal de Medicina de Pernambuco** 16 de Abril de 1912. Pelo Senr. José Joaquim da Costa Maia, por intermedio do consocio Dr. Pereira da Costa, um exemplar da medalha commemorativa do centenario do Dr. Christião Benedicto Ottoni, paladino das estradas de Ferro

do Brasil, nascido na cidade do Serro do Estado de Minas Geraes, a 21 de Maio de 1911. Pelo Snr. Rudolph Hosnisch, um catalogo de livros. Mandou-se archivar e agradecer as offeras.

Após o parecer da Commissão respectiva e correndo escrutinio secreto, foram eleitos socios correspondentes do Instituto o padre Leonardo Mascello e o Dr. Manoel Paulino Cavalcanti os quaes haviam sido propostas anteriormente pelos Drs. Regueira Costa, Pedro Celso e Bianor de Medeiros.

Por ultimo, o Senr. Presidente nomeou uma commissão composta dos Drs. Pedro Celso, Bianor de Medeiros e Dez. Primitivo de Miranda para representar o Instituto no embarque do consocio Dr. José Vicente Meira de Vasconcellos.

E por nada mais haver a tratar-se foi levantada a sessão. **F. Luiz Correia de Andrade**, presidente; **Mario Melo**, 1.º secretario ad-hoc; **Manuel de Carvalho Soares Brandão**, 2.º secretario.

Sessão Ordinaria de 2 de Maio de 1912

Presidencia do Exm^o. Dezor. Francisco Luiz

A' uma hora da tarde presentes os Snrs. Dezor. Francisco Luiz, Drs. Regueira Costa, Vitalino Cordeiro, Mario Melo substituindo o 1.º secretario que não compareceu, Dezor. Primitivo de Miranda, Henrique Capitolino, Leal de Barros e o Snr. Coronel Soares Brandão, occupando a cadeira do 2.º secretario, que tambem não compareceu, abrio-se a sessão.

Lida a acta da antecedente, foi approvada sem impugnação.

O Sr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Uma circular da commissão promotora do 2.º Congresso de Instrucção primaria e secundaria a reunir-se em Setembro, na cidade de Bello Horison-

te, solicitando a adhesion do Instituto ao mesmo congresso, e remettendo-lhe o regulamento dos Congressos Brasileiros de Instrucção primaria e secundaria, e um exemplar do **Boletim** de adhesão e o outro indicando as theses propostas pela commissão organisadora do 2.º congresso Brasileiro a reunir-se em Bello Horizonte. Resolveu o Instituto que se respondesse declarando que opportunamente seria tomado em consideração o objecto da referida circular.

Um officio do Instituto Historico de São Paulo agradecendo a relação dos socios eleitos por aquelle Instituto, para comporem a sua directoria e commissões no anno social de 1912 a 1913. Inteirado.

Offertas:

Pela União dos Syndicatos Agricolas de Pernambuco um volume do seu **Boletim**. Pelas respectivas redacções um numero da **Revista Maritima Brasileira**, outro da **Revista Ordem e Progresso** e alguns jornaes: mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Submettida a discussão a proposta do Dr. Regueira Costa, no sentido de providenciar o Instituto sobre a publicação de sua Revista, resolveu unanimemente a Associação que se pozesse esta em concorrência.

O mesmo dr. Regueira Costa propoz e o Instituto approvou que em vista do estado de completa desordem, em que se achavam os livros da bibliotheca, os manuscriptos do archivo e as preciosidades historicas do mesmo, digo do museu, se nomeassem commissões para relacionar todos esses objectos, afim de organisar-se definitivamente o respectivo catalogo.

Para esse fim, o snr. Presidente nomeou:

Para a bibliotheca: O 1.º e 2.º secretarios Drs. Pedro Celso e Enéas de Lucena.

Para o archivo: Dr. Mario Melo e Tenenté Ambrosio Leite,

Para o museu: Drs. Coelho Leite e Vitalino Cordeiro.

Para a galeria de quadros, retratos e medalhas do Instituto: Drs. Regueira Costa e Bianor de Me-deiros.

O mesmo Sr. Presidente designou o Dr. Mario Melo para dirigir o serviço da organização interna do Instituto, sendo também approved pela casa que se fizessem as despesas necessarias para a regularidade desse serviço e pagamento dos auxiliares do escripturario e das commissões nomeadas.

Por ultimo, o dr. Mario Melo pediu e o Instituto approvou que se consignasse na acta o seguinte:

Que sendo esta a primeira sessão a que assiste, se sente orgulhoso de ver que o Instituto se acha reorganizado, a despeito dos que tramaram a sua ruina, tendo ao mesmo tempo a satisfação de salientar haver sido elle o unico que veio aqui no dia da reunião da supposta Assembléa que esbulhou os nossos direitos trazer o seu protesto em nome de todos, protesto que não foi tomado em consideração "por estar escripto em tiras de papel."

Nada mais havendo a tratar-se, foi levantada a sessão. — **F. Luiz Correia de Andrade**, presidente; **Pedro Celso Uchoa Cavalcanti**, 1.º secretario; **Francisco Alexandrino de Paula Rocha**, 2.º secretario.

Sessão ordinaria de 23 de Maio de 1912

Presidencia do Exmo. Dezor. Francisco Luiz

A uma hora da tarde, presentes os Srs. Drs. Dezor. Francisco Luiz, Regueira Costa, Pedro Celso, 1.º secretario, Dez. Primitivo de Miranda, Henrique Capitolino, Mario Melo, e os Snrs. Coronel Cruz Ribeiro, Ambrosio Leite e professor Paula Rocha, substituindo o 2.º secretario que não compareceu, abriu-se a sessão,

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Instituto Historico e Geographico da Parahyba, agradecendo a relação dos membros da directoria e commissões deste Instituto, que lhe foi remettida. Inteirado. Um dito do Instituto H. e Geographico do Rio Grande do Norte, remettendo a relação dos membros de sua directoria e Commissões do corrente anno social; mandou-se agradecer.

Offertas:

Pela Escola Universitaria Livre de Manaus, um volume intitulado **Archivos**. Pela Sociedade de Geographia de Lisboa, dous numeros do seu **Boletim**. Pelas respectivas redacções, alguns jornaes. Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido e approvado um parecer da commissão de admissão de socios e correndo o escrutinio secreto foi eleito socio correspondente o Dr. Alcebiades Furtado.

Foi tambem lido um parecer da commissão de fundos e orçamentos, concluindo pela approvação das contas apresentadas pelo ex-thesoureiro Coronel Luiz Pereira de Oliveira Faria. Approvado.

De accordo com os Estatutos e sob proposta do consocio Ambrosio Leite, mandou-se consignar na acta um voto de pesar pelo fallecimento do socio correspondente o Revmo. D. Abbade do mosteiro de São Bento da Parahyba Ulrico Sontag.

Por ultimo foi convocada para uma hora da tarde do dia 30 do corrente uma sessão extraordinaria, afim de resolver-se sobre as propostas apresentadas para publicação da **Revista**.

Nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão. **Francisco Luiz Correia de Andrade**, Presidente; **Mario Melo**, 1.º secretario; **Dr Augusto Coelho Leite**, 2.º secretario interino.

Sessão extraordinaria em 30 de Maio de 1912

Presidencia do Exmo. Dezor. Francisco Luiz

A uma hora da tarde, presentes os Snrs. Dezor. Francisco Luiz, Regueira Costa, Vitalino Cordeiro, Mario Melo, substituindo o 1.º secretario, Coelho Leite, Motta e Albuquerque, Malaquias de Queiroz, Bianor de Medeiros, Leal de Barros, e os Snrs. Comendador Barbosa Vianna, Coronel Cruz Ribeiro e Ambrosio Leite, abriu-se a sessão.

O Snr. Dr. Coelho Leite occupando a cadeira do 2.º Secretario, leu a acta da antecedente, que foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou as seguintes offertas: Pelo revmo. padre Leonardo Mascello, que tambem se achava presente, um volume de sua obra intitulada **Foglie al Vento**. Pelo Instituto Historico e G. Parahybano, um n.º de sua **Revista**. Pelas redacções, alguns jornaes.

Pelo consocio Ambrosio Leite, diversas moedas de cobre antigas. Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Snr. Presidente, em nome do Instituto, sauda o Revmo. consocio Padre Leonardo Mascello, pela sua admissão no gremio da associação, declarando que esta muito espera das luzes do referido consocio, para attingir aos seus fins.

O Revmo. Padre Mascello, agradecendo, prometteu auxiliar o Instituto tanto quanto fosse possivel.

Veio á mesa e foi remettida á respectiva commissão para dar parecer uma proposta para socio effectivo.

O Snr. Presidente declarou que o fim da presente sessão extraordinaria é tomar-se conhecimento das propostas apresentadas para a publicação da Revista, pelo que mandou abrir e proceder a leitura das duas que se achavam sobre a mesa, e em seguida no-

meou uma comissão composta dos Drs. Leal de Barros, Mario Melo e Coelho Leite, para na proxima sessão dar parecer sobre as mesmas propostas.

Finalmente o mesmo Snr. Presidente diz que tendo o consocio Dr. Mario Melo se desempenhado perfeitamente da incumbencia que lhe fôra feita de organizar o salão das sessões, cumpria agradecer em nome do Instituto ao referido consocio.

Por proposta do dr. Regueira Costa, resolveu-se que fosse consignado na acta um voto de louvor ao dr. Mario Melo, pelo serviço prestado.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

Em tempo, foi apresentado e lido um cartão do Exmo. consocio conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, agradecendo as saudações que lhe enviou o Instituto no dia do anniversario da lei da abolição.— **João Baptista Regueira Costa**, 1.º vice presidente; **Pedro Celso Uchôa Cavalcanti**, 1.º secretario; **Mario Melo**, 2.º secretario interino.

Sessão ordinaria de 6 de Junho de 1912

Presidencia do snr dr Regueira Costa

A' uma hora da tarde presentes os snrs. Drs. Regueira Costa, Vitalino Cordeiro, Pedro Celso, 1.º secretario, Mario Melo, substituindo o 2.º que não compareceu, Bianor de Medeiros, João Vicente, Feliciano da Motta, commendador Barbosa Vianna, padre Leonardo Mascello, e coronel Eugenio Samico, o snr. presidente declarou aberta a sessão.

Lida a acta da antecedente, foi approvada sem impugnação.

O dr. 1.º secretario mencionou as seguintes offertas:

Pelo consocio revmo. pe. L. Mascello seis moedas de cobre, sendo tres romanas, uma grega, e duas

de origem desconhecida. Pelas respectivas redacções alguns jornaes. Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Fôram apresentadas duas contas da Empreza do **Jornal do Recife**, uma relativa ao edital de concorrência para a publicação da **Revista**, na importância de 36\$000 e outra na de 1:094\$100 pela impressão de 500 exemplares da **Revista** n.º 78. Foi ordenado o pagamento da primeira conta, sendo a segunda remettida á commissão de fundos e orçamentos para dar parecer.

O sr. presidente saudou em breve allocução, depois de declarado empossado, ao novo consocio coronel Eugenio Samico, o qual em eloquente discurso respondeu a saudação promettendo concorrer quanto em si coubesse para o engrandecimento da associação que o recebia no seu seio.

Dada a palavra ao orador, dr. Bianor de Medeiros, este agradeceu em nome do Instituto as referencias honrosas feitas pelo mesmo consocio cel. Samico, de cujos sentimentos se considerava interpretar naquella occasião.

Foi lido e posto em discussão o parecer da commissão especial, nomeada na sessão anterior, afim de pronunciar-se sobre as propostas apresentadas para a publicação da **Revista** do Instituto, concluindo pela acceitação da proposta do snr. I. Nery da Fonseca, por ser a mais vantajosa. Approvada.

Resolveu o Instituto que se lavrasse o respectivo contracto passando a **Revista** a ser publicada trimestralmente, observando-se, com relação aos trabalhos que nella devam ser publicados, o que dispõem os estatutos em vigor.

Foram tomadas outras deliberações sobre o assumpto, ficando o 1.º secretario incumbido de entender-se com a commissão de redacção para que de accordo com a mesa, dê começo a impressão do n.º 79 volume X da **Revista** do Instituto, correspondente ao trimestre de Junho a Agosto.

Lido o parecer da comissão respectiva e correndo o escrutínio secreto, foi eleito socio effectivo do Instituto o dr. João Feliciano da Motta e Albuquerque Filho, retirando-se, por essa occasião, do recinto o dr. Feliciano da Motta.

Foram remettidas á comissão competente tres propostas para socios correspondentes e uma para socio effectivo.

A' mesma comissão resolveu o Instituto devolver uma proposta para socio effectivo afim de que sobre ella seja lavrado o competente parecer.

Nada mais havendo a tratar foi levantada a sessão. **Francisco Luiz Correia de Andrade**, presidente; **Pedro Celso Uchôa Cavalcanti**, 1.º secretario; **Mario Melo**, servindo de 2.º secretario.

Sessão ordinaria em 27 de Junho de 1912

Presidencia do exmo. snr. dezor. **Francisco Luiz**

A' uma hora da tarde presentes os snrs. dezor. **Francisco Luiz**, **Regueira Costa**, **Vitalino Cordeiro**, 1.º e 2.º vice-presidentes, **Pedro Celso**, 1.º Secretario, **Mario Melo**, substituindo o 2.º que não compareceu, dezor. **Primitivo de Miranda**, **Feliciano Motta**, **Henrique Capitolino**, e padre **Leonardo Mascello**, coronel **Cruz Ribeiro** e **Ambrosio Leite**, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente, foi approvada.

O dr. 1.º secretario mencionou o seguinte expediente.

Um officio do dr. **Alcebiades Furtado**, dirigido ao dr. **Regueira Costa**, agradecendo a offerta que, por seu intermedio fizera o Instituto Archeologico ao **Archivo Publico Nacional**, de que é director, de um exemplar da medalha mandada cunhar pelo mesmo Instituto para commemorar a passagem do 50.º anniversario de sua fundação. Inteirado.

Um cartão do consul geral argentino, no Rio de

Janeiro, solicitando a remessa da **Revista** do Instituto para o museu social Argentino de Buenos Ayres, mandou-se satisfazer o pedido.

Um dito do consocio dr. Netto Campello agradecendo a designação de seu nome para dar pezames á familia do consocio dr. José Marianno e declarando que cumprio essa dolorosa incumbencia em nome do Instituto. Inteirado.

Uma carta do consocio dr. Manoel Cicero, informando o Instituto por intermedio do dr. Pedro Celso sobre a expedição das necessarias ordens para o pagamento das subvenções federaes que se lhe estavam a dever. Inteirado.

O snr. dr. 1.º Secretario accusou o recebimento das seguintes offertas:

Pelo archivo publico nacional um vol. de suas publicações; pela redacção, um dito da **Revista Maritima Brasileira**; pela Directoria do Hospital Portuguez de Benemerencia, um exemplar do seu relatório, apresentado em sessão de 12 de Abril do corrente anno; pela Academia Cearense, um volume de sua **Revista**; pelas redacções um exemplar da **Revista Americana** e outro da **Revista Centro de Sciencias, Lettras e Artes de Campinas**. Maudou-se archivar e agradecer as offertas.

O snr. presidente communica haver nomeado uma commissão para representar o Instituto nas ceremonias realizadas nesta capital, em homenagem á memoria do dr. José Mariano, declarando o snr. dezor. Primitivo de Miranda que a mesma commissão, de que fizera parte, se havia desempenhado da incumbencia que lhe fôra confiada. Inteirado.

Deliberou o Instituto, de accordo com os estatutos, se lançasse na acta um voto de pezar pelo fallecimento daquelle consocio.

Lidos e submettidos a discussão diversos pareceres da commissão de admissão de socios e correndo o escrutinio secreto, foram eleitos socios effectivos do Instituto os drs, Antonio Carneiro Leão, Ben-

to Americo Cavaleanti Sobrinho, João Sabino de Lima Pinho e major Manoel José de Santa Anna Aranjo, resolvendo-se depois de fallar o dr. Mario Melo que se lhes expedisse os competentes diplomas, independente da contribuição das joias.

Foi remettida á commissão respectiva uma proposta para socio effectivo do Instituto.

E' lida a seguinte proposta apresentada pelo dr. Mario Melo:

Considerando que a directoria que illegalmente se apossou desse Instituto, concedeu ao bacharel Archimedes de Oliveira e Souza o titulo de socio honorario, por servicos relevantes prestados ao Instituto; considerando que os servicos relevantes que deram direito ao titulo, foram apenas por interesses subalternos e caprichos politicos promover o agraciado, que era prefeito do Recife, a demolição do predio em que ha longos annos funcionava este Instituto por doação do governo, atirando seus haveres desaniedadamente n'um salão sem hygiene nem area do Gymnasio Pernambucano e as reliquias archeologicas de Pernambuco no quintal do mesmo Gymnasio estando quasi tudo estragado e muitos quadros inutilizados; considerando ainda que apezar de possuir o titulo de bacharel em direito o agraciado jamais se salientou nas letras, nas ciencias ou nas artes, sendo antes reputado como de capacidade intellectual inferior, e considerando finalmente que a barbaridade com que procedeu o agraciado para com o relicario da historia pernambucana dava direito a que os membros sobexistentes deste Instituto promovessem a expulsão do mesmo, caso fosse socio anteriormente, proponho: seja cassado o titulo de socio honorario concedido por alguns socios coniventes no crime ao bacharel Archimedes de Oliveira e Souza.

Posta em discussão, na qual tomaram parte diversos socios e vencida a preliminar apresentada pelo dr. Pedro Celso, para que se enviasse a propos-

ta a uma comissão especial, foi ella approvada por sete votos contra tres.

O Snr. presidente deliberou convocar uma assembléa geral para o dia 4 do mez proximo vindouro a fim de resolver em definitivo.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. **Francisco Luiz Correia de Andrade**, presidente; **Mario Melo**, 1.º secretario; **J. C. Leal de Barros**, servindo de 2.º secretario.

Termo de Reunião em 4 de Julho de 1912

A' uma hora da tarde, achando-se presentes os seguintes senhores socios: drs. Mario Melo, Leal de Barros, Guedes Alcoforado, Primitivo de Miranda, Vitalino Cordeiro, Malaquias de Queiroz e os srs. Manoel Carvalheira e Ambrosio Leite, deixou o Instituto de funcionar, por não ter comparecido numero legal de socios, sendo adiada para o dia 11 do corrente a sessão de Assembléa Geral, para que fôra convocado o Instituto, a qual por ser em 2.ª convocação, poderá funcionar com oito ou mais socios. Dissolveu-se a reunião ás duas horas da tarde.

Sessão de Assembléa Geral em 2.ª convocação em 11 de Julho de 1912

Presidencia do Exmo. Snr. Dez. Francisco Luiz

A' uma hora da tarde presentes os snrs. drs. dezor. Francisco Luiz, presidente; Regueira Costa, 1.º vice-presidente; Mario Melo, occupando a cadeira de 1.º secretario; Leal de Barros, substituindo o 2.º; dezor. Primitivo de Miranda, revmo. padre Leonardo Mascello e coroneis Cruz Ribeiro e Eugenio Samico, abriu-se a sessão,

Lida a acta da antecedente e o termo de reunião da 1.^a convocação, foram approvados.

O sr. 1.^o secretario mencionou as seguintes offertas:

Pelo Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, um volume de sua **Revista**; pela união dos Syndicatos Agricolas de Pernambuco, um dito do seu **Boletim**; pelas redacções dous ditos das revistas **O mez** publicada em Timbauba e **Annaes** da cidade do Salvador; pelo snr. Schulman de Amsterdam um catalogo de moedas e medalhas; pelas redacções alguns jornaes. Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Vem a meza e é remettida a respectiva commissão para dar parecer uma proposta para o socio correspondente.

Findo o expediente, o snr. presidente declarou que havia convocado a assembléa geral para resolver definitivamente sobre a proposta do dr. Mario Melo approvada na sessão anterior, para que fosse cassado o diploma de socio honorario conferido em 1911 ao dr. Archimedes de Oliveira, ex-prefeito do Recife.

Posto em discussão o assumpto, resolveu a assembléa geral, contra o voto do snr. dezor. Primitivo de Miranda confirmar a decisão do Instituto, fundamentando a sua resolução, em que havendo o snr. dr. Archimedes de Oliveira, como prefeito do municipio, concorrido officialmente para a demolição do predio em que funcionava o mesmo Instituto, não podia ser admittido no seio de uma associação que tanto havia prejudicado, muito principalmente como socio honorario, titulo este que pela disposição do art. 10 parag. unico dos Estatutos, só é conferido a pessoa que por sua "idade pro-
vecta junta ao consummado saber e distincta representação" estiver em circumstancia de justificar a escolha.

E' lida e submettida a discussão e approvada

sem debate a seguinte proposta, retirando-se do recinto o snr. dr. Regueira Costa até ser ella approvada:

Propomos que o Instituto adquira e colloque em seus salões os retratos dos socios benemeritos dr. João Baptista Regueira Costa e effectivo dr. José Marianno Carneiro da Cunha, aquelle pelos relevantissimos serviços que tem prestado a esta associação durante quasi meio seculo occupando a escala de todos os cargos electivos e este pelos extraordinarios trabalhos prestados á humanidade na campanha abolicionista do paiz pelo seu patriotismo, e a todas as classes pernambucanas, como seu representante durante cerca de quarenta annos no Congresso federal. Recife. 11—7—912 — **Mario Melo — F. Luiz — E. Samico.**

O consocio Eugenio Samico apresenta as bases do contracto a celebrar-se com a **Imprensa Industrial** do snr. Nery da Fonseca para a publicação da **Revista**, as quaes são por este approvadas com ligeiras modificações.

O mesmo consocio propõe a reforma dos Estatutos, abundando em considerações de alto valor no sentido de elevar o Instituto á altura a que tem direito entre os seus congeneres, quer do paiz quer do estrangeiro, declarando por fim o snr. presidente que opportunamente seria tomada em consideração a proposta do digno consocio.

Resolveu o Instituto, por motivo de força maior, não celebrar este anno a sessão solenne commemorativa da proclamação da Confederação do Equador.

Por ultimo foi designado pelo snr. presidente o consocio dr. Mario Melo para auxiliar o 1.º secretario nas attribuições que lhe competem por força do parag. 4.º do art. 23 dos Estatutos.

Nada mais havendo a tratar-se, foi levantada a sessão. **Francisco Luiz**, presidente; **Mario Melo**, 1.º secretario; **Ambrosio Leite**, servindo de 2.º secretario.

Sessão ordinaria de 1 de Agosto de 1912

Presidencia do exmo. snr. dezor. Francisco Luiz

A' uma hora da tarde presentes os snrs. dezor. Francisco Luiz, presidente, dr. Regueira Costa e general Apolinario Maranhão, 1.º e 3.º vice-presidentes, Mario Melo, substituindo o 1.º secretario, Guedes Alcoforado, Henrique Capitolino e o snr. Ambrosio Leite, occupando a cadeira do 2.º secretario, abrio-se a sessão.

Lida a acta da antecedente, foi approvada.

O sr. 1.º secretario mencionou o seguinte expediente:

Uma carta do dr. Liberato Bittencourt, remetendo uma circular impressa e pedindo a lista dos socios do Instituto, ligeiros dados biographicos dos socios pernambucanos e uma colleção completa dos numeros da **Revista**; um officio do director do **Archivo Publico Nacional** accusando a recepção e agradecendo o ultimo numero da **Revista**. Inteirado.

Offertas: Pelo snr. Apolonio Peres, dous volumes da obra **Exposição de Turim 1911**. Pela sociedade de Lisboa dous ns. de seu **Boletim**. Pela respectiva redacção um volume da **Revista Maritima Brasileira**. Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O snr. presidente saudou ao socio major Manoel José de Santa Anna Araujo, pela sua admissão no gremio do Instituto, agradecendo o mesmo socio e sua eleição e promettendo esforçar-se quanto possivel para corresponder a confiança do Instituto.

Agradeceu igualmente o snr. dr. Guedes Alcoforado a sua elevação a socio benemerito, mostrando-se penhorado pela honra com que o havia distinguido o Instituto em uma de suas ultimas sessões.

Para attender ao pedido constante da carta do dr. Liberato Bittencourt, o sr. presidente nomeou uma commissão composta dos drs. H. Capitolino,

Mario Melo, Pereira da Costa, major Santanna Arango e tenente Ambrosio Leite.

Foi approvedo um parecer da commissão de socios e correndo o escrutinio secreto foram eleitos socios correspondentes os drs. José Marianno Carneiro da Cunha Filho e José de Barros Lima.

O sr. dr. Guedes Alcoforado propoz que fossem reformados os Estatutos desta associação, sendo remettida a sua proposta á commissão competente.

O sr. presidente nomeou inteiramente os srs. Regueira Costa e Mario Melo para fazerem parte desta commissão, no impedimento concorrente de qualquer de seus membros, não só para elaborarem o projecto da reforma dos Estatutos como para continuarem a publicação da **Revista** que se acha interrompida.

O sr. dr. Regueira Costa, na qualidade de presidente da Commissão Organizadorã do 4.º congresso de Geographia pedio que devendo realizar-se, sob proposta sua, uma exposição de geographia durante os dias em que funcionar o mesmo congresso, o Instituto o autorisasse a pôr á disposição da referida commissão organisadora todos os mappas, atlas, plantas, desenhos e mais objectos de valor geographico e historico que possui em seu museu e que possam figurar com vantagem naquella exposição.

Submettida a discussão o assumpto concedeu unanimemente o Instituto a autorisação solicitada pelo sr. dr. Regueira Costa. E por nada mais haver, foi levantada a sessão. Em tempo, o dr. José de Barros Lima foi eleito socio effectivo e não correspondente. — **Francisco Luiz**, presidente; **Mario Melo**, 1.º secretario; **Eugenio Samico**, servindo de 2.º secretario.

Sessão ordinaria de 22 de Agosto de 1912

Presidencia do exmo. snr. dezor. Francisco Luiz

A' uma hora da tarde presentes os snrs. dezor. F. Luiz, presidente, drs. Regueira Costa, e Vitalino Cordeiro, 1.º e 2.º vice-presidentes, Pedro Celso, 1.º secretario, Coelho Leite, orador, Mario Melo, Guedes Alcoforado, tenente Ambrosio Leite, major Sant' Anna Araujo, coronel Cruz Ribeiro e Eugenio Samico, occupando a cadeira do 2.º secretario, abriu-se a sessão, sendo lida e approvada a acta da antecedente.

O dr. 1.º secretario mencionou o seguinte expediente:

Um cartão da directoria da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, agradecendo o ultimo numero da *Revista do Instituto*, Inteirado. Uma carta do Instituto Gymnasial Pernambucano convidando o Instituto Archeologico a se fazer representar na solennidade que pretende realizar no dia 7 de Setembro p. vindouro; resolveo o Instituto que opportunamente fosse o convite tomado na devida consideração.

Offertas:

Pelo Museu Nacional de Buenos Ayres, um volume de seus *Annaes*. Pelas redacções um dito da *Revista Maritima Brasileira* e outro do *El Sendero Teosófico*. Pela sociedade de Geographia do Rio de Janeiro um exemplar do seu *Boletim*. Pelo consocio dr. Coelho Leite um pacote de cédulas, apolices e coupons sem valor. Pelo consocio Eugenio Samico, em nome do Club Cupim, os cordões que serviram á carreta do enterro do dr. José Marianno.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

São approvadas as bases apresentadas pelo consocio cel. Eugenio Samico, do contracto firmado com o snr. Nery da Fonseca, para a publicação da *Revista do Instituto*.

O snr. dr. Coelho Leite communica que o dr. João do Rego Barros passou a ser proprietario do terreno em que foi situado o Arraial do Bom Jesus e onde se acha a columna mandada erguer por esta Associação para assignalar aquelle ponto, compromettendo-se o mesmo dr. a zelar a sua custa, a conservacão daquelle monumento.

O Instituto resolveo que se agradecesse ao snr. dr. Rego Barros tão importante serviço.

O dr. Mario Melo declara acharem-se concluidos os retratos dos Drs. Regueira Costa e José Marnianno e pede delibere o Instituto sobre a sua apposição na competente galeria.

Attentas as condições em que actualmente se acha, sem casa em que se possa celebrar as suas sessões solennes, resolveo o Instituto que a collocacão desses retratos seja feita modestamente, em sessão que previamente se designará.

Em nome da commissão organisadora do 4.º congresso brasileiro de geographia, de que é presidente, agradece o dr. Regueira Costa o offerecimento dos mappas, plantas e desenhos que possui o Instituto em seu museu para figurarem na exposicão de geographia que se deve realizar durante os dias em que funcionar o mesmo congresso.

O dr. Mario Melo pede a approvacão do seu trabalho sobre a Influencia da maconaria na revolução de 1817, assim como a transcripcão de alguns retratos e autorisacão para tirar uma edição em separado. Esse pedido foi approvado, deixando porem a commissão de redacção dar parecer a respeito do mérito do trabalho.

E' approvado um parecer da commissão de admissão de socios e correndo escrutinio secreto, são eleitos socios effectivos o dr. João do Rego Barros e Sandal Callander e correspondente o dr. José Arthur Boiteux.

O dr. Regueira Costa requer e o Instituto concede que sejam transcriptas no livro competente as

actas das sessões solennes de 17 de Janeiro em que foi apposto no salão o retrato do dr. Joaquim Nabuco, magna de 27 do mesmo mez e anno de 1910, em que commemorou o Instituto o anniversario da sua fundação e a restauração de Pernambuco do dominio hollandez e de assembléa geral de 10 de Fevereiro de 1911, em que se procedeo a eleição dos membros da directoria e commissões permanentes, actas estas que não chegaram a ser transcriptas no mencionado livro, pela superviniencia do sequestro que se realisou logo depois em todos os haveres do Instituto.

Constando officialmente a retirada do dr. Bianor de Medeiros para a Capital Federal, onde vai fixar residencia, o snr. presidente deliberou convocar uma sessão de assembléa geral para preencher o lugar de orador que elle occupava, marcando para isso o dia 29 do corrente.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. **F. Luiz Corrêa de Andrade**, presidente; **Pedro Celso Uchôa Cavalcanti**, 1.º secretario; **Mario Melo**, 2.º secretario interino.

Sessão de Assembléa Geral em 29 de Agosto de 1912

Presidencia do Snr. **Dr. Requeira Costa**, 1.º vicepresidente

A' uma hora da tarde presentes os snrs. drs. Requeira Costa, Pedro Celso, Enéas de Lucena 1.º e 2.º secretarios, Mario Melo, Guedes Alcoforado, Henrique Capitolino e os snrs. Coronel Cruz Ribeiro, major Sant'Anna Araujo, e Eugenio Samico deixou de realisar-se a sessão porque sendo a primeira convocação não compareceo numero legal de socios, ficando adiada para a proxima quinta-feira, 5 de Setembro, quando poderá realisar-se com o numero que comparecer, não sendo inferior a oito,

Sessão de Assembléa Geral em 2.^a convocação aos 5
de Setembro de 1912

Presidencia do exmo. dezor. Francisco Luiz

A' uma hora da tarde presentes os snrs. drs. dezor. Francisco Luiz, presidente; Regueira Costa, e Vitalino Cordeiro, 1.^o e 2.^o vice-presidentes; Pedro Celso, 1.^o secretario; Coelho Leite, orador, dezor. Primitivo de Miranda, Malaquias de Queiroz e Guedes Alcoforado, abrio-se a sessão.

O dr. Mario Melo, tambem presente, substituindo o 2.^o secretario, leu a acta da antecedente, que foi approvada.

O expediente constou de uma carta do snr. O. L. Windsor, da livraria da Universidade de Illinois, solicitando a permuta do seu **Stok Geological Survey Bulletin** pela **Revista** e outras publicações do Instituto.

Mandou-se attender ao pedido.

O snr. presidente para attender ao convite do dr. Candido Duarte, nomeou afim de representar o Instituto nas festas á realisar-se á 7 de Setembro, promovidas pelo Collegio de que é elle director, uma commissão composta do dr. Coelho Leite, Pedro Celso e Malaquias de Queiroz.

O dr. Pedro Celso, 1.^o secretario, declarou que até aquella data não havia, recebido resposta, dos dous membros da commissão de redacção, sobre se continuavam ou não a fazer parte da referida commissão, mas que sabia por lhe haverem communi-cado verbalmente ser negativa a sua resolução a esse respeito.

O mesmo snr. dr. Pedro Celso pede e obtem renuncia do lugar de 1.^o secretario, attentos os seus numerosos affazeres.

Para preencher os lugares vagos na directoria e commissões, elegeu a assembléa geral os seguintes socios: orador, dr. Pedro Celso Uchôa Caval-

canfi; 1.º secretario, dr. Mario Carneiro do Rego Melo; membros da commissão de redacção, drs. João Baptista Regueira Costa e Mario Melo, os quaes foram immediatamente empossados, de conformidade com os Estatutos.

Por ultimò o snr. dr. Mario Melo, pedindo a palavra, procedeu á leitura de um projecto de reforma dos Estatutos. Concluida a leitura o sr. presidente declarou que opportunamente convocaria outra sessão de assembléa geral para disculir e resolver definitivamente sobre o referido projecto.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. **F. Luiz Corrêa de Andrade**, presidente; **Manoel Carnevalheira**, servindo de 1.º secretario; **Manoel José de Sant'Anna Araujo**, servindo de 2.º se-

Sessão ordinaria em 19 de Setembro de 1912
cretario.

Presidencia do exmo. snr. dezor. Francisco Luis

A' uma hora da tarde presentes os snrs. drs. dezor. Francisco Luis, presidente; Regueira Costa e Vitalino Cordeiro, 1.º e 2.º vice-presidentes, Pedro Colso, orador; Guedes Alcoforado e os snrs. coronel Cruz Ribeiro e majores Manoel Carnevalheira, substituindo o 1.º secretario e Sant'Anna Araujo occupando a cadeira do 2.º abriu-se á sessão.

Lida a acta da antecedente em Assembléa Geral, foi approvada, com a seguinte emenda, apresentada pelo snr. dr. Regueira Costa: Que por proposta do dr. Guedes Alcoforado fôra creado o lugar de servente do Instituto, mediante a gratificação mensal de quarenta e cinco mil reis. (45\$000)

O snr. 1.º secretario mencionou o seguinte expediente:

Uma circular da directoria do Aero Club Brasileiro remettendo uma lista e pedindo ao Instituto

para angariar donativos em favor de aviadores e aeroplanos para o exercito brasileiro. Uma dita do Gremio Polymathico "Manoel Xavier," communi- cando a posse da sua directoria do anno social de 1912 a 1913. Uma dita do Instituto Historico e Geo- graphico Parahybano remettendo a lista dos mem- bros de sua directoria e commissões do corrente an- no social.

Offertas:

Pela Bibliotheca Nacional 2 volumes de seus an- naes e 2º vol. do **Diccionario chorographico e Histo- rico de Pernambuco**, por Sebastião de V. Galvão. Pelo The Times de Pernambuco Book Club, de Lon- dres, um Catalogo. Pela Faculdade de Direito do Re- cife, um vol. de sua **Revista**. Pela Bibliotheca Nacio- nal um n.º de seu Regulamento e outro do Relatorio que ao exmo. ministro da justiça e Negocios Inte- riores, apresentou o director dr. Manoel Cicero P. da Silva 1912. Mandou-se archivar e agradecer as offer- tas.

O snr. presidente sauda em breve allocução ao snr. dr. Antonio Carneiro Leão, depois de declaral-o empossado no lugar de socio effectivo do Instituto.

O snr. dr. Carneiro Leão, em brilhante peça oratoria, agradeceu a saudação do snr. presidente, seguindo-se-lhe com a palavra o orador do Institu- to, dr. Pedro Celso, que por sua vez, em palavras eloquentes, se congratulou com o novo consocio pela sua admissão no seio do Instituto e com este pela aquisição que acabava de fazer de tão distincto consocio.

Declarando inaugurados e na respectiva gale- ria os retratos do consocio extinto o grande aboli- cionista dr. José Mariano e do socio benemerito dr. Regueira Costa, este que se achava presente agrade- ceo a prova de consideração e apreço de que foi al- vo por parte de seus confrades, e especialmente aos auctores dessa immerecida manifestação, os exmos.

srs. dezor. Francisco Luiz, dr. Mario Melo e coronel Eugenio Samico.

A' commissão de admissão de socios foi tambem remettida uma proposta para dous socios effectivos do Instituto.

Por ultimo o snr. presidente convocou para a proxima quinta feira, 26 do corrente, uma sessão de Assembléa Geral, afim de discutir-se e resolver definitivamente sobre o projecto de reforma dos Estatutos, apresentado pela respectiva commissão.

Nada mais havendo a tratar-se, foi levantada a sessão. **F. Luiz Corrêa de Andrade**, presidente; **Mendes Martins**, servindo de 1.º secretario; **Manoel José de Sant'Anna Araujo**, servindo de 2.º secretario.

Sessão de Assembléa Geral (segunda reunião) em 3
de Outubro de 1912

Presidencia do exmo. dezor. Francisco Luiz

A' uma hora da tarde presentes os snrs. dezor. Francisco Luiz, presidente; dr. Regueira Costa e Vitalino Cordeiro, 1.º e 2.º vice-presidentes; Mendes Martins, servindo de 1.º secretario e Sant'Anna Araujo, servindo de 2.º, general Apolinario Maranhão, 3.º vice-presidente; Pedro Celso e Coelho Leite, oradores, Feliciano da Motta, Gaspar Regueira, Barbosa Vianna, Cruz Ribeiro e Ambrosio Leite, abrio-se á sessão.

Lida a acta da antecedente, foi approvada.

O snr. primeiro secretario mencionou as seguintes offertas:

Os **Costumes da Roça** ou **As memorias de Mboy** por Joaquim Gil Pinheiro, autor e offertante. Pelo respectivo director, o snr. Affonso Costa, dous exemplares do **Almanack Popular Brasileiro**, um para o anno primeiro de 1910, outro, segundo anno de 1912,

Pelas redacções alguns jornaes. Mandou-se archivar e agradecer as offerlas.

Vem á meza e é unanimemente appoyado um parecer da commissão de fundos e orçamentos, approvando a proposta do consocio dr. João B. Regueira Costa, concedendo um auxilio de quinhentos mil réis (500\$000) á commissão organisadora do 4.º Congresso Brasileiro de Geographia.

Lido outro parecer da commissão de admissão de socios, foi approvado, e correndo escrutinio secreto foram eleitos socios effectivos do Instituto o jornalista e literato Carlos Dias Fernandes e o engenheiro civil Octaviano Paiva de Mendonça.

Entrando em discussão o projecto de reforma dos Estatutos, elaborado pelo dr. Mario Melo, resolveo-se que fosse a imprimir afim de ser distribuido pelos snrs. socios, sendo convocada a continuação da Assembléa geral para o dia 17 do corrente.

Nada mais havendo a tratar-se, foi levantada a sessão. **F. Luiz Corrêa de Andrade**, presidente; **Mario Melo**, 1.º secretario; **Eugenio Samico**, servindo de 2.º secretario.

Sessão de Assembléa Geral em terccira reunião, aos
17 de Outubro de 1912

Presidencia do snr. dezor. Francisco Luiz

A' uma hora da tarde presentes os snrs. dezor. Francisco Luiz, presidente; Regueira Costa e Vitalino Cordeiro, 1.º e 2.º vice-presidentes; Manoel Carvalho, Eugenio Samico, substituindo o 1.º e 2.º secretarios que não compareceram. Pedro Celso, orador; dezor. Primitivo de Miranda Souza Gomes e major de Sant'Anna Araujo, abrio-se a sessão.

Deixou de ser lida a acta da antecedente por não se achar sobre a meza.

O snr. 1.º secretario mencionou o seguinte expediente:

Uma carta do snr. Affonso Costa d'A. Bandeira, director do **Almanack Popular Brasileiro**, prometendo enviar ainda ao Instituto, além dos dous numeros do mesmo **Almanack**, que já remetteo mais outros trabalhos seus, breve como dos seus collegas da Academia Bahiana de Lettras. Mandou-se agradecer a gentileza do offerecimento e declarar que o Instituto receberia com especial agrado as offertas que o mesmo snr. se propõe a fazer.

Offerta: Pela respectiva Redacção, um numero da **Revista do Centro de Sciencias, Lettras e artes** de S. Paulo. Mandou-se archivar e agradecer a offerta.

Foi ordenado o pagamento da quantia de quarenta mil réis ao sr. Nery da Fonseca, pela impressão de 50 exemplares do projecto de reforma dos Estatutos.

Findo o expediente o sr. presidente sauda em breve allocução o consocio dr. José de Barros Lima, que se achava presente, o qual em eloquentes phrases agradeceo a sua admissão no gremio do Instituto, prometendo trabalhar quanto possivel em prol de seu engrandecimento e prosperidade.

O sr. presidente resolveo que fosse distribuido pelos srs. socios o projecto de reforma dos Estatutos, afim de ser definitivamente resolvida na sessão de 31 do corrente, a continuação da presente Assembléa Geral.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. **F. Luiz Corrêa de Andrade**, presidente; **Mario Melo**, 1.º secretario; **Eugenio Samico**, 2.º secretario.

Sessão de Assembléa Geral em continuação á de 14
de Novembro de 1912

Presidencia do exmo. dezor. Francisco Luiz

A' uma hora da tarde presentes os srs. drs. Francisco Luiz, Regueira Costa, e general Apolinario Maranhão, 1.º e 3.º vice-presidentes; Mario Melo, 1.º secretario; Pedro Celso, orador; dezor. Primitivo de Miranda, Barros Lima e os srs. coronel Cruz Rbeiro, Rocha Samico, major Sant'Anna Araujo e Ambrosio Leite abrio-se a sessão.

Lidas as actas das sessões de 3 e 17 de Outubro ultimo, foram approvadas:

O dr. 1.º secretario mencionou o seguinte expediente:

Um convite do Concelho Municipal do Recife para o Instituto se fazer representar na solennidade da apposição do retrato do dr. Prefeito, capitão Eudoro Correa, no seu salão de honra, ás duas horas da tarde do dia 15 do corrente.

Para corresponder ao convite o sr. presidente nomeou uma commissão composta dos consocios general Apolinario Maranhão, dr. Barros Lima e major Sant'Anna Araujo.

Offertas: Pelas respectivas Redacções um volume da **Revista Maritima Brasileira** e alguns jornaes. Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Achando-se presente o sr. dr. Octaviano Paiva de Mendonça, o sr. presidente o saudou em breve allocução pela sua admissão no gremio do Instituto, o que o mesmo dr. agradeceu.

O dr. Mario Melo pedindo a palavra informou que o n.º 79 da Revista do Instituto que se acha no prelo apparecerá brevemente e pediu licença para ler e publicar na mesma Revista o seu trabalho sobre a Revolução de 1817 já com approvação do Instituto, o que lhe foi unanimemente concedido.

Em seguida foram lidos, discutidos e approva-

dos os artigos de 1 a 13 dos Estatutos com algumas emendas e convocada para o dia 21 do corrente a continuação da Assembléa Geral para se proseguir na discussão e approvação dos demais artigos. Nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão. Presidente, **F. Luiz**; 1.º secretario, **Mario Melo**; 2.º secretario, **Carneiro Leão**.

Sessão de Assembléa Geral (continuação) em 5 de
Dezembro de 1912

Presidencia do exmo. dezor. **Francisco Luiz**

A' uma hora da tarde presentes os srs. dezor. **Francisci Luiz**, drs. **Regueira Costa** e **Vitalino Cordeiro**, 1.º e 2.º vice-presidentes; **Mario Melo**, 1.º secretario; **Carneiro Leão**, occupando a cadeira do 2.º; e os srs. commendador **Barboza Vianna**, coronel **Cruz Ribeiro**, e **Sant'Anna Araujo**, abriu-se a sessão. Lida a acta da antecedente, foi approvada.

O sr. 1.º secretario mencionou as seguintes ofertas:

Pelas redacções, um numero da **Revista Maritima Brasileira** e diversos jornaes. Mandou-se archivar e agradecer as offeras.

Apoz a leitura do expediente, o sr. presidente saudou o litterato portuguez sr. **Augusto Lacerda**, que se achava presente, em visita ao Instituto Archeologico.

Em resposta declarou o sr. **Augusto de Lacerda** que tinha vindo ao Brasil em missão especial da Sociedade de Geographia de Lisboa para tratar de um accordo de Portugal com o nosso paiz em suas relações internacionaes e se mostrava gratissimo pela acolhida com que havia sido recebido em Pernambuco, e sobretudo pelo Instituto Archeologico, ao qual se confessava penhorado pelo comparecimento de uma commissão de seu seio á conferencia que

hontem realizara na Associação dos Empregados no Commercio.

Em seguida veio á mesa uma proposta assignada por todos os membros presentes, em vista do que e como opinara o dr. Mario Melo, foi aclamado socio correspondente do Instituto o sr. Augusto de Lacerda.

Não se achando na casa nenhum dos oradores, o sr. presidente nomeou para felicitar ao socio recipiendario ao dr. Carneiro Leão, que em brilhante improviso cumprimentou ao novo consocio, entregando-lhe o diploma que lhe acabava de conferir o Instituto, agradecendo por sua vez o sr. Augusto de Lacerda mais essa prova de apreço com que o honrava a veneranda associação.

Em seguida, passou-se á discussão, até o Capitulo 5.º da reforma dos Estatutos, na qual tomaram parte diversos consocios, e estando a hora adeantada, ficou marcado o dia 12 para concluir-se a discussão da mesma reforma.

Nada mais havendo a tratar-se, foi levantada a sessão. João Baptista Requeira Costa, vice-presidente; Mario Melo, 1.º secretario; Enéas de Lucena, 2.º secretario.

Sessão de Assembléa Geral (continuação) em 12 de Dezembro de 1912

Presidencia do exmo. sr. dezor. Francisco Luiz

A' uma hora da tarde, presentes os srs. drs. F. Luiz, Vitalino Cordeiro, 2.º vice-presidente; Mario Melo, 1.º secretario; João Vicente, Henrique Capitolino, Pedro Celso, Requeira Costa, 1.º vice-presidente; Coelho Leite, e os srs. Apolinario Maranhão e major Sant'Anna Araujo, abriu-se a sessão.

O dr. João Vicente, occupando a cadeira do 2.º secretario, leu a acta da sessão antecedente que foi approvada,

O dr. 1.º secretario mencionou as seguintes offeras:

Pelo sr. Joseph Fussel um folheto **Incidentes en la historia del Movimento Theosofico**. Pela Universidade de Pittsburgh um exemplar de seu **Boletim**. Pela Bibliotheca e Archivo Publico de Sergipe um **Memorial** apresentado ao exmo. sr. general José de Siqueira Menezes, pelo bibliothecario Epiphany da Fonsêca Doria, 1912. Pelo Instituto Geographico e Historico de Sergipe um exemplar de seus Estatutos. Pelas redacções alguns jornaes. Mandou-se archivar e agradecer as offeras.

Continuando a discussão da reforma dos Estatutos definitivamente foram votados os ultimos Capitulos e remetida á commissão de redacção para os fins convenientes.

Correndo o escrutinio secreto, foi eleito socio correspondente do Instituto o sr. major Liberato Bittencourt.

Passando a 19 do corrente o 1.º anniversario da posse do exmo. general Dantas Barreto, no governo do Estado, o sr. presidente nomeou para saudar o seu socio honorario, por esse auspicioso acontecimento, uma commissão composta dos srs. general Apolinario Maranhão e drs. Pedro Celso e João Vicente da Silva Costa.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. **F. Luiz**, presidente; **Octaviano de Mendonça**, 1.º secretario ad-hoc; dr. **Augusto Coelho Leite**, 2.º secretario ad-hoc.

Sessão de Assembléa Geral (continuação) em 26 de Dezembro de 1912

Presidencia do sr. dr. Regueira Costa, 1.º vicepresidente

A uma hora da tarde presentes os srs. drs. Regueira Costa, Enéas de Lucena, substituindo, digo

Mário Melo, Enéas de Lucena, 1.º e 2.º secretarios: Carneiro Leão, coronel Cruz Ribeiro, Sant'Anna Araujo e Ambrosio Leite, abriu-se a sessão.

Deixou de ser lida a acta da antecedente, por não se achar sobre a mesa.

O dr. 1.º secretario mencionou algumas offer-tas que mandou archivar e agradecer.

Findo o expediente o sr. presidente declarou empossado o sr. dr. Oscar Brandão, no lugar de socio effectivo do Instituto.

O sr. dr. Oscar Brandão, em phrases eloquentes, agradeceu a honra com que fôra distinguido pelo Instituto, admittindo-o no seu gremio, promet-tendo empregar os seus esforços em bem da prosperidade e engrandecimento da associação.

Não se achando presente nenhum dos oradores, o sr. presidente designou o dr. Carneiro Leão para agradecer as honrosas referencias feitas pelo novo consocio ao Instituto, incumbencia que o dr. Carneiro Leão desempenhou em brilhante improviso.

O mesmo sr. dr. Carneiro Leão propoz que fosse nomeada uma commissão para receber condignamente o socio benemerito dr. Oliveira Lima por occasião de sua chegada a esta capital, sendo feita uma conferencia sobre a sua obra litteraria.

Approvada essa proposta, foi nomeada uma commissão composta dos Drs. Carneiro Leão, Octaviano de Mendonça e coronel Cruz Ribeiro e majores Sant'Anna Araujo, Manoel Carvalheira e Eugenio Samico. Lido o parecer da commissão de socios, correu o escrutinio secreto e foi eleito socio effectivo o dr. Esmaragdo de Freitas e Souza.

Pela mesa foi proposto para socio benemerito o honorario dr. Manoel de Oliveira Lima, sendo unanimemente approvada a proposta.

O sr. presidente designou o dr. Carneiro Leão para fazer a conferencia acima mencinada.

Finalmente foi approvada a redacção da refor-

ma dos Estatutos que se mandou publicar e pôr em vigor.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

(Esta acta deixou de ser assignada, provavelmente por esquecimento).

Os mortos do Instituto

A. J. Barboza Vianna

Foi a 9 de Fevereiro o primeiro golpe soffrido no anno pelo nosso **Instituto**.

A morte, sentinella indormida de um Paiz desconhecido, fazendo a sua ronda continua e macabra em volta da humanidade, surprehendeu nesse dia, no "engano lido e cego" da existencia, o sr. commendador A. J. Barbosa Vianna fazendo-o prisioneiro de suas hostes victoriosas e levando-o para aquellas paragens a que não é dada chegar a nossa inexperiencia de humildes mortaes.

Nascido no velho Mundo, em Portugal, naquella "jardim florido á beira-mar plantado", na phrase do poeta, Barbosa Vianna muito creança ainda, quando nem sentia os primeiros albores da adolescencia, aportou em Pernambuco.

Aqui foi jogado ao torvelinho absorvente da vida commercial, mas aqui tambem sentiu brotar-lhe os primeiros estos litterarios e sonhou... e escreveu.

A semelhança de Casimiro de Abreu e de tantos outros perante os quaes Mercurio não pode conseguir domar os surtos de Minerva, Barbosa Vianna foi literato, publicou trabalhos em prosa e verso e um

volume historico-geographico "Recife", que representou uma bella homenagem á terra onde elle formou seu espirito e nasceram seus queridos filhos.

"Trapalhadas" foi o seu segundo livro em que, a par de um bonito estylo de escriptor, se descortinava a verve sadia de um humorista.

Foi um verdadeiro admirador do nosso passado pelo que pouco tempo antes de morrer pronunciou no Circulo Catholico uma brilhante conferencia sobre o Recife de outr'ora, revivendo os usos e costumes de nossos maiores.

Como homem de sociedade, o saudoso extincto fez parte do nosso Instituto Archeologico, foi um dos fundadores da Academia Pernambucana de Letras na qual occupou com brilho a cadeira de nosso primeiro noeta Bento Teixeira Pinto, pertenceu ao importante Gabinete Portuguez de Leitura, ao Hospital Portuguez e a outras varias associações de beneficencia.

Como negociante foi honrado, chegando a chefe de cosceituada casa commercial nesta praça e deixando um nome digno a sua prole numerosa.

Francisco Luiz Correia de Andrade

Aos 85 annos de idade, depois de uma afanosa existencia de trabalho integro, falleceu o nosso venerando consocio dr. Francisco Luiz Correia de Andrade.

Dizer tudo o que elle fez em prol de nossa causa, manifestar por meio de palavras toda a dedicacão que elle teve por este templo, onde são guardadas com religiosidade as reliquias pernambucanas, não cabe no pouco espaço de que disponho.

O desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade nasceu em Goyanna a 3 de Janeiro de 1835, do

consorcio do coronel Luiz Ferreira da Silva com a exma. sra. d. Maria Francisca Correia. Fez seus estudos primarios com seu parente o padre Joaquim Camello de Andrade e o de humanidades com o padre Pedro Brandão e depois em Olinda, com o saudoso educador dr. José Lourenço Meira de Vasconcellos.

Em 1854 matriculou-se na Academia juridica, bacharelando-se 5 annos depois de um tirocinio brilhante em que obteve sempre approvações plenas, o maior gráo de approvação daquella epoca. Formado, recusou logo a promotoria de Bôa Vista e o juizado municipal de Ouricury, para abraçar a carreira liberal de advogado.

Resolveu mais tarde, em 1860, dedicar-se á magistratura accetando a nomeação de juiz municipal de Maioridade, no Rio Grande do Norte, sendo após o primeiro quatrienio removido para Santa Luzia do Norte, em Alagoas.

Em 1871 foi nomeado juiz de direito da comarca de Matto Grosso, nessa provincia, não chegando porem a tomar posse por lhe ter sido designada outra — a de Pajebu de Flores, em Pernambuco. Achando-se na côrte demandou á sua terra natal sendo convidado nessa occasião, pelo então presidente dr. Manuel Portella, para a chefia de policia, distincção que não accetou, preferindo seguir para sua comarca, onde se demorou até Julho de 1872 quando, a seu pedido, foi removido para a de Villa Bella e mais tarde transferido para a comarca de Alagoas, provincia do mesmo nome.

Com o advento republicano, em 1890, foi nomeado desembargador da relação do Pará, sendo removido no anno seguinte, a seu pedido, para este Estado.

Dando-se a reorganisação da Justica, no governo Barbosa Lima, o nosso biographado foi eleito, por seus pares, presidente do Tribunal, a 1 de Outubro

de 1892 cargo em que se veio aposentar 5 annos depois.

O dr. Francisco Luiz era detentor de vasta cultura juridica e já chegado á velhice, com a alma sempre joven, continuava a produzir substanciosos discursos e escrever artigos sobre palpitantes assumptos, muitos dos quaes são encontrados na colleccão de nossa revista e no velho organ da imprensa de nossa terra — O **Diario de Pernambuco**.

Socio do nosso **Instituto** desde 1893, aqui prestou valiosos serviços tendo occupado por fim a cathedra de presidente, da qual se exonerou em 1916 por motivo da molestia que emfim o levou ao tumulo. Perante este, o nosso gremio vem resar agora a oração da despedida.

Antonio Pimentel

Não se trata de um socio mas é como se o tivésse sido: tão grande somma de energias dedicou elle á nossa sociedade, tanto amor elle consagrava ás nossas sagradas reliquias e tanto como nós elle admirava as tradições sublimes de Pernambuco.

Conviveu com o Instituto quasi meio-seculo, assistiu as nossas phases de victoria e de esmorecimento e quando ia novamente encher-se de alegria e satisfação vendo coroados de exito os nossos esforços, quando estava para assistir a nossa entrada triumphal em a nova casa, depois do longo periodo de dez annos de luctas em que elle tambem cooperou e soffreu, tombou... tombou aos golpes da Parca inexoravel que não perdôa.

Quero referir-me a Antonio Pimentel, o nosso esforçado zelador que era um compendio humano de toda a historia de nossa agremiação.

Não havia um quadro de nossa galeria, não ha-

via u'a moeda de nossa colleccão, não existia um objecto de nosso museu, um manuscripto de nossa bibliotheca, de que elle não soubesse a procedencia, que não explicasse como tinha cahido sob nossa guarda, de como nos tinha vindo parar ás mãos.

Era a chronica viva do Instituto Archeologico e morreu, morreu justamente quando iamos necessitar mais de seus servicos, na catalogação de nossos livros e de nossos objectos.

Intelligente e activo elle tambem se dedicava aos estudos das linguas e das sciencias e quem manusear a colleccão de nossa **Revista** encontrará trabalhos seus, traducções do francez, pesquisas pacientes que vieram enriquecer o nosso cabedal historico.

Antonio Pimentel, não era socio do Instituto, mas foi um de seus maiores obreiros e mais devotados trabalhadores.

Seu tumulo é humilde; nelle não se encontra escripto o epitaphio muitas vezes retumbante e vaidoso dos que passaram vencendo na vida, mas sobre elle, muito reverente e muito pesâroso, o Instituto vem desfolhar saudadaes immorredoiras e brancas... — S. C.



CADASTRO DOS SOCIOS DO INSTITUTO

Revisão de Dezembro de 1920

Effectivos (**)

- 1—Dr. Henrique Capitolino Pereira de Mello. 18—7—1884. (*)
- 2—Dr. Pedro Francisco Correia de Oliveira. 4—8—1887. (*)
- 3—Dr. Manoel Netto Carnelro Campello. 18—7—1895; promovido a honorario a 15—2—1917. (1)
- 4—Dr. Zeferino Gonçalves Agra. 9—9—1897 (2)
- 5—Dr. Francisco Pinto de Abreu. 9—9—1897. (*)
- 6—Dr. Julio Pires Ferreira. 26—12—1897.
- 7—Dr. Alfredo Arnobio Marques. 1—4—1898. (*)
- 8—Prof. Rodolpho Lima. 13—7—1900. (*)
- 9—Dr. Fernando Barroca. 11—12—1900. (3)
- 10—Dr. José Antonio Gonçalves de Mello. 4—1—1902. (4)
- 11—Domingos Sampaio Ferraz. 17—11—1904 (*)

(**) — Ha na classe dos effectivos um excesso de 21 socios. Até que o quadro se normalise, de duas em duas vagas só será preenchida uma.

(*) Não escolheu patrono ainda.

(1) Patrono: Barão de Lucena.

(2) " General Abreu e Lima.

(3) " Mathias de Albuquerque.

(4) " João Barbalho.

- 12—Monsenhor Francisco Joaquim da Silva. 17—11—1904. (5)
- 13—Dr. Antonio Vicente Pereira de Andrade. 15—5—1906. (*)
- 14—Dr. Alfredo de Albuquerque Gama. 15—3—1906. (*)
- 15—Dr. Eduardo de Moraes Gomes Ferreira. 17—7—1906. (6)
- 16—Dr. Antonio José de Almeida Pernambuco. 17—1—1907. (*)
- 17—Dr. Gervasio Fioravanti Pires Ferreira. 18—4—1907. (7)
- 18—Ambrosio F. de Barros Leite. 18—4—1907. (8)
- 19—Prof. Gaspar do N. Regueira Costa. 12—3—1908. (*)
- 20—Manoel Arão. 17—3—1908. (9)
- 21—Dr. Thomé de Barros Gibson. 7—4—1908. (10)
- 22—Dr. Manoel Turiano dos Reis Campello. 7—4—1908. (11)
- 23—Dr. Mario Carneiro do Rego Melo. 27—5—1909; eleito bemfeitor a 25—9—1913. (12)
- 24—Dr. Enéas Pereira de Lucena. 25—8—1910. (*)
- 25—Domicio Rangel. 31—12—1910. (*)
- 26—Dr. Oscar Brandão da Rocha. 31—12—1910. (13)
- 27—Manoel Eugenio da Rocha Samico. 12—11—1911. (*)
- 28—Dr. Nylo Dornellas Camara. 12—11—1911. (14)
- 29—Antonio da Cruz Ribeiro. 12—1—1911. (15)

-
- (5) Patrono: Padre Venancio de Rezende.
- (6) " Felipe Camarão.
- (7) " Gervasio Pires.
- (8) " Frei Jaboatão.
- (9) " Monsenhor Pinto de Campos.
- (10) " Lopes Gama.
- (11) " João Alfredo.
- (12) " José Marianno.
- (13) " Martins Junior.
- (14) " Arthur Orlando. (
- (15) " Frei Caneca.

- 30—Augusto Leite Rodrigues. 17—8—1911. (16)
 31—Dr. Candido Duarte. 29—2—1912. (*)
 32—Dr. João Feliciano da Motta e Albuquerque. 6—
 6—1912. (17)
 33—Manoel José de Sant'Anna Araujo. 27—6—
 1912. (18)
 34—Dr. José de Barros Lima. 1—8—1912. (19)
 35—Dr. Esmaragdo de Freitas e Souza. 26—12—
 1912. (20)
 36—Dr. Luiz Correia de Britto. 27—11—1913. (21)
 37—Dr. Annibal Fernandes. 11—6—1914. (22)
 38—Abade D. Pedro Roeser. 11—6—1914. (*)
 39—Deão José Pereira Alves. 27—1—1915. (23)
 40—Conego Jeronymo da Assumpção. 10—6—
 1915. (24)
 41—Conego Henrique Xavier de Farias. 15—7—
 1915. (25)
 42—Dr. Joaquim da Fonseca Nunes de Oliveira. 15
 —7—1915. (26)
 43—Pedro Rodrigues Soares. 16—8—1915. (27).
 44—Dezor. Arthur da Silva Rego. 26—8—1915. (28)
 45—Dr. Manoel Antonio de Moraes Rego. 8—6—
 1916. (29)
 46—Dr. Samuel Rodrigues Campello. 5—10—
 1916. (30)

-
- (16) Patrono : Alfredo de Carvalho.
 (17) " Maciel Monteiro.
 (18) " Vicente Ferrer.
 (19) " Leão Coroado.
 (20) " Henrique Dias.
 (21) " Aprigio Guimarães.
 (22) " Natividade Saldanha.
 (23) " Monsenhor Muniz Tavares.
 (24) " Frei Vital.
 (25) " Nunes Machado.
 (26) " Marquez de Olinda.
 (27) " Carneiro Villela.
 (28) " José Hygino.
 (29) " José Luiz de Mendonça.
 (30) " Saldanha Marinho.

- 47—Capitão José Antonio Marques. 5—10—1916(31)
 48—Arcebispo D. Sebastião Leme 11—1—1917. (32)
 49—João Felipe Monteiro. 11—1—1917. (33)
 50—Dr. Luiz de França Pereira. 12—2—1917. (*)
 Prof. Euclides Fonseca. 12—2—1917.
 Apolonio Peres. 12—2—1917.
 Dr. José Cornelio da Fonseca Lima. 19—4—1917.
 Conego João de Barros Uchoa. 19—4—1917.
 Felipe Hemilio Menna da Costa. 19—4—1917.
 Coronel Dr. José Novaes. 7—7—1917.
 Dr. Severino Otto Bezerra de Mello. 7—6—1917
 Othon L. Bezerra de Mello. 7—6—1917; eleito
 bemfeitor a 6—3—1919.
 Dr. Augusto Lins e Silva. 22—8—1917.
 Dr. Deoclecio Dantas Duarte. 10—11—1917.
 Dr. João de Medeiros Peretti. 10—11—1917.
 Dr. Amaro Gomes Pedroza. 5—9—1918.
 Dr. João Aureliano Correia de Araujo. 19—9—1918.
 Dr. Ubaldo Gomes de Mattos. 7—11—1918.
 Dr. Eugenio Gudín. 13—12—1917.
 Eustorgio Wanderley. 12—12—1918.
 Alfredo Sotero de Farias. 18—12—1918.
 José Pedro Nunes de Mello. 18—12—1918.
 Dr. José Gonçalves Maia. 20—2—1919.
 Dr. Carlos Augusto Pereira da Costa. 24—4—1919.
 Dr. João Bartholomeo Bezerra Leite. 10—11—1920.

(31) atrono : Agostinho Bezerra.
 (32) " Joaquim Nabuco.
 (33) " Bento Teixeira Pinto.

Benemeritos (*)

- 1—Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa. 21—10—1897. Eleito correspondente a 25—5—1876.
- 2—Dr. Manoel de Oliveira Lima. 26—12—1912. Eleito correspondente a 7—5—1885.
- 3—Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão. 15—12—1908. Eleito effectivo a 12—12—1895.
- 4—Dr. Pedro Celso Uchoa Cavalcanti. 12—2—1920. eleito effectivo a 7—6—1894.

Correspondentes (**)

- 1—João Brigido dos Santos. 23—10—1862.
- 2—Dr. Manoel Gomes de Mattos. 20—7—1880.
- 3—D. Isabel Gondim. 13—9—1883.
- 4—Dr. Manoel Armindo Cordeiro Guaraná. 10—9—1885.
- 5—Barão de Studart. 13—4—1886.
- 6—Dr. Theophilo Braga. 7—7—1886.
- 7—Dr. João Mendes de Almeida. 24—11—1888.
- 8—General Gregorio Thaumaturgo de Azevedo. —24—10—1889.
- 9—Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva. 6—2—1890.
- 10—Dr. Carlos Ferreira da Costa Porto Carreiro. 11—6—1891.

(*) Ha uma vaga na classe dos benemeritos.

(**) Ha um excesso de 131 socios na classe dos correspondentes.

- 11—Dr. João Baptista Perdigão d'Oliveira. 18—3—1894.
- 12—Dr. Samuel da Gama Mac Dowel. 8—3—1894.
- 13—Dr. Arthur Quadros Collares Moreira. 27—3—1894.
- 14—Padre Carlos Techauer. 6—12—1895.
- 15—Dr. Pedro José de Oliveira Pernambuco. 25—7—1895.
- 16—Dr. Bianor de Medeiros. 12—12—1895.
- 17—Ddor. Joaquim Ferreira Chaves. 5—3—1896.
- 18—Dr. Optato Nehemias Eustaquio Carajuru. 28—12—1897.
- 19—Dr. Elidio de Abreu e Lima Figueiredo. 15—2—1898.
- 20—Professor João Capistrano de Abreu. 13—10—1898.
- 21—Dr. Herman Van Iering. 25—5—1899.
- 22—Dr. Augusto de Castilho. 5—7—1900.
- 23—Lorjô Tavares. 5—7—1900.
- 24—Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia. 13—7—1900.
- 25—Dr. João Severiano Carneiro da Cunha. 2—9—1900.
- 26—Dr. Theodoro Sampaio. 13—9—1900.
- 27—Dr. Olympio Costa. 13—10—1900.
- 28—Monsenhor Ulysses Pennafort. 11—4—1901.
- 29—Dr. José Joaquim Seabra. 22—8—1901.
- 30—Dr. Romario Martins. 22—8—1901.
- 31—Dr. José Antonio de Pinho Borges. 1—5—1902.
- 32—Dr. Egas Moniz Barreto de Aragão. 26—2—1903.
- 33—Francisco Agenor de Noronha Santos. 25—6—1903.
- 34—Dr. José Pereira Rego. 7—7—1903.
- 35—Dr. Alberto Souza. 20—5—1904.
- 36—Dr. Augusto de Oliveira. 20—5—1904.
- 37—Padre Severino Vieira de Mello. 17—11—1904.
- 38—Dr. Francisco Alcedo da Silva Marrocos. 17—11—1904.

- 39—Bispo D. José Oliveira Lones. 17—11—1904.
40—Dr. Eduardo Correia da Silva. 17—11—1904.
41—Dr. Luiz Estevão de Oliveira. 17—11—1904.
42—Dr. Joaquim Manoel Cardozo de Oliveira. 11—
1—1906.
43—Dr. Virgilio Cardozo de Oliveira. 11—1—1906.
44—Dr. Nelson de Senna. 11—1—1906.
45—Dr. Alberto de Faria. 11—1—1906.
46—Manoel Pinto da Fonseca. 22—2—1906.
47—Augusto Porto Alegre. 31—3—1906.
48—Dr. Rodolpho Augusto de Amorim Garcia. 15
—9—1906.
49—Frei Mathias Teve. 5—10—1906.
50—Dr. João Claudio Campello. 17—1—1907.
Dr. Alberto Frederico de Moraes Lamego. 26
—9—1907.
Bispo D. Matheus de Oliveira Xavier. 26—9—
1907.
53—Dr. Osorio Duque Estrada. 13—2—1908.
Dr. Quintino de Mello e Silva. 18—3—1908.
Dr. Antonio Carlos de Arruda Beltrão. 21—
5—1908.
Max Fleiuss. 11—6—1908.
Manoel Pinto Bandeira da Carvalheira. 11—6
—1908.
Dr. Alfredo Pinto Xavier de Mello. 4—6—
1908.
Dr. Augusto Tavares de Lyra. 4—6—1908.
Capitão Tenente Luiz Gomes Pereira. 20—8—
1908.
Antonio Rodrigues Pereira da Fonseca. 14—
10—1908.
Dr. José Leite de Vasconcellos. 14—10—1908.
General José Joaquim do Rego Barros. 7—4—
1910.
Marquez de Avila e Bolona. 30—6—1910.
Dr. Paulin Cruz. 31—12—1910.
Dr. Sebastião Faraoná. 17—8—1911.
Padre Leonardo Mascarello. 18—4—1912.

- Dr. Manoel Paulino Cavalcanti. 18—4—1912.
Padre Heliodoro Pires. 24—4—1912.
Dr. Alcebiades Furtado. 23—5—1912.
Dr. Antonio Carneiro Leão. 27—6—1912.
Dr. José Marianno Carneiro da Cunha Filho. 1—8—1912.
Dr. José Arthur Boiteux. 22—8—1912.
Augusto de Lacerda. 5—12—1912.
Dr. Liberato Bittencourt. 12—12—1912.
Major Eudoro Correia. 27—3—1913.
Capitão Gastão Pinto da Silveira. 27—3—1913.
Dr. Pedro da Cunha Souto Maior. 8—5—1913.
Dr. A. C. Simoeñs da Silva. 19—6—1913.
Antonio Carlos Moreira Telles. 7—8—1913.
Fran Paxêco. 27—11—1913.
Dr. Alfredo Bangel. 18—12—1913.
Dr. Affonso Escragnole Taunay. 18—12—1913.
Dr. Luiz Gastão Escragnole Doria. 18—12—1913.
Alfredo Augusto da Motta. 12—1—1914.
Feliciano Acioli Monteiro. 12—1—1914.
Dr. Joaquim Prado Sampaio Leite. 12—1—1914.
Dr. Bernardino José de Souza. 12—1—1914.
Capitão João Buarque Barboza Lima. 22—1—1914.
Dr. Miguel Di Leonissa. 26—3—1914.
Bispo D. Augusto Alvaro da Silva. 21—4—1914.
Hypacio Frederico Brian. 28—5—1914.
Guilherme da Conceição Föepel. 11—6—1914.
João de Lyra Tavares. 7—1—1915.
Dr. Manoel Tavares Cavalcanti. 25—2—1915.
Dr. Annibal Vellozo Rabello. 8—4—1918.
Victor Urban. 8—4—1915.
Dr. João Coelho Brandão. 8—4—1915.
J. R. Coriolano de Medeiros. 10—6—1915.
Dr. Almicar de Souza. 10—6—1915.
João Luiz dos Santos. 10—6—1915.

- D. Juan Pedro Criado y Dominguez. 15-7-1915.
Dr. Augusto Paredes Nabor. 15-7-1915.
Dr. J. Benito Marco y Gordoqui. 15-7-1915.
Nerio A. Valerino de Lorena. 15-7-1915.
Dr. Antonio Brunelli. 15-7-1915.
Dr. Tito U. Sisoni. 15-7-1915.
Dr. Matheus Augusto de Oliveira. 30-9-1915.
José Lucio de Azevedo. 21-10-1915.
Meira de Menezes. 21-10-1915.
Antonio da Costa Correia Leite. 21-10-1915.
Carlos Martel de Arriago. 21-10-1915.
Mario de Artagão. 21-10-1915.
Felix Pacheco. 13-1-1916.
Dr. Nilo Peçanha. 13-1-1916.
R. B. Cumminghane Graham. 13-1-1916.
Dr. Francisco Solano Carneiro da Cunha. 13-1-1916.
Dr. Cassiano Machado Tavares Bastos. 13-1-1916.
Dr. Pedro Lessa. 13-1-1916.
Dr. Manoel Dantas. 13-1-1916.
Padre Florentino Barbosa. 13-1-1916.
Paulo Maranhão. 13-1-1916.
José Alves de Souza. 13-1-1916.
Dr. Flavio Maroja. 13-1-1916.
Dr. Eusebio Nery Alves de Souza. 16-3-1916
Dr. Alfredo Pujol. 16-3-1916.
Nestor Pestana. 16-3-1916.
Amadeu Amaral. 16-3-1916.
Bispo d. Irineo Joffily. 16-3-1916.
Dr. Jeronymo Rangel Moreira. 16-3-1916.
Olympio de Menezes. 16-3-1916.
Prof. Ramon Roca Dordal. 8-6-1916.
Aluisio de Carvalho. 23-11-1916.
Dr. Braz do Amaral. 23-11-1916.
Dr. J. O. A. de Souza Carneiro. 23-11-1916
Zeferino Galvão. 7-12-1916.

- Dr. Nestor dos Santos Lima. 11—1—1917.
Padre Francisco Valdevino Nogueira. 7—3—1917.
Ddor. Luiz Tavares de Lyra. 7—3—1917.
Dr. Claudio Oscar Soares. 7—3—1917.
Dr. Francisco de Paula Leite e Oiticica. 7—3—1917.
Dr. Carlos Xavier Paes Barreto. 21—6—1917.
Dr. Francisco Borges de Barros. 21—6—1917.
Dr. Fidelino de Figueiredo. 21—6—1917.
Dr. Lauro Sodré. 19—7—1917.
Dr. João Palma Muniz. 19—7—1917.
J. Coutinho de Oliveira. 19—7—1917.
Dr. Henrique Santa Rosa. 19—7—1917.
Dr. Theodoro Braga. 19—7—1917.
Dr. Eladio de Amorim Lima. 19—7—1917.
Dr. Ignacio Baptista de Moura. 19—7—1917.
Dr. José Ignacio da Rocha Pombo. 19—7—1917.
Dr. João do Rego Barros. 9—8—1917.
Prof. Basilio de Magalhães. 22—11—1917.
Dr. F. Saturnino Rodrigues de Brito. 22—11—1917.
Coronel Octavio de Azevedo Coutinho. 22—11—1917.
Dr. Antonio A. Borges dos Reis. 13—12—1917.
Prof. Paulo Eleuterio. 10—1—1918.
Dr. Astrolabio Passos. 9—4—1918.
Dr. Helio Lobo. 9—4—1918.
Dr. Clemente Gaspar Maria Brandenburgo. 9—4—1918.
Capitão de Fragata Thiers Fleming. 9—4—1918.
Dr. Alfredo de Moraes Gomes Ferreira. 9—4—1918.
Coronel Tito Villa Lobos. 2—5—1918.
Consul José Manuel Sarmiento. 21—5—1918.
Augusto Pacheco. 13—6—1918.

- Dr. Affonso de Freitas. 1—8—1918.
Coronel Pedro Dias de Campos. 1—8—1918.
Vicente Themudo. 1—8—1918.
Almirante Henrique Boiteux. 1—8—1918.
Dr. Targino Neves. 1—8—1918.
Dr. José Sette. 1—8—1918.
Prof. Luiz Pessanha. 5—9—1918.
Dr. Ruy de Gouvêa Nobre. 3—10—1918.
Tancredo de Barros Paiva. 3—10—1918.
Francisco José da Silveira Lobo. 20—2—1919.
Dr. Clemente Fregeiro. 20—2—1919.
N. Sechman Nitzche. 20—2—1919.
Dr. Elysio de Carvalho. 20—2—1919.

Honorarios [*]

- 1—Dr. Pedro de Araujo Beltrão. 21—4—1882.
2—Barão de Teffé. 24—10—1889.
3—Príncipe Rolland Bonaparte. 3—5—1890.
4—Dr. Alexandre José Barboza Lima. 3—5—1890.
5—Conselheiro Antonio Gonçalves Ferreira. 6—12—1894.
6—Dr. Manoel Netto Carneiro Campello. 15—2—1917; effectivo em 18—7—1895.
7—Dr. Lauro Severiano Muller. 2—5—1898.
8—Professor John Casper Branner. 8—7—1898.
9—Bispo D. Francisco do Rego Maia. 13—10—1898.
10—Cardeal Joaquim Arcoverde d'Albuquerque Cavalcanti. 4—4—1898.
11—Dr. José Marcelino da Rosa e Silva. 19—2—1903.
12—Conselheiro Francisco de Assis Rosa e Silva. 3—5—1904.

(*) Ha um excesso de doze socios na classe dos honorarios.

- 13—Dr. António Olintho dos Santos Pires. 3—5—1904.
 14—Dr. Celso Florentino Henrique de Souza. 3—5—1904.
 15—Dr. Xavier da Cunha. 24—7—1904.
 Conselheiro Antonio Carneiro da Rocha. 27—7—1904.
 Dr. Clovis Bevilaqua. 17—5—1906.
 Conde Affonso Celso. 26—9—1906.
 Conselheiro Ruy Barboza. 27—9—1908.
 Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida. 7—6—1908.
 Dr. Joaquim Pereira Diegues Junior. 15—7—1909.
 Dr. Esmeraldino O. de Torres Bandeira. 2—6—1910.
 Consul Ernesto de Vasconcellos. 30—6—1910.
 Marechal Antonio Vicente Guimarães. 11—10—1910.
 Marechal Emygdio Dantas Barreto. 26—12—1912.
 General Joaquim Ignacio Baptista Cardoso. 22—11—1907; effectivo em 5—10—1916.
 Dr. Bruno Lobo. 20—5—1920.

Bemfeitores

- 1—Dr. Mario Carneiro do Rego Melo. 25—9—1913; effectivo em 27—5—1909.
 2—Caetano da Costa Moreira. 2—4—1911.
 3—Dr. José Rufino Bezerra Cavalcanti. 8—2—1917
 4—Othon L. Bezerra de Mello. 6—3—1919; effectivo em 7—6—1917.

- 5—Candido da Cunha Souto Maior. 30—5—1918.
- 6—José Antonio de Souza. 30—6—1918.
- 7—Affonso Viseu. 1—8—1918.
- 8—Antonio Ribeiro Seabra. 1—8—1918.
- 9—Gervasio Seabra. 1—8—1918.
- 10—A. Ommundsen. 30—10—1919.
- 11—Eduardo de Lima Castro. 12—2—1920.
- 12—Dr. Anselmo Peretti. 12—2—1920.
- 13—Dr. A. Morales de los Ríos. 12—2—1920.
- 14—Conde Ernesto Pereira Carneiro. 18—3—1920.

GRANDE BEMFEITOR

Dr. Miguel Antonio Pereira Borba. 6—2—1919;
exato bemfeitor em 23—11—1916.



INDICE

	<i>Páginas</i>
Terremotos em Pernambuco, <i>pela Redacção</i>	1
Origens de algumas praças e ruas do Recife, <i>por F. A. Pereira da Costa</i>	12
Guerra dos Maribondos, <i>por Mario Mélo</i>	38
Desembargador Primitivo de Miranda, <i>por Sa- muel Campello</i>	48
Combate da Casa Forte, <i>por Mario Melo</i>	56
Felippe Menna Callado, <i>F. H. Menna da Costa</i> .	61
Projecto da Constituição da Confederação do Equador.....	67
Relatorio do I.º Secretario perpetuo, <i>Dr. Ma- rio Mélo</i>	73
Impressões de Pernambuco, <i>de Charles B. Mansfield</i>	87
Marim-Olinda, <i>por F. A. Pereira da Costa</i>	128

Documento para a historia da revolução de 1824, <i>Redacção</i>	137
O Mytho de Sume, <i>por A. Morales de los Rios.</i>	144
Actas das sessões	173
Os mortos do Instituto.....	210
Cadastro dos socios.	213

20 MAR 1978

Dr. Gil



h 253
Historia da Revolução de Pernambuco em 1817

PELO

por *Dr. Francisco Muriz Tavares*

Terceira edição commemorativa do 1.º centenario
revista e anotada por *Oliveira Lima* grosso volu-
me de 200 paginas, com innumerables gravuras

Preço 10\$000

Medalha commemorativa do centenario da revolu-
ção 1817—cunhada em Paris

Preço 10\$000

Pedidos á Secretaria do Instituto Archeologico
Historico e Geographico Pernambucano

A Historia da Revolução tambem é encon-
trada na «Livraria Academica», rua Henrique
Martins n. 25 Manaus;—«Livraria Carioca», rua
S. Antonio n. 35 A, Pará;—«Livraria Moderna»,
rua de Nazareth 33, Maranhão;—«Livraria Ca-
talina», rua Santos Dumont 6. Bahia;—Insti-
tuto Historico do Espirito Santo;—Livraria Fran-
cisco Alves, Minas e Rio de Janeiro;—«Livraria Lei-
te Ribeiro», rua S. Antonio n. 3 Rio;—«Livraria
e papelaria Brazileira-Javradio 132—Rio;—«Li-
vraria Garnier, Rio;—«Livraria Magalhães», rua
Liberio Vadaró n. 68, S. Paulo;—Casa Garraux,
rua 15 de Novembro 40, S. Paulo;—«Livraria
Mundial», rua 15 de Novembro 41, Curitiba e
em todas as livrarias do Recife.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)